



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Lilian Alves Jandir

**“Já está trabalhando os quilombolas?”: Saberes, memórias e identidades da comunidade da Rasa na alfabetização de crianças em uma escola pública de Armação dos Búzios (RJ)**

São Gonçalo

2023

Lilian Alves Jandir

**“Já está trabalhando os quilombolas?”: Saberes, memórias e identidades da comunidade da Rasa na alfabetização de crianças em uma escola pública de Armação dos Búzios (RJ)**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Marcia Lisbôa Costa de Oliveira

São Gonçalo  
2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

J33

Jandir, Lilian Alves.

“Já está trabalhando os quilombolas?": Saberes, memórias e identidades da comunidade da Rasa na alfabetização de crianças em uma escola pública de Armação dos Búzios (RJ) / Lilian Alves Jandir. – 2023.

228f.: il.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Marcia Lisbôa Costa de Oliveira.

Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Alfabetização – Teses. 2. Letramento – Teses. 3. Quilombolas – Teses. 4. Aprendizagem – Teses. I. Oliveira, Marcia Lisbôa Costa de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB/7 - 4994

CDU 372.41

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Lilian Alves Jandir

**“Já está trabalhando os quilombolas?”: Saberes, memórias e identidades da comunidade da Rasa na alfabetização de crianças em uma escola pública de Armação dos Búzios (RJ)**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Aprovada em 29 de agosto de 2023.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Marcia Lisbôa Costa de Oliveira (Orientadora)  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Kátia Nazareth Moura de Abreu  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Angélica Souza Ribeiro  
Universidade de São Paulo

São Gonçalo  
2023

## AGRADECIMENTOS

A palavra agradecer significa expressar gratidão, admitindo a bondade que outros indivíduos têm por nós diante de determinada situação. Assim sendo, reconheço que, durante todo o processo de Mestrado, tive o privilégio de poder contar com pessoas maravilhosas, algumas longe e outras perto, mas que à sua maneira, colaboraram com a minha pesquisa e, por isso, sinto a necessidade de revelá-las neste momento.

Antes de iniciar meus agradecimentos pessoais, dou graças, primeiramente, a Deus por ter me ajudado a preservar em mim a confiança de que eu conseguiria dar conta de mais esse projeto, apesar de toda a espera, respeitando meu próprio tempo e os meus limites individuais.

Aos meus pais, Maria Teodora e Diolindo, que precisaram assumir muito cedo a vida profissional, não concluindo seus estudos, mas, mesmo assim, fizeram questão de mostrar a mim e às minhas irmãs, Leilane e Letícia, a importância que a educação tem neste país, principalmente para pessoas pretas como nós. Os dois, ainda hoje, são meus maiores incentivadores e orgulham-se por cada nova conquista.

Aos membros da família Alves, que me auxiliaram com o levantamento de fotos, com a contação de histórias dos nossos parentes e com o resgate das memórias do quilombo de Barrinha, que eu, até então, não conhecia.

Agradeço à comunidade da Escola Municipal João José de Carvalho: aos educadores e às educadoras que aceitaram responder às minhas perguntas e confiaram-me momentos de suas práticas pedagógicas; aos membros da administração, em conjunto com a diretora Andréa Batista de Araújo, pela empatia que demonstraram sentir por mim e por toda ajuda mediante as demandas apresentadas durante o curso; aos meus pequenos alunos e pequenas alunas que, mesmo sem saber, permitiram-me aprender muito mais que ensinar no decorrer do processo.

À parceira de trabalho e amiga, a Prof.<sup>a</sup> Dra. Gessiane Ambrósio Nazário, pela generosidade e auxílio no início da elaboração do meu pré-projeto de pesquisa, pelas sugestões de leitura e, também, pelas conversas e esclarecimentos diante de todas as minhas dúvidas.

À companheira Cassiane da Rocha Oliveira, amiga de profissão e moradora da Rasa, pelas contribuições com a história desse bairro e também da sua família, que pertence à comunidade quilombola do local.

Às queridas colegas, Vanessa Cabral e Daniele de Jesus, e ao querido Luiz Otávio Maia, conquistados durante o curso, que, mesmo sem nunca termos nos visto pessoalmente, por conta das aulas remotas, fomos beneficiados pela tecnologia e criamos estratégias, que nos possibilitaram ajudar uns aos outros nos enfrentamentos às dificuldades e às angústias da vida acadêmica. A prezada Vanessa ainda me concedeu a delicadeza de traduzir meu resumo para a língua inglesa.

À minha orientadora, a Prof.<sup>a</sup> Dra. Marcia Lisbôa Costa de Oliveira, pelo carinho destinado a mim e pelo respeito atribuído à minha pesquisa, desde o início, e por ter me mostrado que, dentro do tema escolhido, era importante evidenciar minha história, colocando-me em perspectiva – sem o seu direcionamento isso não teria acontecido.

À Prof.<sup>a</sup> Dra. Kátia Nazareth Moura de Abreu e à Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Angélica Souza Ribeiro, membros da banca, sou grata pela generosidade de terem aceitado meu convite para participarem do processo de qualificação e pela leitura atenta do texto. Seus comentários e suas sugestões contribuíram, significativamente, tanto para o resultado final desta pesquisa quanto para meu enriquecimento pessoal e profissional.

Por fim, agradeço a todos os demais que colaboraram para a finalização desta dissertação.

Fogo!...Queimaram Palmares,

Nasceu Canudos.

Fogo!...Queimaram Canudos,

Nasceu Caldeirões.

Fogo!...Queimaram Caldeirões,

Nasceu Pau de Colher.

Fogo!... Queimaram Pau de Colher...

E nasceram, e nascerão tantas outras comunidades  
que os vão cansar se continuarem queimando

Porque mesmo que queimem a escrita,

Não queimarão a oralidade.

Mesmo que queimem os símbolos,

Não queimarão os significados.

Mesmo queimando nosso povo,

Não queimarão a ancestralidade.

*Nego Bispo*

## RESUMO

JANDIR, L. A. “*Já está trabalhando os quilombolas?*”: Saberes, memórias e identidades da comunidade da Rasa na alfabetização de crianças em uma escola pública de Armação dos Búzios (RJ). 2023. 228 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

Esta dissertação analisa a execução de um projeto desenvolvido por meio de sequências didáticas voltado para o conhecimento da história quilombola da comunidade da Rasa, relacionando-a à alfabetização infantil, de maneira a contribuir para seu enaltecimento dentro do ambiente escolar. Considera-se, para tanto, a necessidade de implementação da lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da cultura e da história afro-brasileiras nas instituições escolares, com o intuito de garantir um ensino que coloque em prática os apontamentos trazidos na legislação, estabelecendo, ao mesmo tempo, relações com a realidade e com o contexto social no qual os estudantes estão inseridos. Dessa forma, o objetivo geral deste estudo é desenvolver uma pesquisa-ação que valorize a história e a experiência quilombola de moradores antigos da comunidade da Rasa, associando-as à aprendizagem da leitura e da escrita de crianças do 1º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública no município de Armação dos Búzios (RJ). A metodologia utilizada pauta-se na combinação entre a pesquisa-ação, a etnografia e a análise de documentos. Apresenta-se, um olhar atento aos procedimentos de alfabetização à luz de Freire (1987 [2021a]) e de Soares (2003, 2020a e 2020b). Evidenciam-se, também, as perspectivas sobre os letramentos sociais discutidas por Street (2014), as teorias de Moita Lopes (2006) para a Linguística Aplicada contemporânea e os pensamentos de Nascimento (1980), que ressalta as contribuições da história e das memórias da população negra para a sociedade, bem como a relevância dos quilombos enquanto espaços de resistência. No final desse estudo, observa-se como a inserção de planejamentos voltados para a reflexão sobre o sistema de escrita alfabética, associados ao reconhecimento e à valorização dos elementos que marcam a identidade quilombola do bairro Rasa, podem contribuir para uma aprendizagem prazerosa, significativa e indispensável para as crianças dessa comunidade.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramentos. Crianças quilombolas. Aprendizagem significativa.

## ABSTRACT

JANDIR, L. A. *“Are you already working the quilombolas contents?”: Knowledge, memories and identities of the Rasa community in the literacy process of children in a public school in Armação dos Búzios.* 2023. 228 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

This dissertation analyzes the implementation of a project developed through didactic sequences aimed at fostering awareness of the quilombola history of the Rasa community, linking it to childhood literacy in order to contribute to its elevation within the school environment. To achieve this goal, the need to implement Law 10.639/03 is considered, which mandates the teaching of Afro-Brazilian culture and history in educational institutions, with the aim of ensuring education that puts into practice the provisions outlined in the legislation while simultaneously establishing connections with the students' reality and social context. Thus, the general objective of this study is to develop action research that values the history and quilombola experience of long-time residents of the Rasa community, associating them with the literacy development of first-grade children in a public school in the city of Armação dos Búzios (RJ). The methodology employed combines action research, ethnography, and document analysis. It takes a close look at literacy procedures through the lens of Freire (1987 [2021a]) and Soares (2003, 2020a, and 2020b). The study also highlights perspectives on social literacies discussed by Street (2014), the theories of Moita Lopes (2006) for contemporary Applied Linguistics, and the thoughts of Nascimento (1980), emphasizing the contributions of the history and memories of the Black population to society, as well as the significance of quilombos as spaces of resistance. In conclusion, this study observes how the integration of plans focused on reflecting on the alphabetic writing system, coupled with the recognition and appreciation of elements that define the quilombola identity of the Rasa neighborhood, can contribute to enjoyable, meaningful, and essential learning for the children in this community.

Keywords: Literacy. Literacies. Quilombola children. Meaningful learning.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Organograma 1 -	Projeto Quilombola .....	39
Figura 1 -	Vovó Cotinha e tia Pastorinha .....	43
Figura 2 -	Tio Manoel Luzia, Tia Marina e vovó Cotinha .....	43
Figura 3 -	Vovô Chico trabalhando com a enxada .....	48
Figura 4 -	Vovô Chico à sombra da amendoeira .....	49
Figura 5 -	Minha tia Pastorinha e minha bisavó Pastora .....	50
Figura 6 -	Minha bisavó Pastora .....	50
Figura 7 -	Marina e Maria Teodora na praia Rasa .....	55
Figura 8 -	Vovó Cotinha .....	56
Figura 9 -	Casamento de Maria Teodora e Diolindo em 1977 .....	57
Figura10 -	Vovó Cotinha, em comemoração aos seus 80 anos, e vovô Chico .....	58
Figura 11 -	Capela de Santa Teresa D'Ávila na Barrinha .....	59
Figura 12 -	Vovó Cotinha batendo mandioca para alimentar as galinhas .....	60
Figura 13 -	Mapa com a localização de Barrinha .....	61
Figura 14 -	Fazenda São Pedro .....	62
Figura 15 -	Mapa de Armação dos Búzios em bairros .....	71
Figura 16 -	Praça Quilombola da Rasa .....	73
Figura 17 -	Busto de deusa africana, erguido na Praça Quilombola ...	74
Figura 18 -	Escultura homenagem ao quilombo .....	75
Figura 19 -	Praça do INEFI/Tia Uia .....	76
Figura 20 -	Mapa com as comunidades quilombolas do estado do Rio de Janeiro .....	83
Diagrama 1 -	Ciclo da pesquisa-ação .....	95
Figura 21 -	Cartaz Personalidades Quilombolas da Rasa .....	99
Figura 22 -	Roda de Conversa Conhecendo João Guelo, turma 104 ..	100
Figura 23 -	Ilustração e escrita de frase .....	101
Figura 24 -	Roda de Conversa Conhecendo Dona Eva e Dona Uia, 102 .....	102

Figura 25 -	Bilhete enviado aos responsáveis dos alunos .....	103
Figura 26 -	Cartaz Famílias Quilombolas .....	104
Figura 27 -	Entrada principal da Escola Municipal João José de Carvalho .....	106
Figura 28 -	Área interna da entrada principal .....	107
Figura 29 -	A sala de aula .....	110
Figura 30 -	Retrato de João Guelo .....	110
Figura 31 -	Cartaz A história do Brasil .....	130
Figura 32 -	Cartaz África .....	131
Figura 33 -	Cartaz Ponta do Pai Vitório e Fazenda Campos Novos .....	132
Figura 34 -	Atividade com a palavra Quilombo .....	133
Figura 35 -	Atividade associação grafema/fonema .....	133
Figura 36 -	Quebra-cabeça Dona Eva .....	135
Figura 37 -	Caça-palavras .....	135
Figura 38 -	Atividade para associação grafema/fonema .....	136
Figura 39 -	Escrita espontânea/escrita com intervenção .....	137
Figura 40 -	Troca-letras .....	137
Figura 41	Membros de uma família quilombola .....	138
Figura 42 -	Refletindo sobre a sílaba inicial .....	140
Figura 43 -	Nomes de figuras que rimam com João Guelo .....	140
Figura 44 -	Nomes de figuras que rimam com quilombola .....	141
Figura 45 -	Cartaz Memórias quilombolas .....	142
Figura 46 -	Escrita de legenda .....	143
Figura 47 -	Escultura com massinha de modelar .....	143
Figura 48 -	Cartaz Rasa e caça-palavras .....	145
Figura 49 -	Ilustração .....	146
Figura 50 -	Palavra Rasa .....	147
Figura 51 -	Análise de palavra e escrita .....	148
Figura 52 -	Palavra Angola .....	148
Figura 53	Escrita de frases .....	149
Figura 54 -	Elaboração de cartaz .....	150
Figura 55 -	Exposição de cartazes .....	150
Figura 56 -	Letras móveis, ilustração e frase .....	151

Figura 57 -	Pedido de autorização .....	153
Figura 58 -	Visita à Fazenda Campos Novos .....	155
Figura 59 -	Visita à Praça Quilombola .....	155

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Propriedade do sistema de escrita alfabética (SEA) .....	86
Quadro 2 -	Perguntas para a roda de conversa Conhecendo João Guelo ..	100
Quadro 3 -	Perguntas para a roda de conversa Conhecendo Dona Eva e Dona Uia .....	102
Quadro 4 -	Perguntas formuladas para professores .....	117
Quadro 5 -	Perguntas formuladas para supervisora, orientadora e diretora.	118
Quadro 6 -	Valorização dos alunos e de suas respectivas famílias em relação à temática quilombola na escola .....	119
Quadro 7 -	Contribuições das legislações e dos documentos que tratam da cultura negra e quilombola para a prática da sala de aula ....	122
Quadro 8 -	Materiais, recursos e capacitações para a inclusão da cultura quilombola da Rasa na sala de aula .....	123
Quadro 9 -	A cultura quilombola na realidade da prática docente .....	127

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
	<b>DIÁRIO DE UMA PROFESSORA ALFABETIZADORA: REFLEXÕES SOBRE QUEM OUSA INOVAR NA SALA DE AULA ..</b>	<b>23</b>
	<b>PROJETO QUILOMBOLA .....</b>	<b>38</b>
<b>1</b>	<b>EU, MULHER QUILOMBOLA: O DESPERTAR DE UMA IDENTIDADE ADORMECIDA .....</b>	<b>40</b>
<b>1.1</b>	<b>Iolanda Ferreira Alves, a vovó Cotinha .....</b>	<b>56</b>
<b>1.2</b>	<b>Barrinha: cada quilombo tem sua história .....</b>	<b>60</b>
<b>2</b>	<b>QUILOMBO DA RASA: A MATRIZ IDENTITÁRIA DA COMUNIDADE .....</b>	<b>68</b>
<b>2.1</b>	<b>Lugares de memórias quilombolas da Rasa .....</b>	<b>73</b>
<b>3</b>	<b>QUILOMBOS RASA E BARRINHA: DAS MEMÓRIAS SILENCIADAS ÀS MEMÓRIAS REVELADAS .....</b>	<b>77</b>
<b>4</b>	<b>DIFERENTES TEORIAS A FAVOR DE UMA ALFABETIZAÇÃO QUILOMBOLA .....</b>	<b>84</b>
<b>5</b>	<b>MÉTODO EM QUESTÃO: DELIMITANDO OS CAMINHOS A PERCORRER .....</b>	<b>94</b>
<b>5.1</b>	<b>Os procedimentos da pesquisa .....</b>	<b>96</b>
<b>5.1.1</b>	<b><u>Rodas de conversa</u> .....</b>	<b>98</b>
<b>5.1.2</b>	<b><u>Levantamento sobre estudantes de origem quilombola</u> .....</b>	<b>102</b>
<b>5.1.3</b>	<b><u>Análise de documentos</u> .....</b>	<b>104</b>
<b>5.2</b>	<b>O contexto: a escola, seus agentes e sua estrutura pedagógica ..</b>	<b>106</b>
<b>5.2.1</b>	<b><u>Os sujeitos da pesquisa</u> .....</b>	<b>112</b>
<b>6</b>	<b>“A GENTE ESTÁ CORRENDO ATRÁS É DA ALFABETIZAÇÃO”: DIFERENTES PERSPECTIVAS LANÇADAS SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DA CULTURA QUILOMBOLA DA RASA NA</b>	

	<b>ESCOLA MUNICIPAL JOÃO JOSÉ DE CARVALHO .....</b>	<b>116</b>
<b>7</b>	<b>A INTERVENÇÃO: REFLETINDO SOBRE O SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA A PARTIR DA HISTÓRIA QUILOMBOLA DA COMUNIDADE DA RASA .....</b>	<b>129</b>
<b>7.1</b>	<b>Sequência didática a partir do livro “Zumbi, o pequeno guerreiro”, de Kayodê .....</b>	<b>151</b>
<b>7.2</b>	<b>Aula-passeio: visita à Fazenda Campos Novos e à Praça Quilombola .....</b>	<b>152</b>
<b>7.3</b>	<b>O Caderno Pedagógico: um produto gerado na prática .....</b>	<b>155</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>162</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>169</b>
	<b>APÊNDICE A – Caderno Pedagógico .....</b>	<b>173</b>
	<b>APÊNDICE B – Projeto apresentado à Secretaria de Educação de Armação dos Búzios para autorização de aula-passeio .....</b>	<b>217</b>
	<b>ANEXO A – Termo de autorização institucional .....</b>	<b>222</b>
	<b>ANEXO B – Termo destinado aos profissionais da escola .....</b>	<b>223</b>
	<b>ANEXO C – Termo destinado aos moradores da comunidade .....</b>	<b>225</b>
	<b>ANEXO D – Termo destinado aos responsáveis dos alunos .....</b>	<b>227</b>

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa encontra-se registrada na Comissão de Ética em Pesquisa da Plataforma Brasil sob o código identificador 59881922.9.0000.5282. A motivação para a realização deste estudo surge em meio a algumas inquietações. A primeira delas gira em torno do município de Armação dos Búzios ser reconhecido e famoso, apenas, por suas belas praias e paisagens, por contar com pousadas e hotéis luxuosos, além da Rua das Pedras, importante ponto turístico localizado no centro da cidade, que abriga várias lojas e restaurantes. Essas são as informações utilizadas nas propagandas para movimentar o setor turístico da cidade. Esse local passou a figurar no mapa como rota turística, após ter recebido a visita da atriz francesa Brigitte Bardot, na década de 1960. A partir desse período, esse foi o pretexto usado para ajudar a propagar o lugar e atrair novos turistas. Na página da prefeitura, no registro da história oficial do município que aparece descrita, não há sequer uma menção aos povos negros e seus descendentes que contribuíram significativamente para a fundação de diversas comunidades, incluindo-se aqui a Rasa. Não há referência à população quilombola; principalmente, não há alusão às memórias desses grupos e das lutas por seus direitos.

A outra preocupação segue na direção das observações realizadas diante de 10 anos de trabalho como professora de turmas de 1º ano do Ensino Fundamental em uma escola que desconsidera a história de vida e a cultura das pessoas que fazem parte da comunidade e não utiliza essas informações como potentes estratégias capazes de gerar reflexão e aprendizagem. Algo que também causa incômodo é o fato de, ainda, não existirem materiais elaborados com esse intuito: incluir essa história quilombola dentro do espaço escolar e propagá-la com as crianças. Por fim, mas não menos importante, a falta de relação e diálogo entre os membros da comunidade quilombola com a instituição escolar de modo a promover a valorização dessa cultura.

É possível estabelecer, dessa forma, que todos esses desconfortos convergem para o mesmo lugar: o não reconhecimento da verdadeira história da formação do município e, principalmente, do bairro Rasa, que foi constituído a partir da presença de pessoas escravizadas, trazidas do continente africano e que contribuíram, de maneira direta, para a origem de Armação dos Búzios.

A discussão em torno da temática quilombola, bem como dos direitos que precisam ser garantidos aos remanescentes dessas comunidades, continua gerando muitos questionamentos, apesar de já existirem normas legais que regulamentam o acesso à educação, à saúde, à moradia, à terra e a outras questões básicas para garantir dignidade a esse grupo. No campo educacional, destacam-se a lei 10.639/03<sup>1</sup>, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2017) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica (2012), que serão abordadas mais adiante. Mesmo com leis que indicam a importância de se colocar em pauta discussões que valorizem a história da população negra brasileira, bem como dos povos africanos que contribuíram para a formação do que hoje se configura cultura brasileira, ainda há muito a ser feito nos espaços escolares.

Os Movimentos Negros tiveram grande relevância nas conquistas de direitos da população negra do Brasil, lutando para que essas pessoas fossem incluídas no cenário de discussões políticas e sociais a fim de que, com isso, passassem a ser vistas como cidadãs dotadas de direitos. Segundo Gomes (2017), esses Movimentos articularam-se para combater o racismo e, também, para defender a valorização da história e da cultura negra no país. Formularam propostas para conter as desigualdades sociais fundamentadas num passado marcado por anos de escravidão e submissão, às quais essa camada da população foi, durante muito tempo, subjugada. Conseqüentemente, as cicatrizes deixadas pela escravização, opressão e humilhação de pessoas negras, ainda hoje, denunciam a maneira como essa população é vista e tratada. A seguir, destaco algumas das conquistas postas em evidência por parte desses grupos ativistas para integrar os negros na pauta educacional.

A lei 10.639/03 estabelece a obrigatoriedade do ensino da cultura e da história afro-brasileiras nos estabelecimentos escolares, públicos e particulares, nos níveis Fundamental e Médio, em todo o território nacional. Com base nessa regulamentação, questões relacionadas à vida, à história e às contribuições dos negros africanos precisam estar inseridas no currículo e, dessa forma, ser refletidas e contempladas nas propostas de atividades escolares, de modo interdisciplinar, principalmente no que diz respeito aos componentes de Educação Artística,

---

<sup>1</sup> Essa lei foi alterada pela Lei 11.645/08 de modo a incluir a questão indígena.

Literatura e História. Toda a luta dessa população, outrora escravizada, deve ser acrescentada nos materiais de estudo de tal forma que fiquem evidenciadas sua importância na formação da identidade nacional, bem como sua colaboração nos campos social, político e econômico do país.

Aposto, também, a homologação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, fundamentada na Resolução CNE/CEB 08/12 junto ao Conselho Nacional de Educação (CNE) e à Câmara de Educação Básica (CEB). Esse documento é direcionado a todas as escolas quilombolas ou àquelas que atendam a alunos dessas comunidades, que estão em alguma das etapas ou modalidades da Educação Básica<sup>2</sup> e explica, detalhadamente, como essas instituições precisam ser organizadas. Além disso, as Diretrizes sinalizam como as questões culturais, a territorialidade e os conhecimentos da população precisam ser contemplados nas atividades desenvolvidas, demonstrando sua relevância para a aprendizagem dos estudantes dessas localidades.

Como exposto nessa diretriz, quilombo é uma comunidade étnico-racial, que traz nas bases de sua formação histórica uma ancestralidade negra, que foi escravizada e que reclama por seus direitos, demonstrando resistência à dominação vivenciada no passado. Esses grupos, espalhados por todo o país, podem estar situados em áreas rurais ou urbanas e trazem como reivindicações a posse de suas terras e de seus territórios, bem como as maneiras de utilizá-los para manter vivos seus elementos culturais (DCNEQ, 2012).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), documento que normatiza os currículos em território nacional, apesar de mencionar a população quilombola, o faz de modo superficial e genérico, sem considerar a extensão do Brasil, bem como os diferentes grupos com suas respectivas culturas. Além disso, não aponta a necessidade de discussão desse tema tão importante em todos os níveis de escolaridade. A proposta curricular do Ciclo de Alfabetização do município de Armação dos Búzios, por exemplo, elaborada e atualizada seguindo os direcionamentos da BNCC, apresenta como objetivo de aprendizagem “Reconhecer e identificar historicamente e atualmente a existência e importância dos grupos

---

<sup>2</sup> De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, consideram-se as seguintes etapas e modalidades de ensino como integrantes da Educação Básica: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação do Campo, Educação Especial, Educação Profissional Técnica de Nível Médio, Educação de Jovens e Adultos e Educação a Distância. (DCNEQ, 2012, p.3)

quilombola e indígena na identidade e cultura locais.” No entanto, não mostra em nenhuma das propostas de ensino, de maneira específica, um planejamento com materiais elaborados que coloque em evidência e discuta a história do bairro Rasa, assim como as experiências dos moradores mais antigos que ajudam a explicar a identidade quilombola desse local. É importante citar aqui que, no município de Armação dos Búzios, há dois quilombos certificados pela Fundação Cultural Palmares: Rasa e Baía Formosa.

As conquistas dos Movimentos Negros tornaram-se reais após anos de lutas e discussões, mas ainda precisam de um olhar atento da população. Apesar da existência de legislações vigentes no país para atender às demandas educacionais, de modo a incluir o povo negro e sua história no contexto escolar, como descrito neste estudo, o que se percebe, ainda hoje, é que esse assunto, na maioria das vezes, é estudado e lembrado nos espaços de ensino, assim como em todo território nacional, em datas comemorativas, da qual se destaca 20 de novembro, dia de celebração da Consciência Negra. Em outras vezes, aparece somente para cumprir exigências burocráticas, vindas da Secretaria de Educação. Com propostas de atividades sem embasamento teórico e descontextualizadas, torna-se cada vez mais difícil propor mudanças que caminhem em direção à valorização, ao respeito e ao reconhecimento de direitos da população negra brasileira (GOMES, 2017).

Desta maneira, tenho percebido que, até este momento, as histórias de vida de meninos e meninas, das suas famílias, grande parte delas descendentes de quilombolas e da comunidade como um todo, não são abordadas dentro do espaço escolar com a importância merecida. A partir disso, a proposta geral deste estudo é desenvolver uma pesquisa-ação que valorize a história e a experiência quilombolas de moradores antigos da comunidade da Rasa, associando-as à aprendizagem da leitura e da escrita de crianças do 1º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública, no município de Armação dos Búzios. Como objetivos específicos, apresento, inicialmente, discutir o processo de escolarização de crianças negras, quilombolas e moradoras de áreas periféricas, bem como sua relação com o racismo estrutural no Brasil, evidenciando a importância de colocarmos em perspectiva pessoas negras da comunidade onde vivem e suas respectivas histórias dentro da instituição de ensino. Na sequência, trago como intenção elaborar propostas pedagógicas, que relacionem a história da comunidade quilombola da Rasa e as memórias de alguns membros mais antigos desse local a planejamentos voltados

para os letramentos e para a alfabetização infantis, realizando-as com os alunos em sala de aula.

Ressalto que, além de professora dessa escola, sou moradora do bairro. A prática de dar importância às contribuições da população negra, bem como aos elementos das memórias e da cultura quilombolas locais, geralmente acontecem dentro da instituição no mês de novembro. Para ilustrar essa declaração, cito um episódio ocorrido entre mim e uma colega na sala dos professores. Recordo-me que eu estava organizando meu planejamento, que incluía atividades sobre o passado da comunidade. Nesse período, o projeto para discutir com as crianças a história do bairro Rasa, bem como sua identidade quilombola, já havia iniciado nas minhas duas turmas de 1º ano do Ensino Fundamental. Ela parou perto de mim, olhou o material e perguntou: *“Já está trabalhando os quilombolas?”* Eu respondi que “sim”. Então, ela não se conteve e declarou: *“Mas a gente já trabalha no dia da Consciência Negra!”* Respondi-lhe que essa questão estava incorporada entre as habilidades que deveriam ser discutidas com os alunos e que não precisaríamos esperar para considerá-la, apenas, naquele momento. Ela ficou em silêncio, deu um tímido sorriso e se afastou.

Assim como minha companheira de trabalho, eu também tinha esse pensamento. Aproveitava que ia realizar atividades para tratar o dia da Consciência Negra e acrescentava, da mesma forma, elementos sobre a origem do bairro e sobre os habitantes mais antigos. Percebi, no entanto, que somente um dia não dava conta de discutir tantas questões importantes junto aos alunos. Além disso, começou a causar-me certo incômodo nossa escola estar situada em um território quilombola, local repleto de memórias para serem contadas e registradas, que inclusive ajudaram a fundamentar a origem da formação do município, e tudo isso não fazer parte da nossa rotina escolar. Não considerar as informações e os materiais diversos que poderiam ser levados para a sala de aula, servindo como ferramentas para auxiliar nos processos de aprendizagem tanto da leitura quanto da escrita de maneiras extremamente significativas, fizeram-me pensar muito sobre minha prática pedagógica enquanto professora responsável por alfabetizar meninas e meninos dentro dessa comunidade.

Participam desta pesquisa crianças que habitam o bairro Rasa e áreas próximas ao território, muitas delas filhas, sobrinhas, netas e bisnetas de membros da comunidade quilombola que não conhecem sua origem; e a escola, até este

momento, não tem conseguido inserir esse tema, sistematicamente, nas propostas de ensino para promover reflexão. Sendo assim, o fato de essa instituição não apresentar e debater as memórias da população quilombola local de maneira considerável, tanto para evidenciar sua importância quanto para valorizar a história da comunidade e das pessoas negras moradoras desse espaço, este estudo busca discutir as questões mencionadas considerando a relevância dos saberes quilombolas nos processos de letramentos de crianças do bairro da Rasa.

Em relação ao ensino e à aprendizagem das crianças quilombolas, considera-se que o conhecimento da realidade local (social, cultural, política e econômica) da comunidade, no âmbito da sua historicidade, pode contribuir de modo relevante para o desenvolvimento de habilidades de leitura e de escrita das mesmas. Refletir sobre o sistema de escrita alfabética, utilizando a história, as vivências e as experiências da comunidade tornam-se ferramentas eficazes para permitir que os discentes quilombolas sejam inseridos num verdadeiro e significativo processo de alfabetização fundamentado nos letramentos. Dessa forma,

a linguagem como produtora de conhecimento, ao não apresentar de maneira sistemática e elaborada elementos da história e da cultura africanas e afro-brasileiras, elimina não só a possibilidade de as crianças conhecerem tal história e cultura, como também leva à ideia de que não possuem importância, portanto sua ausência se torna normal, natural, a ponto de nem ser denunciada e desejada. Esse fato configura um círculo vicioso de silêncio e silenciamento, que dificulta a reflexão das crianças sobre as relações raciais no cotidiano escolar, e ao mesmo tempo, sobre o próprio pertencimento racial (CAVALLEIRO, 2011, p. 99).

Sendo assim, atribuo a esta pesquisa três características principais: "prazerosa", "significativa" e "indispensável". Isso porque esses termos conseguem dimensionar a relevância que a inclusão da história quilombola do bairro Rasa, associada às práticas para a reflexão sobre a escrita, apresenta para o trabalho desenvolvido dentro do cenário escolar. Logo, considero como "prazerosas" as atividades que foram relacionadas à essa temática e executadas com as crianças, como a criação de desenhos, a utilização de massinha de modelar, a pintura de figuras, a montagem de quebra-cabeças, a realização de aula-passeio, o recorte e a colagem de figuras. Tudo isso sem a necessidade de realização de cópias ou de tarefas mecânicas e descontextualizadas. A aprendizagem ocorreu por meio das reflexões conduzidas por mim. "Significativa" porque os alunos foram estimulados a ler, a ouvir histórias e a refletirem sobre nosso sistema de escrita alfabética, partindo

do entendimento sobre o lugar onde estão e, além disso, considerando as pessoas que viveram e ainda vivem no bairro. São elementos da realidade utilizados no espaço da sala de aula. Enfim, “indispensável” por ser urgente o debate sobre a temática quilombola dentro do nosso meio escolar, valorizando as pessoas negras, que contribuíram para a formação do bairro Rasa e para a história do município, reforçando que seus direitos territoriais precisam ser garantidos.

Este estudo é apresentado, inicialmente, com os registros do meu diário de bordo, um valioso documento, onde constam as apreciações pontuadas por mim no decorrer da pesquisa tanto no interior da escola quanto em outros espaços da comunidade. As descrições das impressões, analisando os comportamentos demonstrados pelos participantes, bem como seus relatos, tiveram peso fundamental para auxiliar na reflexão sobre o problema aqui levantado. Na sequência, exponho um organograma, no qual são especificadas as etapas e as atividades realizadas no decorrer do projeto quilombola.

Isto posto, no primeiro capítulo, exponho minha ascendência quilombola, bem como as experiências que tive quando criança e passava férias na casa dos meus avós, localizada em Barrinha, um território que passou a ser reconhecido como área quilombola pela Fundação Cultural Palmares, em 2012. Saliento que minha história de vida auxiliou-me tanto no desenvolvimento de atividades que promovessem a reflexão sobre a cultura dessa população, de maneira a valorizar as memórias e as experiências das pessoas mais velhas, quanto com propostas contextualizadas que auxiliassem os alunos na compreensão do funcionamento do sistema alfabético de escrita. Minha história de vida, contribuindo de maneira expressiva para minha prática de professora alfabetizadora.

No segundo capítulo, explico informações sobre a história do bairro da Rasa, sua configuração enquanto território quilombola e os espaços presentes na comunidade que remetem a essa identidade.

No terceiro capítulo, discuto as memórias quilombolas presentes nos territórios da Rasa e da Barrinha, bem como a importância que estas representam para a história desses territórios.

No quarto capítulo, apresento o aporte teórico utilizado para embasar este estudo. Assim, as ideias de alfabetização são discutidas à luz de Freire (1987 [2021a]) e Soares (2003, 2020a e 2020b), pois servem de base para a proposição

de atividades significativas para a aprendizagem da leitura e da escrita. As concepções de letramentos desenvolvidas por Street (2014) apontam que a aprendizagem da escrita precisa acontecer em meio a práticas que fazem parte do contexto social. No caso desta pesquisa, pautada na realidade e na cultura quilombola do lugar onde está situada a escola e, também, onde a maioria das crianças reside. Além disso, são consideradas as abordagens da Linguística Aplicada contemporânea, que propõe o estudo e a reflexão da linguagem, levando em consideração os sujeitos e os contextos nos quais estes participam (MOITA LOPES, 2006). Para tratar da importância das contribuições da história e das memórias da população negra, bem como da relevância dos quilombos como espaços de resistência, recorro às perspectivas de NASCIMENTO (1980).

No quinto capítulo, discuto a metodologia utilizada e os procedimentos empregados para o desenvolvimento da pesquisa, dentre os quais se destacam a realização de rodas de conversa com moradores da comunidade; o mapeamento das crianças descendentes de quilombolas entre os educandos; a observação e a análise crítica sobre como o ambiente de ensino discute e apresenta, junto aos seus alunos, a história do lugar onde a instituição está localizada, bem como as vivências e contribuições dos cidadãos mais antigos que ajudaram na formação do bairro; além disso, o estudo das legislações, do Projeto Político Pedagógico da escola, do seu currículo e dos outros documentos que norteiam o processo de ensino-aprendizagem para compreender como essa questão aparece descrita nos registros oficiais. Nesse contexto, aparecem, também, informações sobre os sujeitos envolvidos no estudo e o cenário no qual estes aparecem inseridos.

No sexto capítulo, promovo uma reflexão em torno dos materiais coletados nas entrevistas e rodas de conversa realizadas com os funcionários da escola. Esses profissionais responderam a questionamentos sobre o modo como veem a questão quilombola da Rasa dentro da instituição e, também, das dificuldades que enfrentam quando precisam incluir esses elementos em seus planejamentos de sala de aula.

O sétimo capítulo, por fim, traz as atividades práticas realizadas junto aos alunos para a reflexão sobre o sistema de escrita alfabética com base na história quilombola do bairro da Rasa. Todo esse material, utilizado ao longo do ano letivo, deu origem a um Caderno Pedagógico, organizado com elementos baseados na realidade material dessa comunidade quilombola, destinados à alfabetização e aos

letramentos infantis, com a finalidade de cooperar com o trabalho dos professores.

Assim, é pertinente apontar que a relevância dessa investigação é contribuir para que a memória quilombola não seja esquecida na comunidade. Além disso, cumpre auxiliar outros profissionais da educação com a elaboração de materiais capazes de promover atividades significativas, que atendam à realidade, à cultura e ao contexto no qual as crianças estão inseridas, proporcionando, dessa forma, práticas eficazes para uma alfabetização baseada nos letramentos.

## **DIÁRIO DE UMA PROFESSORA ALFABETIZADORA: REFLEXÕES SOBRE QUEM OUSA INOVAR NA SALA DE AULA**

14 de março de 2022, data precisa que escolhi para iniciar com meus alunos do 1º ano do Ciclo de Alfabetização da Escola Municipal João José de Carvalho, das turmas 102 e 104, dos turnos da manhã e da tarde, respectivamente, nosso projeto didático sobre a história e a cultura quilombolas do bairro Rasa, em Armação dos Búzios, município do Rio de Janeiro.

Nesse dia, o primeiro item da nossa rotina diária, que sempre aparecia escrito na lateral do quadro, foi seguido à risca: a leitura deleite. Momento em que eu seleciono uma história para ler para as crianças por fruição, para despertar o gosto e o interesse pelo ato de ler. Não há a necessidade, nesse instante, de que o material estabeleça algum tipo de relação com as atividades que serão realizadas na aula. Dessa vez, no entanto, decidi fazer diferente. Preferi um livro que tivesse, de certa forma, alguma conexão com o assunto e, também, com os trabalhos que seriam realizados adiante.

Optei por levar para a aula a obra literária infantil “O pequeno príncipe preto”, de Rodrigo França. O livro trouxe a história de um menino, que habitava um pequeno planeta, onde ele e uma árvore Baobá eram os únicos habitantes. Ele conseguia viajar e conhecer outros espaços quando surgiam as grandes ventanias. Assim, teve contato com diferentes criaturas, como o rei, a raposa e as crianças que viviam no Planeta Terra. Pelos lugares por onde passava, sua intenção era deixar o amor e as sementes da Baobá com o desejo de que todos fossem capazes de ter mais respeito e compreensão uns pelos outros. Como o material era bem extenso e sua leitura em apenas um dia ficaria muito cansativo para as crianças, e elas não conseguiriam prestar atenção, optei por lê-lo em 3 etapas. Isso foi combinado com os alunos.

Antes de começar a ler o texto, mostrei a capa. Nesta aparecia a figura de um menino com a pele preta, realçando sua cabeça, com uma pequena coroa, e seus ombros. Seu rosto apresentava traços físicos bem marcados: lábios grossos e nariz largo. Evidenciava-se, também, ao lado dele, a árvore Baobá. Quando exibi o livro aos alunos, perguntei-lhes sobre o que seria a história, a respeito daquilo que eles

achavam que iria acontecer. No entanto, o que ouvi foram algumas exclamações referentes à aparência daquela criança: *“Ele tem a cabeça grande!”*; *“Ele é feio!”*

No trecho lido nesse dia, surgiu a palavra “ancestralidade”. Questionei aos alunos se já tinham ouvido falar esse nome. A pequena S. respondeu-me: *“Eu já ouvi, mas não sei o que significa!”* Expliquei-lhe e ao restante da turma, tomando como base a imagem e um trecho trazidos no próprio material: o Príncipe Preto com seu pai, avô e bisavô. “Como pode existir o hoje, o agora, se você não conhece o seu passado, a sua origem, as suas características? É assim que a gente conhece a nossa ancestralidade. Isso é sabedoria e ancestralidade (FRANÇA, 2020, p.9).

Para começar a tratar com as crianças a respeito da questão quilombola local, a fim de contextualizar o assunto, achei mais pertinente iniciar a história lá no período da Colonização, apontando as viagens e invasões dos portugueses ao Brasil e ao continente africano. Conteí-lhes que a verdadeira intenção desses navegantes era explorar o território, bem como a população indígena local e levar embora todas as riquezas encontradas. Após anos de abusos contra os povos indígenas, ocuparam as terras da África e sequestraram milhões de pessoas, escravizando-as em outros países. No bairro Rasa, por exemplo, estas vieram predominantemente de Angola e, quando chegavam, desembarcavam na praia Rasa, próxima à Ponta do Pai Vitório, de onde eram levadas para a Fazenda Campos Novos para trabalhar nas terras ou, então, serem vendidas para atuar em outras propriedades. Buscando atrair a atenção das crianças, levei para a sala grandes cartazes com imagens coloridas e um mapa-múndi (mapa do mundo) e, à medida que eu ia contando a história, apontava os trajetos e sinalizava as informações nos materiais expostos.

Destaco que, na turma da manhã, a condução dessa proposta de atividade foi bem cansativa, considerando que os alunos ainda não sabiam esperar a vez para falar, ficavam conversando entre eles e, a todo momento, eu precisava parar e recomençar. No grupo da tarde, por outro lado, apesar de eu precisar retomar a explicação várias vezes, a discussão foi mais produtiva. Principalmente, quando falei sobre minha ascendência quilombola e tudo que eu fazia quando era criança e passava férias na casa dos meus avós, área quilombola denominada Barrinha, localizada em São Francisco do Itabapoana, norte do estado do Rio de Janeiro. Foi muito interessante! Quando eu falei o nome do município, a aluna A.J. disse-me que tinha estado lá, pois era o local onde seus avós moravam. Ela aproveitou o momento

e citou todos os nomes dos alimentos e das frutas plantadas nas terras dos seus avós, além dos porcos e galinhas que eles criavam. Outras crianças também falaram das árvores frutíferas que elas tinham plantadas nos seus quintais.

Nesse mesmo dia, com o intuito de fazer um levantamento de quantos estudantes quilombolas tinham nas minhas duas turmas, enviei um bilhete aos responsáveis, no qual eles precisariam responder se a criança era ou não pertencente a esse grupo. Em caso afirmativo, seria necessário informar-me o sobrenome. Por meio desta pesquisa, verifiquei, mais tarde, que a aluna A. J. não era de origem quilombola.

Sempre após as conversas e explicações sobre a história local, realizávamos atividades para a reflexão sobre o sistema de escrita alfabética. Nesse dia, os alunos recortaram e colaram figuras referentes aos alimentos que faziam parte da dieta desse grupo presente no bairro, levando em consideração que estes vinham dos animais que eram criados ou eram conseguidos no mar. Em seguida, colaram-nas junto às letras da palavra "quilombo", promovendo a relação grafema/fonema. Uma atividade semelhante foi enviada para casa, a fim de que as crianças pudessem realizá-la com o apoio de um responsável.

No dia 15 de março, eu estava sentada na sala dos professores, organizava meus materiais quando uma colega veio até mim e perguntou se eu já estava trabalhando os quilombolas. Eu respondi que sim, mas ela apontou que já trabalhávamos esse assunto no Dia da Consciência Negra. Pontuei que a questão não precisava ser abordada somente neste momento, já que temos, dentro da Matriz Curricular do município, um objetivo de aprendizagem que determina que o assunto seja contemplado durante todo o ano letivo, além das legislações. Ela não me deu resposta.

Nosso segundo encontro com a temática quilombola foi mais proveitoso no grupo da tarde, mesmo com os alunos falando bastante durante as explicações, principalmente K. e S., que sempre atrapalhavam o desenvolvimento dos trabalhos com suas brincadeiras fora de hora. Retomei os cartazes utilizados nas aulas anteriores. À medida que eu ia fazendo perguntas sobre os elementos da história, alguns alunos respondiam. Decidi convidar algumas crianças para localizarem e pintarem nos cartazes palavras importantes, como "quilombo", "África", "africanos", "portugueses" e "Brasil".

Levei para a sala dois novos cartazes: um explicando o que era o Quilombo

da Rasa, local onde viviam os descendentes das famílias de pessoas que haviam sido escravizadas nas terras da Fazenda Campos Novos e, o outro, trazendo as fotos e os nomes de três personalidades quilombolas locais para serem discutidas nos nossos encontros: Dona Eva, Dona Uia e João Guelo. Antes de eu colar esse último material no quadro para análise, o aluno K. conseguiu ver que havia a imagem da sua avó. Pedi a ele que guardasse segredo, até que eu terminasse de explicar à turma as informações contidas no material apresentado. Quando fixei o segundo cartaz no quadro, pedi a K. que contasse a surpresa. Então ele disse que apareciam nas imagens “a vovó *Eva* e a vovó *Uia*”. Nesse caso, expliquei-lhe que Dona Eva era sua bisavó, já que ela era a mãe da Dona Uia. Mesmo mostrando-se tímido diante da atividade que exibia sua família, ele sorriu.

Eu e as crianças conversamos sobre a importância dessas três personalidades para o bairro Rasa. Fiz questão de colar esse cartaz em uma das paredes do corredor, próximo à porta da nossa sala de aula. Uma companheira de trabalho enviou-me mensagem, via *Whatsapp*, contando que seu aluno B. viu a foto e falou: “*Tia, a foto da minha avó está ali na parede!*” Ela perguntou-lhe se ele havia gostado, mas não obteve resposta.

Eu sempre gostava de voltar às histórias já contadas antes de acrescentar novos elementos. Para isso, utilizava os materiais expostos na sala. Dessa forma, no dia 21 de março, utilizei novamente nosso cartaz com as personalidades quilombolas. Falei sobre João Guelo aos alunos, sobre sua importância para a comunidade, sobre ele ser o patrono da escola. Inclusive, disse que havia no pátio um enorme retrato dele pintado na parede. A aluna M.E. relatou-me que ainda não tinha visto essa imagem. Não deu tempo de mostrá-la neste mesmo dia, mas fiz isso em outro momento.

Em mais um acontecimento vivenciado na sala dos professores, decidi dividir com uma colega as atividades que eu estava desenvolvendo com meus alunos sobre a cultura quilombola da comunidade. Sim! A mesma companheira de trabalho que havia me perguntado se eu já estava trabalhando esse assunto. No entanto, dessa vez, seu questionamento foi se eu ainda estava utilizando esses materiais nas minhas aulas. Seu embasamento para tal pergunta estava no fato de que o Dia dos quilombolas já tinha passado. Referia-se, neste caso, a lei municipal 1.021, de 2014, que institui 16 de março como o dia do quilombola e essa data precisa ser incluída no calendário escolar.

A fim de dar continuidade a nossa conversa, afirmei-lhe que esse assunto poderia ser trabalhado em qualquer momento e que, inclusive, este estava sendo negligenciado por nós dentro da nossa escola. Apontei, também, que o tema poderia ser incluído em outros conteúdos. Apresentei-lhe, então, uma proposta de atividade que eu tinha elaborado sobre uma família quilombola, considerando os parentes de um dos meus alunos. Ela pontuou que esse material poderia ser utilizado em novembro. Então, disse-lhe que nesse mês, eu ainda estaria contemplando esse assunto. Além disso, mencionei que o material que eu estava produzindo fazia parte da minha pesquisa de Mestrado, mas que, ao final, tudo seria disponibilizado para os professores utilizarem na escola. Confesso que com essa fala da colega, fiquei com a sensação de que, para ela, trabalhar a questão quilombola naquele momento, fora do mês de novembro, esgotaria todo o assunto. Dessa maneira, não teríamos mais o que falar quando chegássemos ao Dia da Consciência Negra.

Houve um dia em que a mãe da aluna M., do turno da manhã, chegou à porta da sala para deixá-la. Avisou-me que a menina estava faltando às aulas por motivo de doença. Aproveitou, também, para questionar-me sobre o fato de a aluna levar para casa questões sobre os quilombolas da Rasa. Disse-me, portanto, que não sabia sobre o assunto, pois estava morando no bairro há cerca de um ano. Percebi que tal fato causou-lhe um certo estranhamento. Então, informei a essa mãe que a cultura e a história da comunidade faziam parte do nosso currículo. Aproveitei o momento e fiz questão de exibir alguns dos cartazes que estavam expostos nas paredes do nosso espaço de aula. Essa mãe demonstrou entender e concordar com as minhas propostas quando afirmei que as tarefas enviadas para serem realizadas em casa, pela pequena M., eram um complemento do assunto trabalhado na escola.

No mês de abril, elaborei um cartaz sobre a família quilombola do aluno K., da turma da tarde. Utilizei sua imagem, da Dona Uia, sua avó, e da Dona Eva, sua bisavó. Fiz uso dessa proposta para complementar o tema “família”, que estava discutindo com as crianças. Os alunos receberam uma cópia da atividade e, juntos, fomos estabelecendo o grau de parentesco dessas três pessoas. K. estava presente na aula, mas, um dia antes, eu havia avisado a ele que faríamos uma atividade muito legal. Percebi, num certo momento da realização dessa tarefa, que ele se mostrou chateado, porque o colega M. tinha dito que a sua família era feia. Perguntei ao menino o motivo pelo qual tinha feito essa afirmação, mas não consegui uma resposta. Tentei tranquilizá-lo, assegurando-lhe que ele tinha uma

linda família. Falei isso em voz alta para que todos ouvissem. Depois desse triste episódio, realizamos a proposta coletivamente. Eu fazia os questionamentos e registrava as respostas no cartaz. Ao mesmo tempo, os alunos iam realizando a escrita das palavras na folha estruturada que havia entregue a eles. No final, fixei o cartaz no corredor, próximo à porta da nossa sala. Imediatamente, apareceu uma aluna, que eu não conhecia, perguntou-me sobre o significado daquele material. Informei-lhe que era uma família quilombola da comunidade e, caso ela quisesse saber mais sobre o assunto, poderia procurar-me depois. Até mesmo para que eu pudesse mostrar a ela os outros cartazes que estavam no interior da nossa sala.

Com o grupo da manhã, também tivemos uma ocorrência relacionada aos traços físicos de uma das personalidades quilombolas. L., diante da figura da Dona Uia, declarava que ela era feia. Considerei mais esse momento da aula para conversar com toda a turma. Mostrei às crianças que não somos pessoas iguais, cada uma tem características físicas diferentes, que precisam ser respeitadas. Naquele instante, L. e os outros alunos demonstraram ter entendido minha colocação.

Preciso destacar que, no decorrer dessa aula, a aluna M.E. chegou perto de mim e perguntou-me o que era quilombola. Apesar de eu já ter explicado, aproveitei a oportunidade para falar sobre o assunto novamente para toda a turma. Recorri aos nossos cartazes, que, por sinal, já havia decidido que ficariam em evidência até o final do nosso projeto para possíveis consultas. Nesse dia, dei-me conta de que as crianças não compreendiam esse significado com facilidade.

Na nossa primeira reunião entre responsáveis e professores, expliquei-lhes que estávamos trabalhando a temática quilombola. relatei que existem leis que regulamentam essa questão, sendo uma delas reconhecida pelo próprio município de Armação de Búzios. Informei-lhes que, por enquanto, tínhamos dado uma pausa nas tarefas relacionadas ao tema, mas que iríamos retomá-las em nossas aulas futuras. Eles não falaram nada.

A fim de dar conta das outras demandas do espaço escolar, precisei interromper momentaneamente nossas tarefas contemplando a cultura quilombola. Para minha surpresa e alegria, o aluno C., da turma 104, questionou-me quando iríamos tratar novamente sobre a referida questão, apontando para nossos materiais pedagógicos fixados na parede. Fiquei curiosa e perguntei-lhe o porquê. Segundo C., ele gostou muito da história dos quilombolas e, também, dos povos africanos.

Além disso, tinha contado o que ouviu na escola para os membros da sua família.

No mês de maio, caso João Guelo estivesse vivo, no dia 30, completaria 98 anos de idade. Como eu estava discutindo com a turma o conteúdo “escola”, acreditei ser importante incluí-lo no meu planejamento. Isso porque ele é o patrono da nossa instituição. Estruturei o material com sua imagem, a mesma que aparecia no retrato pintado no pátio da escola, e levei-o para a sala em tamanho ampliado. Relatei às crianças sua importância e os motivos que o levaram a ser homenageado. Além disso, comentei que havia dentro da nossa escola um professor, P., que era membro da família do João Guelo. Apontei aos alunos a ideia de chamá-lo para uma conversa. As crianças ficaram empolgadas com essa iniciativa. Na verdade, eu soube, por acaso, que P. era bisneto de João Guelo. Estávamos no primeiro Conselho de Classe do ano quando tomei conhecimento desse fato que, por sinal, deixou-me muito animada. Depois disso, algo interessante aconteceu durante o turno da tarde. P. estava passando pelo corredor e eu aproveitei a chance para apresentá-lo às crianças. Elas ficaram maravilhadas.

Depois de muito esperar que todos os estudantes trouxessem o bilhete informando se pertenciam ou não às famílias de origem quilombola, organizei os dados coletados em um cartaz para melhor compreensão dos alunos. Já tínhamos iniciado o mês de junho quando isso aconteceu. No cartaz, apareciam a minha foto e as dos alunos com os sobrenomes das nossas respectivas famílias. Neste dia, apesar de terem faltado muitas crianças na turma 102, optei por prosseguir com a proposta que eu havia planejado. Não considerei um problema porque, além de expor as informações, o assunto também seria retomado em outras oportunidades. Mais uma vez, relembrei toda a história, baseando-me nos trabalhos colados na sala de aula. Apontei e li os nomes das crianças e os sobrenomes das suas famílias, incluindo os meus. No material, aparecia a aluna M., que pertence ao mesmo grupo quilombola que eu. Ela disse-me que não era quilombola. Quando perguntei-lhe o porquê, ela não soube me responder. Expliquei-lhe o motivo pelo qual sua responsável havia pontuado que ela era pertencente a esse grupo. Depois disso, questionei novamente se ela havia entendido. Dessa vez, disse-me que mais ou menos.

Iniciei essa proposta com o grupo da tarde da mesma maneira. No entanto, quando eu relembrava os momentos históricos, o aluno C. relatou-me que tinha visto uma imagem assustadora, segundo suas palavras, de um homem acorrentado.

Disse-me que fazia parte de uma história que outra professora tinha contado na sala. Expliquei ao pequeno C. e às demais crianças que essa figura retratava o modo como as pessoas negras escravizadas eram tratadas. Imediatamente, C. pediu que eu levasse para a aula mais elementos sobre o assunto.

Comuniquei à turma 104 que o professor P. viria a nossa sala para participar de uma roda de conversa. Pedi a cada criança que propusesse perguntas com informações que elas gostariam de saber sobre a vida do João Guelo. À medida que iam falando, eu fazia o registro no quadro e, ao lado de cada questionamento, anotava também o nome do aluno. Foi muito interessante que, nesse mesmo dia, quando saí da escola, encontrei com minha amiga C., professora que trabalha em uma escola bem próxima, além de ser sobrinha da Dona Uia e neta da Dona Eva. Decidi convidá-la para ir à nossa escola para conversar com meus alunos e ela prontamente aceitou. No dia seguinte, revelei às crianças da 102 que a professora C. viria à nossa sala. Então, registrei no quadro as dúvidas formuladas pelas crianças constando seus respectivos nomes.

No dia da primeira roda de conversa, acolhemos, na turma da tarde, o professor P. Os alunos mostraram-se ansiosos para recebê-lo, mas, durante a conversa, percebi que K. e S. não conseguiram prestar atenção por muito tempo. Inclusive, a aluna M.A. solicitou-me, por duas vezes, que eu pedisse aos dois que parassem de conversar. Apenas 12 crianças compareceram à aula. Após a fala do professor, propus às crianças que desenhassem o que tinham aprendido sobre João Guelo. Alguns, como C., M. E. e KL, além da ilustração, escreveram frases.

O grupo da 102, que estuda pela manhã, teve o prazer de receber a professora C., neta da Dona Eva e sobrinha da Dona Uia. A companheira de trabalho J., que dividia a turma comigo, cedeu-me um dos seus tempos de aula. C. trouxe para a roda de conversa diversas fotos da sua família e respondeu às perguntas das crianças, que se mostraram muito animadas com as histórias daquelas duas mulheres e, por conta disso, acabaram propondo novos questionamentos, além daqueles elaborados para a conversa com a docente convidada. Fiquei muito feliz com esse evento. Combinei, então, com C. para que, na semana seguinte, ela retornasse à escola para um diálogo com a turma da tarde.

Em julho recebemos a professora C. no turno da tarde. O encontro com os alunos da turma 104 foi bastante proveitoso. As crianças gostaram daquele momento. Precisei, no entanto, repreender K. e S., mais uma vez, por conversarem

e brincarem durante a fala da nossa convidada. Na segunda quinzena desse mês, entramos de férias, período do nosso merecido descanso.

Em agosto, retomamos a nossa rotina escolar. Importa ressaltar que momentos importantes para o desenvolvimento desta pesquisa transcenderam o espaço da sala de aula. Consegui realizar uma roda de conversa com a supervisora, a orientadora e duas professoras: uma era a regente de Língua Portuguesa, Geografia e História do primeiro ano e, a outra, regente de Matemática e Ciências do segundo ano. Realizei algumas perguntas sobre a questão quilombola na escola e, além disso, considerando o trabalho que elas desenvolviam dentro dessa instituição. Propus essa discussão após o término da nossa reunião pedagógica.

Assim que saí dessa coordenação e entrei na sala dos professores, encontrei com um professor de Educação Física, que aceitou responder ao meu questionário. No momento da nossa conversa, outro colega, que também atua com esse mesmo componente curricular, entrou no espaço e, atendendo ao meu convite, aceitou participar da nossa discussão. Estávamos no período de troca de turnos, então os colegas da tarde começavam a chegar e, aqueles que já tinham trabalhado de manhã, estavam se organizando para a próxima jornada de trabalho. Decidi chamar outras colegas para uma breve discussão. Assim, depois do nosso almoço, eu e mais 6 pessoas reunimo-nos na minha sala de aula e fizemos uma roda de conversa. Fizeram parte desse grupo: professoras atuantes no Ciclo de Alfabetização, responsáveis pelos componentes curriculares Língua Portuguesa, Geografia, História, Matemática, Ciências e Artes. As colegas foram estimuladas com perguntas que pudessem expressar suas perspectivas sobre a questão quilombola no nosso espaço escolar. Duas companheiras de trabalho mostraram-se bem tímidas, não demonstrando seus pontos de vista. Destaco aqui que uma das professoras de Artes trabalhava com os quartos e quintos anos do Ensino Fundamental, mas manifestou interesse em participar do diálogo. Achei muito válido e interessante, apesar de esse ponto de vista não estar incluído no foco do meu estudo. Nos dias seguintes, consegui conversar com outras professoras e, também, com um membro responsável pela equipe gestora. Fiquei entusiasmada com a quantidade de informações que tinha conseguido levantar para minha pesquisa.

À medida que o ano letivo ia passando e, por sinal, já estávamos em setembro, movimentações de alunos ocorreram nas nossas turmas. Alguns foram transferidos e, para ocupar as vagas que surgiram, novas crianças começaram a

fazer parte do convívio escolar. Retornei aos nossos cartazes para explicar a estudante A., assim como alguns outros novos estudantes, a história quilombola do bairro. Em determinado momento, M. E. perguntou-me se eu fui escrava. Esse foi o termo utilizado por ela. Questionei-lhe o motivo de tal pergunta e, segundo ela, era porque eu era grande e por conta da cor da minha pele. Esclareci a M.E. que o período de escravidão já havia sido encerrado, há alguns anos, e que todas as pessoas deveriam ser tratadas da mesma maneira, precisavam ser respeitadas. Após esse evento, A. perguntou-me se eu sabia o que era África. Recorri ao mapa-múndi e, além de apontar sua localização, expliquei que era um continente formado por diversos países. Eu sempre gostava de entender a motivação para os questionamentos que as crianças faziam. Dessa forma, apresentava-lhes uma outra pergunta antes de dar a resposta. Quando questionada, essa aluna respondeu-me relatando que era um lugar onde apenas havia pessoas negras. Apontei que, apesar de haver uma grande concentração dessas pessoas, grupos com a cor da pele diferente também habitam esse continente.

Em outubro, levei para a sala um novo cartaz, intitulado “Memórias quilombolas do bairro da Rasa”. Incluí essas informações no meu planejamento para discutirmos temas como “bairro” e “comunidade”. Nesse material constavam imagens da Praça do INEFI/Tia Uia, da Praça Quilombola, do Busto de Deusa Africana e de uma escultura em homenagem ao quilombo. Conversei com as crianças sobre a importância desses elementos para a cultura local do bairro. Algumas delas disseram-me que conheciam esses monumentos e, outras, que já tinham passado por perto ou tirado fotos.

Para dar continuidade a essas atividades, entreguei aos estudantes das duas turmas uma foto da escultura em homenagem ao quilombo da Rasa. Pedi que cada um escrevesse uma legenda para essa imagem, após eu explicar ao grupo do que se tratava. Notei certa dificuldade para a compreensão da proposta, principalmente de manhã. Após eu conversar e explicar várias vezes, alguns alunos conseguiram finalizar seus registros com certa autonomia. Na turma da tarde, por sua vez, as crianças que estavam nos níveis de compreensão de escrita mais avançados, realizaram o trabalho sem enfrentar tantos problemas.

Com base nessa mesma escultura, sugeri aos alunos que a reproduzissem utilizando massinha de modelar. Alguns usaram a criatividade e deram conta da proposta, outros não conseguiram realizá-la. Ressalto aqui que eu mesma havia

preparado a massinha de modelar com uma receita caseira. Como esta era bem mole e macia, a peça moldada não ficava em pé sobre a mesa. Dando sequência a essa atividade, enviei uma tarefa para ser realizada em casa. Os alunos precisariam observar a imagem da Praça do INEFI/Tia Uia, respondendo aos questionamentos que eu havia feito. Nesse mesmo dia, uma colega entrou na minha sala para falar comigo. Diante do cartaz exposto no quadro, perguntou-me se eu estava trabalhando o tema Consciência Negra. Respondi que sim. Questionou-me, em seguida, se aquele material fazia referência às minhas atividades para o Mestrado e eu também respondi de modo positivo. A companheira de trabalho pediu-me para compartilhar o material com ela e assim eu o fiz.

Na sequência desse bloco de propostas para discutir com as crianças sobre o bairro Rasa, considerei pertinente elaborar mais um cartaz, contendo um pequeno texto informativo sobre essa comunidade. Além disso, desafiei os alunos com tarefas para reflexão sobre o sistema de escrita alfabética e com a realização de ilustrações, que representassem esse local. Nesse dia, também conversamos e localizamos, no mapa do continente africano, o país Angola. Em meio a nossa discussão, surgiu o tema “racismo”. Para ilustrar nosso diálogo, utilizei como exemplos três casos envolvendo pessoas famosas e em evidência na mídia: do cantor Seu Jorge, que foi chamado de “macaco” durante um *show* que fazia em um clube de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, além de algumas pessoas terem imitado o som emitido por esse animal diante dele; do jogador de futebol Vinícius Júnior, atacante do time espanhol *Real Madrid* e, ainda, membro da seleção brasileira de futebol, que teve suas danças em campo questionadas, sendo, portanto, comparado a um “macaco”; e do humorista Eddy Júnior, morador de São Paulo, que foi xingado de “macaco”, “imundo” e “bandido” por uma moradora do seu prédio. Em conversa com as crianças, expliquei que essas três pessoas tinham a cor da pele preta, mas que ninguém podia ser desprezado e discriminado por conta disso. Apontei em tom enfático que essas atitudes configuravam crime. As crianças aproveitaram para contar outros casos de preconceito que tinham visto na *internet*.

Chegamos ao mês de novembro, período que eu aproveito para inserir nos meus planejamentos atividades sobre o município de Armação dos Búzios. Organizei, dessa forma, mais uma sequência didática contemplando o assunto. Eu gosto muito de trabalhar com esse tipo de planejamento, pois acredito que é um meio de manter todas as propostas inseridas em um mesmo contexto. Apontei fatos

históricos do local, como os povos negros e indígenas serem os primeiros habitantes desse território. As crianças da turma 102 aproveitaram para tirar muitas dúvidas, inclusive retomando a questão quilombola, que estávamos discutindo desde o início do ano. Fizeram-me as seguintes perguntas: *“Pessoas que eram ricas também eram escravizadas?”* Respondi que quando os portugueses invadiram o continente africano, sequestraram príncipes e princesas, reis e rainhas, escravizando todos que eram capturados. *“Quem salvou os escravizados?”* *“Por que os brancos não foram escravizados?”* Esse último questionamento foi feito pelo aluno A. O pequeno C. elaborou a seguinte resposta para o colega: *“Os brancos não foram escravizados, porque fizeram os pretos escravizados.”*

O final do nosso ano letivo estava próximo. 12 de novembro é o aniversário do município de Armação dos Búzios, data que marca sua emancipação político-administrativa. Excepcionalmente, no ano de 2022, o desfile cívico para comemorar seus 27 anos aconteceu no dia 11, sexta-feira, considerando que esse feriado municipal cairia em um sábado. Durante esse evento, as escolas desfilam para a comunidade e, também, para as autoridades locais, apresentando, em pequenas alas, o projeto desenvolvido pela instituição no decorrer do ano letivo.

Nesse dia, os funcionários e os alunos da E. M. João José de Carvalho, que haviam sido convocados para participar da cerimônia, precisaram comparecer à escola mais cedo para ajudar na finalização dos últimos detalhes do desfile. Quando eu cheguei, vi que três crianças, que estudavam comigo, tinham sido convidadas para compor o desfile. Na primeira oportunidade que tive, elogiei as roupas de L., afirmando que ela estava muito bonita. Perguntei-lhe: *“Está vestida de quê?”* Ela respondeu-me: *“Não sei!”* *“É uma roupa florida!”* M.I. também estava com essa mesma vestimenta, mas não soube explicar o motivo. Tratava-se de um *body* e uma saia com estampa floral. Na cabeça e nas mãos, dentro de um caixote, traziam flores como enfeites. Descobri, mais tarde, que elas e mais outras duas meninas compunham a ala “quilombolas”. Em uma conversa comigo mesma, entre mim e meus pensamentos, cheguei a conclusão de que não havia a possibilidade dessas crianças conseguirem construir um significado para a participação que tiveram no evento. Isso no sentido de entenderem os motivos pelos quais estavam vestidas com determinado traje para compor a ala intitulada “quilombolas”.

Um outro episódio ocorrido na sala dos professores também causou-me um certo estranhamento. Havia sobre a mesa uma pintura bem grande e linda do rosto

de uma mulher negra, produzida por duas professoras de Artes. Perguntei a uma das colegas que estava no espaço quem era aquela pessoa reproduzida na imagem. Soube, logo em seguida, que se tratava de um retrato aleatório. Mais uma vez, mantive-me em silêncio, mas meus pensamentos levaram-me para outro lugar, onde eu me questionava e, ao mesmo tempo, tentava apresentar uma solução: “Por que não utilizaram a imagem de uma personalidade quilombola da comunidade?” “Há tantas pessoas importantes aqui no bairro, como Dona Eva, uma mulher com 112 anos”. Enfim, depois de tudo organizado, entramos nos ônibus da escola e fomos à comemoração, que ocorreu no centro da cidade, próximo à prefeitura. Foi um lindo evento. A E. M. João José de Carvalho teve uma boa participação, assim como as outras instituições, que apresentaram seus trabalhos.

Na escola, colegas do 1º ano do Ensino Fundamental utilizaram algumas das atividades que eu havia elaborado sobre a questão quilombola. Elas inseriram esses materiais nos seus planejamentos por conta da celebração do Dia da Consciência Negra, 20 de novembro. No final desse mês, organizei tarefas para discutir essa data com meus alunos. Levei para a sala de aula, uma sequência didática com base na história “Zumbi, o pequeno guerreiro”, de Kayodê. Recortaram e colaram letras; realizaram ilustrações. Além disso, discuti com as crianças a importância de valorizarmos a cultura e a contribuição da população negra para o nosso país, apontando que muitas pessoas negras lutaram e empenham-se, ainda nos dias de hoje, para que todos tenham seus direitos reconhecidos.

Durante o momento em que eu trouxe a história sobre o líder quilombola Zumbi dos Palmares, percebi que algumas crianças o confundiram com um fantasma, com uma alma que fica vagando durante a madrugada. Na verdade, imaginaram Zumbi como um protagonista de filmes de terror. Além de tudo, uma aluna escreveu a seguinte frase para complementar a ilustração que tinha realizado: “Eu não tenho medo de zumbi.” Esclareci às crianças que o personagem da história contada fazia referência a uma pessoa real, que tinha vivido há muitos anos, e precisou enfrentar muitos combates para que a população do quilombo dos Palmares, em Alagoas, pudesse viver livre. Eu também gostaria de ter lido, nesse momento, a história “Zum Zum Zumbiiiiiiii”, de Sônia Rosa, mas como minha compra foi realizada pela *internet* e meu exemplar demorou a chegar, a leitura desse material acabou sendo realizada em um outro momento.

Realizamos, também, nesse dia um trabalho em pequenos grupos. Os alunos

elaboraram cartazes sobre a cultura quilombola da Rasa. Entreguei a cada equipe um material já estruturado com o título “Você sabia?”, onde havia espaço para desenhar e escrever tudo aquilo que tínhamos aprendido durante o ano sobre a comunidade da Rasa. Esses materiais, depois de prontos, foram fixados no corredor da escola.

Dezembro batia à nossa porta quando comecei a planejar uma aula-passeio para as turmas 102 e 104, a fim de levá-las à Fazenda Campos Novos e à Praça Quilombola. A primeira data marcada foi dia 6 desse mês, mas precisou ser cancelada por conta das fortes chuvas que atingiram a cidade. As aulas foram suspensas em todas as escolas da Rede Municipal. Com isso, não haveria tempo hábil para a entrega dos pedidos de autorização para sair com as crianças da instituição. Além do fator climático, os dias dos jogos da seleção brasileira na Copa do Mundo do Catar dificultaram a escolha de uma data, considerando que nos dias e horários da participação do time do Brasil no evento, todos eram dispensados e não havia aula.

Quando redigi o pedido de autorização, que seria enviado aos responsáveis para nossa aula-passeio, fiz questão de sinalizar a eles que se tratava de um importante momento para as crianças conhecerem espaços e monumentos discutidos em nossas aulas. Enfatizei, ainda, que seria uma grande oportunidade de encerrarmos o projeto da melhor maneira possível. No momento que entreguei o documento às crianças, elas mostraram-se muito animadas para o passeio.

No dia 13 de dezembro, aconteceu a nossa tão esperada aula-passeio. Fomos na van disponibilizada pela Secretaria Municipal de Educação de Armação dos Búzios. Tivemos também um guia, o professor B., que é funcionário dessa Rede de ensino. Para ter direito a um transporte, é preciso escrever um projeto que, de certa forma, justifique tal pedido. Nesse material elaborado, apontei, também, a necessidade de ter alguém que conhecesse a história local para acompanhar-nos nas visitas que faríamos.

Preciso destacar que alguns responsáveis não assinaram os pedidos de autorização enviados para casa e sem estes as crianças não poderiam sair da escola. Integrantes da equipe gestora que estavam na instituição ligaram para essas pessoas para saber se os alunos poderiam ir ou não. Infelizmente, não foi possível estabelecer contato com os representantes de três crianças: M.A., M.V. e L., do turno da tarde. Todos foram levados para a sala de outras colegas, que estavam

dando aulas nesse dia. Lembro-me que a diretora adjunta R., que inclusive mostrou-se solícita e ajudou-me com o envio do projeto à Secretaria de Educação e com o transporte, depois que já tínhamos saído para o passeio, conseguiu falar com o responsável do aluno R., da turma 104, colocou-o em seu carro e encontrou-nos no meio do caminho.

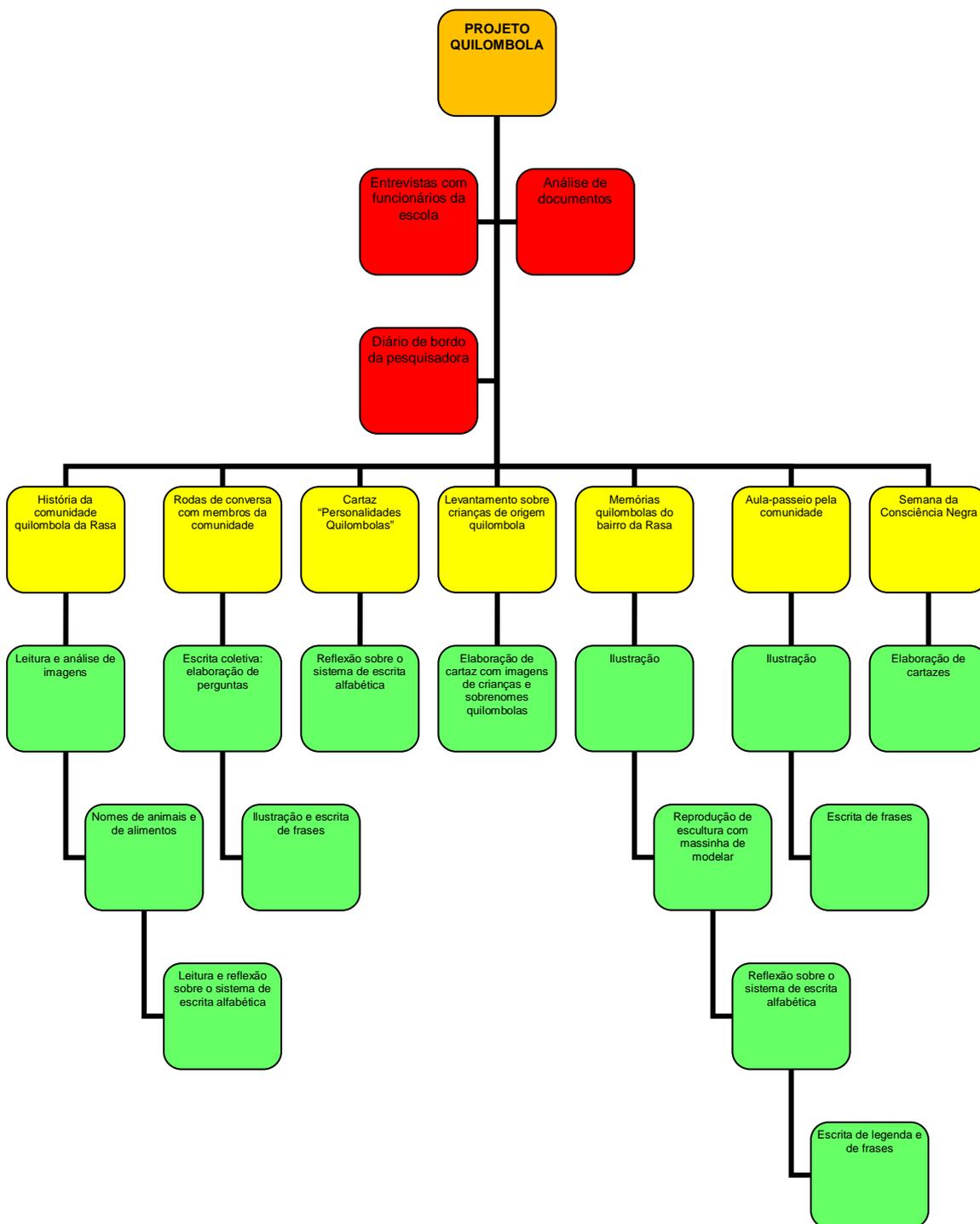
No período da manhã, com a turma 102, 16 crianças participaram da atividade. Fomos à Fazenda Campos Novos. Lá entramos em alguns cômodos da propriedade e na igreja; chegamos perto do cemitério. Estivemos, também, na Praça Quilombola, onde se encontra um Busto de Deusa Africana, que representa uma mulher da etnia banto. Conseguimos, ainda, caminhar até a Praia da Gorda, área que dá acesso ao Mangue de Pedras, local onde as pessoas negras que chegavam para serem escravizadas permaneciam para engordar. Percebi que os alunos retornaram à escola muito cansados. Então, não lhes apresentei a proposta de desenhar e realizar a escrita, a partir daquilo que tinham vivenciado durante a nossa aula-passeio.

No grupo da 104, apenas 12 crianças foram à aula. Elas estavam mais agitadas. Precisei repreender os alunos E.M., S. e K. por conta do mau comportamento. Choveu um pouco durante a excursão, mas conseguimos concluí-la. Visitamos a Fazenda Campos Novos, mas, quando chegamos à Praça Quilombola, não descemos da van. Eu preciso mencionar que essa praça está em obras. O local agora receberá um mercado de peixes. Não sei se no projeto consta a manutenção do Busto de Deusa Africana, que se encontra no espaço. A proposta de ilustração e escrita foi apresentada aos alunos. Alguns fizeram, outros não. Respeitei quem não quis participar desse momento, mesmo tendo retornado à escola com bastante antecedência do horário de saída. Estávamos realmente cansados. Principalmente eu, que tinha participado de dois passeios no mesmo dia. Apesar da fadiga que o corpo insistia em revelar, a alma apresentava-se feliz e sossegada por termos conseguido finalizar nosso projeto com chave de ouro, como eu havia planejado desde o início.

## **PROJETO QUILOMBOLA**

Este Projeto Quilombola foi realizado durante o ano letivo de 2022 com duas turmas do 1º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal João José de Carvalho, situada na Rasa, bairro periférico e quilombola do município de Armação dos Búzios (RJ). Teve como objetivo principal utilizar a história e a cultura da comunidade como ferramentas capazes de auxiliar nos processos de alfabetização e letramentos infantis, visto que os fatos ocorridos no local eram, até então, desconhecidos por grande parte das crianças. O período de escravidão, vivenciado por muitos dos ancestrais dos moradores da Rasa, e as experiências e identidades quilombolas locais foram utilizados nas propostas escolares para que as crianças, além de aprenderem a ler e a escrever, pudessem refletir sobre a realidade na qual se encontram inseridas. Dessa forma, o organograma a seguir apresenta cada uma das etapas do trabalho desenvolvido, especificando como as atividades para discussão dos fatos ocorridos no território foram associadas às propostas para a reflexão sobre o sistema de escrita alfabética dentro da sala de aula.

## Organograma 1 – Projeto Quilombola



Fonte: Material elaborado pela autora, 2022.

## 1 EU, MULHER QUILOMBOLA: O DESPERTAR DE UMA IDENTIDADE ADORMECIDA

Por meio da escrita, temos a capacidade de expressar quem somos, o que pensamos e, também, o que sentimos. Essa forma utilizada para representar nossas emoções traz em si um caráter poderoso por permitir que sejamos as autoras da nossa própria história. Assim, a linguagem que utilizamos para elaborar nossas ideias e reflexões sinaliza, de certa maneira, a posição e o grupo ao qual pertencemos dentro da sociedade. Anzaldúa (1981) assegura que o ato de escrever, quando realizado por mulheres de cor<sup>3</sup>, precisa ser realizado sem temor e, acima de tudo, com muita responsabilidade. Entretanto, conseguir grafar num papel ou digitar letras em um computador para materializar as memórias não são tarefas fáceis, apesar de extremamente necessárias.

À medida que nossos registros trazem informações íntimas e pessoais, posicionamo-nos diante de determinado fato, revelando-nos da maneira mais humana e sincera possível. Despimo-nos diante daquele que nos lê. Tal fato pode ser arriscado, por demonstrar nossas fraquezas e limitações, mas, ao mesmo tempo, pode conferir poder e força a quem o realiza. Para Anzaldúa (1981, p.233), entretanto, “O perigo ao escrever é não fundir nossa experiência pessoal e visão do mundo com a realidade, com nossa vida interior, nossa história, nossa economia e nossa visão. O que nos valida como seres humanos, nos valida como escritoras.” Sendo assim, para que sejamos lidas e ouvidas, é importante que nos coloquemos no texto, evidenciando nossas impressões, nossa realidade e os elementos sociais que nos constituem e nos definem enquanto pessoas. É preciso que nos posicionemos de corpo e alma em nossos registros de forma a marcar nossa presença, expressando, dessa forma, nossa própria identidade.

À luz das reflexões levantadas por Anzaldúa (1981), observo a relevância que minhas experiências conferem à pesquisa realizada com meus alunos. Ressalto, então, a necessidade de inserir-me nesse contexto. Em meio às leituras e à elaboração de materiais para abordar a cultura quilombola da comunidade da Rasa em sala de aula, pouco a pouco, fui percebendo e entendendo a história da

---

<sup>3</sup> Anzaldúa (1981) denomina como “mulheres de cor” aquelas que não são brancas.

minha própria família, mais especificamente dos ancestrais da minha mãe, Maria Teodora, já que suas vivências e, também as minhas quando mais nova, assemelhavam-se com o que eu descobria sobre as vidas das personalidades do bairro Rasa. Eu já sabia, há alguns anos, que a comunidade onde ela havia nascido, Barrinha, era um território quilombola. No entanto, como este não era o local do meu nascimento, e sim apenas a região onde costumava passar as férias escolares da infância e da adolescência, não me achava no direito e, na verdade, não sabia que o tinha, de dizer que pertencia aquele território. Logo, não me imaginava uma quilombola. Nesse sentido, percebo que minha interpretação sobre o significado do termo quilombo respaldava-se numa visão tradicional, considerando que este era um espaço destinado ao abrigo de negros fugidos do regime de escravidão. Almeida (2022, p. 58) apresenta, todavia, as ressignificações que são atribuídas ao que é ser quilombola, o que nos permite compreender que pertencer a esse grupo consiste na relação que se fixa com o lugar, com suas práticas de vida e com sua cultura. Espaço com memórias do passado que se refletem no modo de vida do presente, “novos significados em torno dos cuidados, da transmissão de saberes e das relações afetivas que se estabelecem com o território.” Senti, então, a necessidade de descobrir e aprender sobre minha ancestralidade e, para isso, foi indispensável uma visita ao passado. Quanto mais eu contava às crianças, mais despontava em mim o desejo de aprender. De acordo com Freire (1968 [2021b]),

Mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem a si mesmos como problema. Descobrem que pouco sabem de si, de seu posto no “cosmos”, e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões desta procura. Ao se instalarem na quase, senão trágica, descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problema a eles mesmos. Indagam. Respondem, e suas respostas os levam a novas perguntas (FREIRE, 1968 [2021b], p.39).

Nossas experiências ficam registradas na memória, pois são representações daquilo que vivemos e que, de certa forma, nos deixaram marcas. Durante as aulas, nas conversas com os alunos sobre a cultura quilombola, a respeito do modo de vida, do dia a dia e da organização da comunidade, dos hábitos que haviam sido passados de geração em geração, pude relatar às crianças tudo o que eu tinha experimentado no local onde meus avós moravam e que, mesmo depois de anos, vinham à mente com riqueza de detalhes.

Barrinha situa-se numa área rural onde, hoje, ainda vivem muitos membros da

família: tios, tias, primos e primas, além de grandes amigos. Eu chamava-os de vovô Chico e vovó Cotinha, mas seus nomes eram Francisco e Iolanda. Eram moradores dessa pequena comunidade, situada em São Francisco de Itabapoana (RJ). Quando esse território passou a ser reconhecido como área quilombola, eu já não costumava mais visitá-lo com a mesma frequência de antes. Apesar disso, lembro-me, com clareza, dos momentos de infância vividos nesse espaço. Quando chegava a época das férias, momento que era aguardado durante todo o ano com muita ansiedade, a casa ficava cheia de meninas. Sempre que eu e minha família saíamos de São Gonçalo, local onde morávamos, para visitar meus avós, dizíamos que estávamos indo à roça. Nós gostávamos tanto daquele espaço que, quando ia se aproximando o momento de ir embora, a tristeza aparecia refletida nos nossos rostos.

O quintal era bem grande. Além da casa, havia um chiqueiro para os porcos e uma estrutura para abrigar as galinhas. Esses animais eram utilizados tanto para venda quanto para o consumo das carnes. O mesmo acontecia com os ovos das aves. Existia também, na saída de uma das portas da nossa casa, um pequeno cômodo, chamado cozinha de lenha. No seu interior, havia um fogão, construído com tijolos, no qual eram utilizados gravetos e madeiras para acendê-lo. Este era usado para cozinhar feijão, esquentar água para banho, assar milho, ferver ostras e preparar outros alimentos. Na sequência, duas imagens que retratam esse imóvel: na primeira, a antiga cozinha de lenha, construída com pau a pique<sup>4</sup>. Ao fundo, o galinheiro. Na segunda, a nova construção desse cômodo em alvenaria e, próximo a este, localiza-se o chiqueiro.

---

<sup>4</sup> As construções de pau a pique consistiam em uma estrutura montada com madeira, sendo o preenchimento das paredes feito com barro.

Figura 1 – Vovó Cotinha e tia Pastorinha



Fonte: Arquivo de Pastorinha Ferreira Bento.

Figura 2 – Tio Manoel Luzia, tia Marina e vovó Cotinha



Fonte: Arquivo de Pastorinha Ferreira Bento.

Próximo à porta da sala, havia um pé de hibisco, sempre carregado com flores vermelhas, onde tínhamos um banco. Havia também uma grande amendoeira com um tronco largo e, em sua frente, um banco de madeira improvisado.

Reuníamos durante à noite para brincar de pique-esconde e conversar. A diversão também acontecia durante o dia, pulando elástico ou a amarelinha desenhada no chão com um pedaço de pau. Tudo isso depois de realizarmos as tarefas domésticas, como arrumar a casa e lavar as roupas. A água vinha de um poço, o qual as pessoas do lugar chamavam de cacimba, que até hoje se encontra na lateral da casa.

Lembro-me da infinidade de árvores frutíferas, das quais podíamos colher as frutas no próprio pé para consumo imediato: carambola, goiaba, coco, pinha, laranja, abacate, seriguela, jamelão, abiu, mamão, graviola, jaca, manga e banana. Recordo-me, ainda, dos abacaxis, maracujás, cajus e das imensas melancias que eram colhidas nas outras terras de vovô. Nas roças, como eram chamadas as plantações, sempre tinham legumes, verduras e grãos, como abóbora, quiabo, couve, amendoim e feijão. De acordo com as recordações da minha mãe, Maria Teodora,

Mamãe também tinha horta. Tudo que a gente consumia era das nossas terras. Papai só comprava, assim, carne seca, a gente tomava café de caldo de cana, depois que ele passou a comprar açúcar. Tudo que a gente consumia, assim de verdura, tinha repolho, couve, taioba, cebolinha, salsa, tudo que você imagina que a gente tem em uma horta, mamãe plantava que era para o nosso próprio consumo (Maria Teodora, 64 anos).

Muito do que consumíamos era colhido por nós. Nossos cafés da manhã eram comumente servidos com aipim, batata-doce, banana da terra e milho cozidos. Vovô, assim como outros moradores do lugar, depois de um tempo, passou a cultivar cana-de-açúcar, produto que, apesar de ser plantado para a venda, podíamos moer para tomar o caldo ou simplesmente descascá-lo e extrair o líquido com os dentes.

Assim que eu, minhas irmãs e primas chegávamos à casa da família em Barrinha, no mês de dezembro, encontrávamos cestos cheios de mangas. Vovó sempre as recolhia do chão quando varria o quintal. Além disso, tínhamos enormes sacos cheios de amendoins ainda nas cascas. Nós descascávamos alguns grãos, pedíamos a um adulto para torrá-los, tirávamos a pele e, em seguida, colocávamos no pilão, feito de uma parte de um tronco de árvore com um buraco no meio. Socávamos o amendoim com um pedaço de madeira e, aos poucos, acrescentávamos o açúcar e farinha de mandioca. Assim, preparávamos nossa própria paçoca, colocávamos num copo ou numa caneca e comíamos com a colher.

Costumávamos sair para pescar nas lagoas, que chamávamos de brejos. As varas eram confeccionadas com bambus do próprio quintal e as iscas utilizadas eram minhocas, facilmente encontradas nos buracos que eram abertos no chão com a enxada. Os peixes que conseguíamos pegar, como carás, piabas, traíras e cascudos eram limpos por vovó Cotinha, minha mãe Maria Teodora, tia Ivani ou tia Marina. Mas era vovó quem os preparava, algumas vezes fritos, outras, cozidos. Caminhávamos uma longa distância até a praia, precisávamos atravessar cercas e, eventualmente, passar perto do gado que estava pastando. Havia ocasiões que íamos somente para tomar banho de mar, mas, alguns momentos, eram reservados para tirar ostras e, para isso, levávamos baldes e facões. Quando retornávamos à casa, o fogão à lenha já tinha sido aceso por vovó, que as colocava para ferver e, assim, podermos tirá-las das cascas. Recordo-me que, dentre alguns dos pratos preparados por ela, estavam ostras com mamão verde e ostras com macarrão.

Uma das minhas tias, Maria das Neves, a qual eu chamava de tia Nevinha, tinha uma bolandeira, espaço com máquinas utilizadas para fazer farinha e tapioca. Nós, as crianças, raspávamos e ajudávamos a ralar a mandioca, enquanto os adultos ficavam encarregados de executar as funções que precisavam utilizar as ferramentas mais perigosas. Recordo-me de que no quintal da vovó, tempos atrás, havia funcionado uma casa de farinha. No entanto, carrego comigo apenas memórias de um galpão, construído com pau a pique, mas que já não funcionava mais, tanto que acabou sendo derrubado.

Nesse período de férias, tínhamos o hábito de, aos poucos, ir à casa das pessoas mais velhas da comunidade para visitá-las e pedir a bênção. Essa era uma maneira de reverenciá-las e, também, demonstrar educação. Chamávamos todos de tios e tias com o mesmo respeito, inclusive aqueles que não eram parentes, hábito que trago comigo até os dias de hoje. Antigamente, além de pedir a bênção, precisávamos, também, segurar e beijar a mão. Após esses gestos, aguardávamos e ouvíamos com gentileza a proteção que nos seria concedida naquele momento, como “Deus te abençoe!”; “Deus te crie!”

Quando retorno às minhas memórias de criança, por mais que eu tente, não consigo me lembrar dos meus avós ou de alguma outra pessoa mais velha relatando os tempos da escravidão, sentidos na pele por seus ancestrais. Hoje, por conta da minha pesquisa e por meu interesse em saber mais sobre meu passado, fico com a

sensação de que cheguei atrasada na minha própria história. Talvez, se meus estudos tivessem começado alguns anos antes, eu soubesse que aqueles anciãos tinham guardadas consigo valiosas informações sobre o que havia acontecido com os que vieram antes de nós. Naquela época, eu ainda não sabia e não me dava conta da importância daquele território e dos conhecimentos carregados por cada um daqueles moradores.

Levando em consideração meu interesse pessoal e a relevância do tema em questão, decidi entrevistar alguns daqueles que, hoje, constituem os integrantes mais velhos da família, a respeito dos fatos ocorridos na Barrinha e sobre suas lembranças em relação ao passado. Cogitei, para tanto, realizar perguntas relacionadas à Fazenda São Pedro, ao cemitério descoberto na praia de Manguinhos e, ainda, sobre o jongo, prática cultural da comunidade. Chamou-me a atenção que as memórias da escravidão marcadas naquele território não foram verbalizadas, de modo que essas experiências fossem contadas e repassadas de geração em geração. Poucas informações foram ouvidas sobre as recordações quilombolas e, ainda assim, sem receber muito crédito por quem as escutou. Ao conversar com minha tia Cilaya, carinhosamente chamada de Deí, que é ex-esposa do meu tio José, e perguntá-la sobre o que ela sabia ou se já tinha ouvido alguém falar sobre a escravização de pessoas na Fazenda São Pedro, quando mais nova, afirmou a mim que *“Eles não contaram isso pra gente não. Quando eu casei, não tinha mais esse negócio de escravidão não... e não via eles contarem”* (Cilaya, 85 anos). Em diálogo com o tio Francisco, fiz-lhe a mesma pergunta, à qual me respondeu:

Não, não falavam...eles não comentavam...os velhos é que comentavam as coisas...inclusive, às vezes, até os velhos chegavam para conversar um com o outro, você estava brincando por aqui bastava consertar a garganta, olhava pra você, você saía fora dali, porque consertou a garganta e olhava é porque queria conversar, mas não queria que você ouvisse o assunto que ia ser conversado ali...isso era questão de respeito e, então, quer dizer que, às vezes, era coisa que não era para a gente saber e não se interessar...(Francisco, 73 anos).

Mesmo tio Francisco afirmando não saber sobre o período escravocrata na região, destacou que havia escutado, mas que não tinha certeza da veracidade: *“A única coisa que andei ouvindo, há muito tempo, é que parece que o vovô... meu bisavô Gregório parece que ele foi reprodutor da Fazenda São Pedro.”* A pesquisa

realizada por Cardoso (2009) revela que essa função era ocupada por Libório Ferreira, logo a versão à qual tio Francisco teve acesso talvez não seja a verdadeira.

A partir da relação estabelecida entre os materiais levantados na pesquisa bibliográfica sobre Barrinha e os relatos de moradores do local, percebo que há dois momentos específicos que marcam o começo das narrativas a respeito das experiências históricas desse espaço pelos membros da comunidade: o primeiro deles, a entrada da Central da Pastoral da Terra na comunidade, a fim de ajudar no reconhecimento do território, enquanto área quilombola, e no autorreconhecimento desses indivíduos enquanto descendentes de ex-escravizados; e, o segundo, a chegada de pesquisadores de universidades, demonstrando interesse em fazer o registro da história daquelas terras, bem como dos seus moradores atuais e de seus antepassados.

Nos materiais utilizados para análise, à medida que realizava a leitura, deparei-me, várias vezes, com nomes e imagens de pessoas conhecidas, sendo muitas delas integrantes da minha família. Meu tio-avô Ademar, irmão de vovó Cotinha, por exemplo, além de ilustrar uma das páginas de uma monografia sobre Barrinha, deu entrevista relatando os fatos do passado. Isso porque, naquela época, era o membro mais antigo daquele espaço. Apareceram, também, relatos de tio Carlinhos e de tia Maria José, conhecida como Zezé, respectivamente irmão e filha de vovó Cotinha. Senti-me, de certa forma, representada naquelas informações, considerando que eu reconhecia alguns indivíduos e lugares descritos. Para minha surpresa, descobri que integrantes da minha família, como Gregório Alves e seu primo, Libório Ferreira, foram os fundadores do território, os primeiros que conseguiram comprar as terras do quilombo.

Por meio das conversas com alguns dos integrantes da família, fui conseguindo novos elementos para minha investigação, dados que contribuíram para um melhor entendimento do passado e de como estes se refletiram no presente das pessoas nascidas nesse território quilombola. A fonte de renda dos moradores locais era gerada por meio do trabalho nas lavouras dos parentes. Essas produções eram utilizadas para a própria subsistência e, além disso, para a venda numa feira, que era organizada em Gargaú, aos sábados. As mercadorias eram levadas a cavalo, de caminhão ou de carro de boi, como descrito abaixo:

[Vovô Chico] criava muito porco. Nós morávamos num pequeno sítio nosso mesmo...e tinham as lavouras...papai tinha lavoura de bananal, batata doce, milho, mandioca, nós tínhamos a fábrica de farinha. Chegava o final de semana, ele alugava um carro de frete para levar nossas mercadorias para feira de Gargaú, a qual ele comercializava as mercadorias que ele levava. Em troca, ele comprava as coisas que ele não produzia na lavoura, entendeu? (Maria Teodora, 64 anos).

Vovô Chico, até se aposentar, sua ocupação era com a terra, com suas roças e seus animais. Ele é apresentado nas fotos a seguir em dois momentos de sua vida: inicialmente, segurando uma enxada, seu principal instrumento de trabalho durante anos e, na sequência, sentado à sombra da amendoeira do quintal, portando sua bengala.

Figura 3 - Vovô Chico trabalhando com a enxada



Fonte: Arquivo de Pastorinha Ferreira Bento.

Figura 4 - Vovô Chico à sombra da amendoeira



Fonte: Arquivo de Pastorinha Ferreira Bento.

Minha bisavó Theodora, mãe do vovô Chico, segundo contam, foi pega no laço, ficou presa em uma armadilha que havia sido colocada para pegar uma caça. Nunca souberam dos seus pais. Minha mãe a descreve da mesma maneira que ouviu lhe contarem: *“Era uma cabocla com a pele queimada e cabelos lisos no meio das costas. Não sei ao certo se era cabocla ou índia, mas eles dizem cabocla.”*

Pastora, minha bisavó materna, era chamada por todos de Mãezinha. Mulher de baixa estatura, ela gostava de usar lenço na cabeça e fumar cachimbo. Era filha de Managina. A partir das lembranças que tem de sua avó, minha mãe contou-me que ela era católica, devota de Santo Antônio, e benzedeira dentro da comunidade. Tinha o hábito de rezar as pessoas que se apresentavam com algum problema de saúde, inclusive crianças. Utilizava, para esse propósito, galhos de plantas como arruda e vassourinha. Destaca, ainda, que ela tinha o costume de fazer óleo de mamona, cuja função cicatrizante era eficaz para curar as feridas que surgiam nos lombos dos cavalos por conta do uso das selas. Além disso, o líquido produzido podia ser utilizado como lubrificante dos carros de boi e, também, na roda das máquinas da fábrica de farinha. Sua casa localizava-se em Manguinhos. Nesse espaço, ela plantava, colhia e torrava seu próprio café. Não gostava de andar de

carro, pois sentia muito medo. Na sequência, a primeira imagem traz, da esquerda para a direita, minha tia Pastorinha com sua avó Pastora. A outra apresenta Pastora segurando um prato de alumínio.

Figura 5 – Minha tia Pastorinha e minha bisavó Pastora



Fonte: Arquivo de Pastorinha Ferreira Bento.

Figura 6 – Minha bisavó Pastora



Fonte: Arquivo de Pastorinha Ferreira Bento.

Nas recordações trazidas por minha mãe, Maria Teodora, no que se refere à fazenda São Pedro, lembra-se que pertencia a Simão Mansur. Em sua estrutura, figurava um sobrado enorme e uma vila com casas de tijolos, os quais acomodavam os empregados incumbidos de cuidar do local. Havia, também, uma igreja, que tinha São Pedro de Alcântara como padroeiro. Nesse espaço, eram criados carneiros e bois. Essa propriedade abrigava um engenho, que tinha um alambique para a fabricação de cachaça. Minha bisavó, Pastora, costumava cozinhar na fazenda nos dias de festa quando os donos estavam por lá. Em outros períodos do ano, desempenhava o trabalho nas roças, como as outras mulheres da região. Tio Francisco aponta que:

Na fazenda São Pedro, às vezes, de manhã cedo, você escutava quando

dava sete horas, de acordo com o tempo, você escutava apitando lá uuuuu [...] [o sinal] apitava de manhã cedo na hora de pegar, onze horas na hora do almoço, apitava meio-dia para voltar ao serviço e apitava quatro horas da tarde [...] trabalhava muita gente lá, era uma fazenda de cachaça, aquilo era um alambique. Era carro de boi, danado de cana que chegava lá para descarregar e moer aquilo. Era moído lá mesmo. Agora não sei se fazia outra coisa ou se fazia só cachaça (Francisco, 73 anos).

Minha tataravó, Managina, é o membro mais antigo da família da minha avó materna de que se tem lembrança. Tia Ivani, nas únicas memórias que ainda carrega consigo, afirma que sua bisavó era cega e que gostava muito de dançar o jongo.

A dança do jongo, além de ser a marca de uma representação cultural, era uma prática comum para a diversão das pessoas daquele local e das áreas próximas. Antigamente, apenas os idosos podiam entrar na roda para dançar. De acordo com tio Francisco, que participou de muitos desses eventos organizados na comunidade à época de sua adolescência,

Juntava gente ali pra caramba na Barrinha. Inclusive eu bati muito tambor no jongo lá. Eu e o finado Dico. Tinham dois tambores lá na Barrinha: um se chamava Candongueiro e o outro era Serra Grande. O Candongueiro era do finado Orlando e o Serra Grande da finada Candeia. Às vezes, eu batia de ficar com a mão doída. Eles passavam cachaça na mão da gente. A gente botava os tambores para esquentar no fogo para ficar tinindo. Gente quase em São Francisco naquele tempo escutava os tambores batendo, mas por quê? Porque não existia caminhão pra lá e prá cá fazendo barulho. Não existia, às vezes, luz elétrica, então era só a lua... o som de um tambor aquilo ia longe, ia lá do Carrapato, às vezes, escutava os tambores batendo na Barrinha... aí depois começaram os bailes aí foram esquecendo o jongo (Francisco, 73 anos).

Conforme aponta minha tia Ivani, ela também participou das rodas de jongo na comunidade, no seu período de infância. Após sua saída da casa de seus pais para trabalhar na cidade, sempre que retornava, nos momentos de folga, comparecia às festas, que aconteciam nas noites de lua cheia ao som dos tambores. Juntos, cantavam e dançavam. Segue uma das músicas que costumavam entoar e que ela se lembra com alegria:

Ô limoeiro, ô limoar  
Olha quanta laranja madura  
Quanto limão pelo chão  
Olha quanto sangue derramado  
Dentro do meu coração

Apesar de os integrantes da família não resgatarem nas suas memórias as histórias da escravização de pessoas ocorridas nas proximidades de Barrinha, ainda assim, a letra do jongo que costumava ser cantada nos momentos de comemoração e é lembrada por tia Ivani, ao mesmo tempo em que aponta a fatura no período de colheita de frutas, denuncia um cenário de tristeza, dor e sofrimento.

Tio Francisco, quando perguntado a respeito do cemitério, que existia próximo à praia de Manguinhos para enterrar os negros corpos que não suportavam o trajeto e chegavam nos navios clandestinos para alimentar o tráfico ilegal na região, afirma que na sua juventude:

Eu encontrei cabeça de defunto lá na praia, lá na Turiba, era o cemitério da Turiba, era depois de Manguinhos antes da Salina, no meio...falaram que ali tinha um cemitério...já vi crânio...logo depois da pedra de ostra, tem uma praiazinha, faz uma curvazinha, depois já vem a Salina, aquele trechozinho... (Francisco, 73 anos).

Mesmo após a assinatura da Lei Áurea, em 1888, proibindo a escravização dos indivíduos negros no Brasil, a abolição da escravatura apenas cumpriu um protocolo burocrático. Na realidade, essas pessoas, apesar de “libertas”, continuaram vivendo em condições desiguais e sub-humanas, sendo tratadas sem o mínimo de dignidade, excluídas das garantias de direitos sociais. A maneira cruel pela qual foram tratadas estendeu-se até tempos mais atuais. Na área quilombola de Barrinha, por exemplo, estratégias foram utilizadas por aqueles que queriam se beneficiar da mão de obra local, principalmente das pequenas mãos das meninas pretas. Simulavam uma boa ação para, na verdade, continuar desenvolvendo hábitos que nos foram deixados como herança pelo regime colonial e que permaneceram sendo transmitidos de geração em geração. Quem era branco deveria ser servido por quem era negro. Os relatos, a seguir, apontam uma prática recorrente na comunidade, em que pessoas se aproveitavam da vulnerabilidade do lugar e levavam meninas para exercerem o trabalho doméstico. A oportunidade de estudo oferecida era vista como alternativa para uma vida melhor e diferente, longe da triste e dura rotina das atividades realizadas nas roças:

Quando eu vim para a cidade, eu vim pela dona Landy, uma senhora rica que tinha os parentes que tinham uma casa de praia. Pediu ao meu pai que me deixasse ir para a casa dela para estudar, para melhorar, mas nada disso, eu fui para trabalhar com oito anos. Eu saí para a casa dela e só fui embora com vinte e poucos anos já, entendeu? da casa dela, mas fui tratada mais ou menos, nem bem nem mal... bem bem não foi não, sabe,

Lilian? Porque pobre não saía para a casa de rico antigamente para ser tratada como filho de criação, como eles falavam muito nisso, sabe? (Ivani, 77 anos).

Mamãe, até uma vez eu perguntei pra ela que o pessoal lá da roça não tinha amor aos filhos, aí ela me disse que ela colocava a gente para ir para casa dos outros para que a gente tivesse uma vida melhor do que a que ela teve, entendeu? Então, eu fui pra casa da dona Landy em Friburgo que era pra estudar. Quando cheguei na casa da dona Landy, junto com Ivani, né? Aí uma irmã da dona Landy, doente, gostou de mim e pediu dona Landy se não deixava eu ir para casa dela para ajudar porque ela estava doente, acamada. Tinha empregada, mas não tinha quem cuidasse diretamente dela, entendeu? Agora você vê, eu com nove anos fui para esse fim, para ajudar ela, né...aí, minha filha, com aquela promessa de estudar, mas você sabe, quando se viu andando, fazendo tudo, mandou a empregada embora e eu que fui fazer todo o serviço da casa...eu trabalhava igual escrava, né? Casa grande igual...casa de chácara, fazenda grande. Eu fazia todo o serviço..." (Pastorinha, 66 anos).

Almeida (2022, p.71) revela a subalternização das mulheres negras no período pós-abolição, reforçando que muitas delas permaneceram atuando em funções consideradas inferiores, em grande maioria, realizando atividades domésticas para garantir o provimento da família. Já na sua época, Gonzalez (1981) denunciava as condições vividas por mulheres quilombolas, que recebiam tratamentos semelhantes àqueles experienciados por suas ancestrais durante a escravidão. Viam-se obrigadas a sobreviverem em um contexto de dupla violência: se, por um lado, realizavam funções sem prestígio, do outro tinham de assumir a criação e a alimentação dos filhos pelo fato de seus parceiros, possivelmente, terem sido vítimas de alguns dos problemas sociais que assolam nosso país e que atraíam, como uma espécie de ímã, de preferência, os corpos pretos. Dentre os infortúnios, sobressaíam-se o alcoolismo, o desemprego ou o assassinato pelas mãos da polícia. O depoimento abaixo delata as condições de trabalho, às quais era preciso se submeter ao sair do quilombo de Barrinha:

As pessoas que até hoje têm casas de praia iam para lá iludiam nossos pais com a falsa promessa de filho de criação, então traziam a gente. Foi a partir de oito anos de idade que a Ivani veio. Eu já vim com quatorze. Iludiam nossos pais que nós seríamos filhos de criação, que nós iríamos para estudar e nessa ilusão, nossos pais nos deixavam vir. Só que a gente chegava aqui, a gente era escravizado. A gente levantava às cinco horas da manhã para começar a fazer o serviço, sem salário, muito trabalho, muita exigência, muito xingamento. Aí a gente fazia o trabalho, fazia tudo o que tinha que fazer na casa. Quando era sete horas da noite, quem queria estudar ia para o colégio à noite, só que a gente não aguentava. Era muito cansaço. Chegávamos lá, dormíamos em cima da carteira e tinha que chegar em casa e ainda arrumar a cozinha do jantar que a mesa ficava posta. Tirava as louças todinhas, levava para a cozinha, limpava tudo e ia dormir. No nosso quarto de empregada, na cabeceira, tinha uma

campainha. A gente acordava às cinco horas da manhã com aquele berro, aquela campainha insuportável. Não tinha nada que você pudesse botar ali para abafar o som. Era assim que nós éramos acordados. Só comíamos sobras, eram restos: cascas de pão, casca de maçã, casca de queijo. A gente só comia as sobras, os restinhos. A gente não comia uma comida decente. E nossa mãe achando lá que nós estávamos aqui como filhas de criação. Quando era para a gente ir para a roça, a patroa pegava a roupa usada dos filhos, dava para a gente vestir e ia. Era uma vez por ano. Mamãe não sabia se a gente estava vivo, se estava morto e era assim que nós vínhamos para cá e, assim, sucessivamente foram vindo todos os filhos. Só que a gente chegava aqui, trabalhava e aquele pouquinho que algumas delas davam, a gente ia juntando e levava para gente ajudar mamãe, entendeu? Para a gente ajudar a mamãe a comprar coisinhas diferentes, para levar para quem ficava lá. Mas a proposta da gente vir para cá era a falsa proposta de filha de criação, mas chegava aqui era escravidão mesmo (Maria Teodora, 64 anos).

As pessoas da nossa família ainda mantêm vivas algumas de suas tradições quilombolas, que nos foram deixadas por nossos ancestrais. Sempre que possível, vamos à praia para pegar ostras e siris; minha mãe e minhas tias gostam de pescar. Preservam o contentamento de ter plantações de alimentos cultivados no próprio quintal, principalmente as árvores frutíferas. Na imagem abaixo, aparecem tia Marina, à esquerda, tirando ostras e Maria Teodora, minha mãe, à direita, pegando siris, utilizando como instrumento um puçá<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> O puçá é um objeto muito utilizado na pesca de siris, apresenta o formato de um coador. No entanto, possui um tamanho maior e é feito com linhas entrelaçadas, facilitando a captura desses animais cujas garras ficam presas quando entram para comer as iscas.

Figura 7 - Marina e Maria Teodora na praia Rasa



Fonte: O autor, 2022.

Numa espécie de costura, alinhando os relatos que envolvem os episódios ocorridos na Barrinha e no seu entorno às experiências vividas, por mim e por minha família, fui tecendo minha história quilombola. Consegui, sobretudo, compreender minha identidade e parte da ancestralidade quilombola que me constitui: Managina⇒Pastora⇒Iolanda⇒Maria Teodora⇒Lilian.

### 1.1 Iolanda Ferreira Alves, a vovó Cotinha

Figura 8 – Vovó Cotinha



Fonte: Arquivo de Pastorinha Ferreira Bento.

Iolanda Ferreira Alves, mulher negra, carinhosamente apelidada de Cotinha, nasceu no dia 3 de setembro de 1919. Era filha de Maximiano Barnabe e Pastora Baptista. Casou-se com Francisco Alves, conhecido como Chico, e, juntos, tiveram 23 filhos, dos quais 13 sobreviveram. Todos eles nascidos em casa, com o auxílio de uma parteira. Destaco que, hoje, Maria José, José, Josélia, Maria das Neves e Valci já faleceram. Apenas 8 filhos estão vivos, morando em diferentes localidades: Armação dos Búzios (RJ), São Gonçalo (RJ), São Francisco de Itabapoana (RJ) e Barueri (SP): Claudeia, Ivani, Francisco, Valdeci, Pastorinha, Maria Teodora, Marina e Manoel Luzia.

A foto abaixo apresenta, da esquerda para a direita, vovô Chico, vovó Cotinha, Maria Teodora e Diolindo, um registro do momento em que minha mãe casou-se com meu pai.

Figura 9 – Casamento de Maria Teodora e Diolindo em 1977



Fonte: Arquivo de Maria Teodora Alves Jandir.

Iolanda e Francisco constituíram uma grande família com muitos netos, bisnetos e alcançaram em vida alguns tataranetos. A vovó Cotinha, como eu e os outros netos a chamávamos, faleceu em março de 2016 com os seus vividos 97 anos, como consta no seu documento oficial. No entanto, os familiares apontam que tivemos o prazer de compartilhar da sua existência por 101 anos. Naquela época, era comum fazer o registro do nascimento tardiamente.

Figura 10 – Vovó Cotinha, em comemoração aos seus 80 anos, e vovô Chico



Fonte: Arquivo de Pastorinha Ferreira Bento.

Mulher tímida, de poucas palavras e com fala mansa. Seu enorme coração e bondade a faziam ser querida por todos. Assim como meu avô Chico e os outros moradores mais antigos da comunidade, não sabia ler nem escrever. Durante um longo período, dedicou-se ao trabalho na lavoura, onde cuidava das plantações de amendoim, gergelim, feijão de corda, feijão preto e bananas, cultivados nas terras de sua mãe Pastora.

Sua vida resumia-se às funções na roça e assemelhava-se à rotina das outras mulheres daquele território. Levantava bem cedo para ir à praia tirar ostras, preparava o almoço para alimentar os filhos e enviá-lo ao meu avô, que também trabalhava na lavoura. Tinha como hábito pescar nas lagoas, atividade que ela estimava realizar.

A vovó era muito religiosa e frequentava a capela de Santa Teresa D'Ávila, localizada em frente à sua casa, bastava atravessar a rua. Esse espaço de oração foi erguido nas terras cedidas por vovô Chico. Antes da sua construção, os cultos eram realizados nas residências das pessoas do quilombo. Na época das férias, ela demonstrava sentir muito orgulho das suas netas, que ajudavam na organização e

limpeza da capela para a realização das celebrações e das missas. Nós participávamos dos encontros, realizando as leituras do dia, cantando e tocando instrumentos. Mesmo em casa, ela gostava de ouvir-nos entoando cânticos católicos.

Figura 11 - Capela de Santa Teresa D'Ávila na Barrinha



Fonte: <https://www.google.com/search?q=capela+de+ssanta+tereza+d%27avila>

Lembro-me das inúmeras vezes em que trancei os cabelos de vovó com os fios já esbranquiçados pelo poder do tempo. Quando já idosa, com o corpo cansado e sofrido de tantos anos dedicados às pesadas tarefas debaixo do sol forte, tornou-se “do lar”. Ainda assim, continuou carregando consigo o hábito de despertar e levantar da cama bem cedo. Acordava “com as galinhas”, como costumávamos dizer. Era sempre a primeira a colocar-se de pé para a realização das atividades domésticas: preparava o café, feito no coador de pano, e o distribuía em 3 garrafas, considerando a intensidade: eu preferia aquele que ficava na garrafa vermelha, pois era o mais fraco; cozinhava o alimento que tivesse no dia para ser servido no nosso desjejum: milho, aipim, banana, havia vezes em que comíamos tapioca; varria o quintal; recolhia as frutas caídas no chão durante a madrugada; cuidava das galinhas e dos porcos. Ela adorava assistir às novelas. Sempre estava disponível nos horários em que essas programações eram exibidas na televisão.

Figura 12 - Vovó Cotinha batendo mandioca para alimentar as galinhas



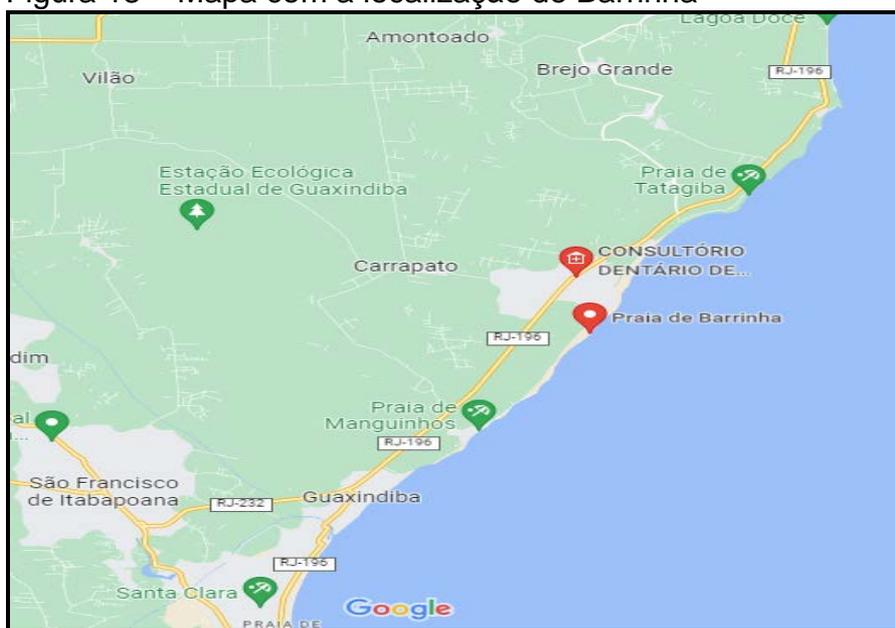
Fonte: Arquivo de Pastorinha Ferreira Bento.

A vovó gostava de fazer tapetes e colchas com retalhos de malha e tecidos que tia Ivani, costureira, costumava levar para ela. Utilizava, para tanto, uma agulha de crochê para prendê-los e, em seguida, amarrá-los em sacos de *nylon*. Os materiais produzidos eram comercializados. Além disso, vendia sacolés, feitos com as polpas das frutas do próprio quintal, e os ovos das galinhas que criava. Era o meio utilizado por ela para complementar sua renda.

## 1.2 Barrinha: cada quilombo tem sua história

Barrinha localiza-se no litoral de São Francisco de Itabapoana, município ao norte do Estado do Rio de Janeiro. Situa-se entre Mangueiros e Buena, tendo como meio de acesso a estrada Campos-Barra. Muitas das casas dos moradores ficam à margem dessa rodovia.

Figura 13 – Mapa com a localização de Barrinha



Fonte: <https://www.google.com.br/maps/>

Conforme aponta Cardoso (2009), essa comunidade passou a existir no final do século XIX, período no qual São Francisco de Itabapoana ainda fazia parte das terras de São João da Barra. Com a necessidade de contratação de mais mão de obra para dar conta dos progressos nos engenhos de açúcar, instalados no Norte Fluminense, área que abrange os municípios de São João da Barra, Campos dos Goytacazes e São Francisco de Itabapoana, no século XVII houve um aumento significativo na escravização de indivíduos. Consequentemente, esse fato fez com que os traficantes de pessoas para serem escravizadas percebessem uma oportunidade lucrativa e passassem, então, a exercer suas atividades nos portos mais próximos a essas regiões, recebendo os navios negreiros chegados diretamente do continente africano. Dessa forma, a praia de Manguinhos funcionou como um porto clandestino, utilizado para alimentar o trabalho escravo nessa área. Esse é um fator que explica a grande concentração de pessoas negras na localidade.

A praia de Manguinhos é considerada, desde 1997, como um sítio arqueológico pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan)<sup>6</sup>. Isso porque inúmeras ossadas humanas já foram encontradas nas proximidades, sendo os primeiros restos mortais localizados em 1970. Junto à costa, funcionava um

<sup>6</sup> Fonte: <https://www.jornalterceiravia.com.br/2022/04/19/apos-a-ressaca-ossadas-voltam-a-aparecer-na-praia-de-manguinhos/>

cemitério, utilizado para enterrar aqueles que adoeciam e não resistiam à triste e longa viagem até as terras brasileiras. Na atualidade, as ressacas do mar ou mesmo a ação humana revelam-nos toda a tragédia escondida debaixo da areia.

Em Barrinha, vive uma população descendente de pessoas que foram escravizadas na Fazenda São Pedro, propriedade situada em Manguinhos, que, inicialmente, pertenceu a um traficante de escravos da região, denominado Comendador André Gonçalves da Graça. Na sequência, esse imóvel foi repassado a Simão Mansur, sendo seus parentes responsáveis pelas terras. Um grupo de pessoas negras, já libertas do regime de escravidão, juntamente com membros de suas famílias, assim que deixaram a referida fazenda, instalaram-se no território, onde hoje se encontra o quilombo de Barrinha. Anteriormente, viviam nos terrenos pertencentes ao antigo patrão e, depois, alguns desses ex-escravizados conseguiram comprar lotes colocados à venda. As famílias de Gregório Alves e Libório Ferreira tornaram-se, então, donas das terras de Barrinha. Como reforça Silva,

o proprietário da Fazenda São Pedro cercou um pedaço de terra (atual Barrinha), próximo ao mar, e permitiu que seus escravos morassem e trabalhassem nela. Segundo os moradores ele “ludibriou” os escravos, porque eles não ganharam as terras, e continuavam trabalhando para o senhor, até pagar por elas (SILVA, 2009, p.75).

Figura 14 - Fazenda São Pedro



Fonte: CARDOSO, 2009, f.51.

No que concerne às famílias Alves e Ferreira, Silva (2009) assinala que os moradores de Barrinha apresentam um alto grau de parentesco, considerando que a

maioria dos membros da comunidade pertence a um desses dois grupos. Em entrevista realizada por Cardoso (2009, p.52), um dos habitantes, o tio Carlinhos, relatou que todas as terras de Barrinha pertenciam a esses dois homens. Além disso, ele apontou que Libório tinha a função de ser o escravo reprodutor da fazenda São Pedro.

Segundo dados da prefeitura do município de São Francisco de Itabapoana<sup>7</sup>, 74 famílias, somando cerca de 170 pessoas, residem na comunidade. A localidade não possui unidade básica de saúde, sendo atendida, portanto, em Buena. Quando necessário, os casos de emergência são assistidos no Posto de saúde do centro de São Francisco ou no Ponto de Cacimba. Situações muito graves apenas podem ser tratadas no hospital Ferreira Machado, situado em Campos dos Goytacazes. Não há escolas dentro do quilombo. Dessa forma, as crianças e os adolescentes em idade escolar estudam na Escola Municipal Aníbal Viana, em Buena. Essa unidade de ensino oferece da Educação Infantil ao segundo segmento do Ensino Fundamental. Aqueles que apresentam interesse em cursar o Ensino Médio e/ou a Educação de Jovens e Adultos (EJA) precisam se dirigir ao centro de São Francisco, à Barra ou à Santa Clara.

A comunidade da Barrinha foi reconhecida como território quilombola pela Fundação Cultural Palmares em 2012. Apesar dessa certificação, não houve mudanças significativas na qualidade de vida da população. Isso no que diz respeito à garantia de políticas públicas destinadas a ofertar às pessoas recursos básicos à sobrevivência de qualquer cidadão, que se materializam nos seguintes setores de serviços: saúde, educação, trabalho e lazer. Ainda hoje, para ter seus direitos assegurados, os moradores precisam conquistá-los fora dos limites do quilombo.

A Comissão da Pastoral da Terra (CPT), conforme ressalta Silva (2009), teve grande influência nas ações que culminaram em Barrinha ser hoje reconhecida como uma área quilombola. Esse grupo possui como fundamento auxiliar e mediar os enfrentamentos vivenciados por pessoas que são injustiçadas em áreas rurais e, juntas a ele, atuam igrejas de diferentes designações, agindo nos locais de modo a considerar seus aspectos sociais. Dessa forma, sua atuação acontece resguardando os direitos humanos dos cidadãos envolvidos e, também, apresentando propostas

---

<sup>7</sup> As informações foram noticiadas na página da Prefeitura de São Francisco de Itabapoana, segundo levantamento realizado para a vacinação contra a covid-19 da população quilombola. Disponível em: <https://pmsfi.rj.gov.br/siteantigo/secretaria-de-saude-se-reune-com-comunidades-quilombolas-para-planejamento-de-vacinacao-contr-a-covid-19/> Acesso em 2 de abril de 2023.

que visem a utilização dos elementos naturais, mas de maneira sustentável. Segundo a autora,

No início, a CPT possuía apenas uma função de serviço pastoral, mas com o passar do tempo se consolidou enquanto um órgão ecumênico e político de defesa dos trabalhadores rurais de todo o Brasil (posseiros, lavradores, peões, bóias-frias, trabalhadores assalariados, quilombolas, etc.), através de um trabalho de conscientização, de apoio jurídico, quando necessário, e de incentivo aos movimentos sociais do campo. Assim, a pastoral da terra se envolveu nacionalmente com os atingidos pelos grandes projetos de barragens, os sem-terras (carro-chefe de suas atuações), e as comunidades quilombolas, mediando conflitos e tensões existentes entre o trabalhador rural e outras instâncias mais poderosas política e economicamente (latifundiários, grileiros, grandes empresas, etc.) (SILVA, 2009, p.78).

A CPT começou sua atuação em Barrinha no ano de 2006. O principal objetivo era a garantia dos direitos territoriais dos moradores da comunidade. Para tanto, a fim de promover uma aproximação com as pessoas do local, a estratégia inicial de seus agentes foi organizar o 1º Encontro de Jongo em Barrinha, reunindo, inclusive, jongueiros de áreas vizinhas. A prática de realizar essa dança não acontecia há algum tempo. Conforme relata Silva (2009, p. 80), “os tambores do pai de Loca desapareceram durante a ditadura militar”, referindo-se aos novos instrumentos que precisaram ser levados no dia do evento.

O jongo é uma prática cultural de origem banto, que envolve música e dança, realizado em noites de lua cheia. Enquanto tambores são tocados, pessoas dançam em volta de uma fogueira. Essa manifestação continua acontecendo, hoje em dia, quando há festas na Barrinha. Cardoso (2009) afirma que

[...] com tambores em volta de uma fogueira em que as pessoas dançam à vontade seguindo o som do tambor, fundamenta-se no “ponto”, ou seja, a pessoa tem que “desamarrar” (decifrar) o “ponto”. O “ponto” seria uma espécie de adivinha, onde o verso cantado não expressa de forma muito clara o que se trata, e é preciso descobrir para saber do que fala a música. O “ponto” pode significar questionamentos, denúncias ou outras vezes agradecimento à natureza (CARDOSO, 2009, p.54).

A ação dessa instituição estendeu-se, também, a oportunizar, junto aos moradores, capacitações que lhes permitissem aprender sobre agroecologia, de modo que conseguissem extrair elementos naturais, como ostras e algas, sem causar danos ao meio ambiente. Silva (2009) ressalta que a atividade mais significativa consistiu na construção de um berçário aquático, a fim de intensificar a quantidade de ostras e, conseqüentemente, influenciar de forma positiva tanto a venda quanto a profissionalização desse ofício. Evidencio que é uma prática difícil,

na qual as mulheres precisam ficar durante um longo período abaixadas com as costas inclinadas, dando batidas nas pedras até que as ostras se desprendam. Além disso, todo o peso precisa ser levado para casa, onde será fervido, descascado e, posteriormente, vendido. Apesar do esforço, o produto não é valorizado e precisa ser repassado ao comprador por um baixo preço. Como referência, no ano de 2009, cada litro de ostras valia R\$10,00 e, atualmente, custa o equivalente a R\$35,00. É importante sinalizar que o litro é a unidade utilizada para medir as quantidades de ostras a serem comercializadas. Essa é uma estratégia utilizada pela comunidade por ser mais fácil, como afirma meu tio Manoel Luzia. Lembro-me, inclusive, que no meu período de infância, latas de óleo serviam como medida para a venda dessa mercadoria.

Quando perguntado sobre as mudanças no território de Barrinha, após esses anos de reconhecimento enquanto território quilombola, meu tio, Manoel Luzia, conhecido como Bigo, que já integrou a associação do grupo, afirma, de maneira categórica, que não houve melhorias para a comunidade. Segundo ele, mudam as gestões, mas os projetos dificilmente saem do papel. Até hoje, a comunidade não possui sede própria, sendo as reuniões realizadas na casa de moradores. Mesmo tendo uma área cedida, há alguns anos, por ele, meu tio Valdeci e minha tia Nevinha para a edificação de um espaço para os encontros do grupo, além da verba e dos materiais encaminhados pelos órgãos competentes, o planejamento não se concretizou, *“esse material chegou a metade que esse material sumiu de lá que até hoje ninguém sabe para onde ele foi.”* Em uma segunda tentativa, chegaram a iniciar as obras, mas já em outras terras. No entanto, esta não seguiu adiante. Tio Bigo dá destaque, ainda, a outra proposta que, também, chegou a ser iniciada:

Uma vez, abriram uma sala de computação. Foi para lá, se eu não me engano, de seis a oito computadores para ensinar às crianças a aprenderem [...] Vai lá ver se as crianças aprenderam alguma coisa e se ela (antiga liderança da comunidade) sabe onde estão os computadores? (Manoel Luzia, 57 anos).

Atualmente, os moradores estão conseguindo executar um plano antigo, que foi elaborado na primeira gestão, e, agora, a atual administração está implementando. Trata-se da construção de uma capela funerária, ao lado da igreja de Santa Teresa D'Ávila, nas terras cedidas por tio Bigo e por tio Valdeci.

Tio Bigo demonstra sua indignação ao realizar um contraponto entre Barrinha e outros territórios quilombolas. Como exemplo, ele destaca os progressos que

presenciou, com o passar dos anos, no Quilombo Machadinha, situado no município de Quissamã, quando era integrante da associação quilombola e viajava com os membros do grupo:

Eu acompanho aquela comunidade desde quando ela era nada. Quissamã tem restaurante, Quissamã tem de tudo que você pensar. A comunidade evoluiu. Barrinha não, está naquilo lá. Entendeu? Barrinha não sai daquilo. É a única comunidade que não evoluiu é Barrinha, de todas que eu acompanhei até hoje. A única que não evoluiu nada, esses anos todos que o governo manda dinheiro, que o INCRA manda... (Manoel Luzia, 57 anos).

Em conversa com minha prima, Tamires Félix, moradora do bairro desde que nasceu, a renda dos habitantes do quilombo é gerada em diferentes fontes. Há prestadores de serviços para a prefeitura, atuando como professora, merendeira, agente de saúde ou de trânsito. Há aqueles que atuam na área comercial, como atendente de farmácia. Existem moradores que têm seu próprio estabelecimento, como bares e pequenos pontos para venda de produtos. As mulheres permanecem ainda hoje com a prática ancestral de retirada e venda de ostras. A realização de atividades, como construção de cercas, cuidar do pasto e do gado, assim como outras atribuições dentro das fazendas ainda são recorrentes.

Existe uma cooperativa para a extração e comercialização de aroeira em Barrinha, entre os meses de maio e junho. Esse arbusto é característico do local e suas sementes têm valor comercial, pois, além de serem utilizadas como um tempero, chamado pimenta-rosa, são usadas como remédio e na fabricação de cosméticos. Após a colheita, esses grãos são levados para um intermediário, que faz o pagamento e o repasse das mercadorias. No ano de 2022, o quilo foi vendido a R\$6,00.

As pessoas mantêm produções agrícolas de cana-de-açúcar, milho, abóbora, melancia, feijão, mandioca, aipim, abacaxi, banana figo, banana da terra, tomate, pimentão e salsa. Há moradores que conseguem vender seus produtos agrícolas para o Ceasa, grande distribuidor de alimentos, para o *hortifruti* ou para os pequenos mercados localizados nas proximidades. Alguns habitantes arrendam suas terras, movimento que consiste em um contrato firmado para que suas propriedades sejam utilizadas por outra pessoa para o plantio de alimentos.

Acontece, também, no território, a criação de galinhas e porcos para o consumo das carnes e venda dos filhotes. Há momentos em que os donos matam esses animais e vendem suas carnes para a víspora, uma espécie de bingo. Os

membros da comunidade referem-se a esse jogo por meio da forma reduzida “vispa”. Os bois são criados para que as carnes sejam, predominantemente, repassadas para o açougue.

Um hábito ainda recorrente entre os indivíduos do local é o cultivo de ervas medicinais nos seus próprios quintais. Os conhecimentos acerca das plantas são repassados dos mais velhos aos mais novos, assim como suas funcionalidades em benefício da saúde, mantendo-se vivos com o decorrer dos anos. Quando pedido para destacar os medicamentos plantados nas suas terras, tio Bigo menciona o saião, que é utilizado para limpar os pulmões; o rocoló, que serve para os rins; a erva cidreira, que ajuda a combater a febre; as folhas de guando, que aliviam dor de dentes e o capim-limão, que ajuda no cuidado contra a gripe.

Em relação à crença dos habitantes, muitos deles seguem a fé cristã, pois encontram-se no interior do território três templos religiosos: a capela de Santa Teresa D'Ávila, que prega as diretrizes do catolicismo, e duas igrejas evangélicas, Assembleias de Deus, sendo uma delas denominada *El Shadai*.

Por volta de 2013, os moradores foram surpreendidos com a notícia da construção de um terminal portuário dentro da comunidade. Desde então, essa possibilidade ronda o território de Barrinha. Anteriormente denominado de Canaã Terminal Portuário *Offshore* e, agora, intitulado Porto Norte Fluminense, o intuito desse grande empreendimento é a produção, exploração de petróleo e gás natural nessa região. No ano de 2020, a prefeita em exercício do município de São Francisco de Itabapoana, Francimara Barbosa, assinou um termo permitindo o uso do solo pela referida empresa<sup>8</sup>. De um lado, há aqueles que acreditam no progresso, como uma forma de alavancar a economia do lugar e, de outro, os que se preocupam com os grandes impactos que serão causados ao meio ambiente, prejudicando, inclusive, hábitos tradicionais dos habitantes quilombolas, como a pesca e a retirada de ostras. Até o momento, o projeto não saiu do papel.

---

<sup>8</sup> Fonte: <https://pmsfi.rj.gov.br/siteantigo/sfi-assina-permissao-de-uso-de-solo-para-porto-norte-fluminense/> Acesso em 04 abr 2023.

## 2 QUILOMBO DA RASA: A MATRIZ IDENTITÁRIA DA COMUNIDADE

A área que hoje se configura como bairro da Rasa surgiu em terras que, entre 1839 e 1850, pertenciam a José Gonçalves da Silva, traficante de pessoas negras que abastecia toda região de Cabo Frio com a mão de obra escravizada, oriunda de Angola e Moçambique. Accioli (2010) afirma que, ao longo dos séculos XVII e XVIII, a região de Cabo Frio abrangia os territórios de “Araruama, Rio Bonito, Iguaba Grande, São Pedro d’Aldeia, Armação dos Búzios, Cabo Frio, Rio das Ostras, Silva Jardim e outras localidades” (Accioli, 2010, p.9). Os processos de emancipação, que ocorreram ao longo dos anos, determinaram uma nova organização para o que se constitui no presente como Norte Fluminense.

Os povos africanos que chegavam, no auge do tráfico ilegal, desembarcavam no Arpoador da Rasa e na Barra do Una, conforme aponta Accioli (2010) em sua pesquisa. No fascículo intitulado “Cartografia Social do Quipea: Quilombo Rasa”, elaborado pela equipe Quilombos no Projeto de Educação Ambiental, a Ponta do Pai Vitório, também na Rasa, figura como ponto de chegada de pessoas escravizadas. Apesar de divergências quanto ao local exato, esses lugares se encontram na mesma praia. As pessoas escravizadas eram obrigadas a trabalhar na Fazenda Campos Novos e nas propriedades que faziam parte de suas terras.

Com a abolição da escravidão, os recém-libertos permaneceram trabalhando nas fazendas, por meio de um compromisso firmado com os proprietários. Em troca, esses indivíduos recebiam lotes, onde, além de desenvolverem suas produções agrícolas, as quais denominavam roças, podiam morar. Esse acordo, estabelecido entre “patrões e empregados”, permitiu que eles tivessem acesso às terras que, até então, não eram ocupadas para nenhum fim. Assim, surgiram os primeiros habitantes que ajudaram a formar o bairro da Rasa, uma população constituída por ex-escravizados e seus descendentes. Esse movimento de permanência e criação de vínculo com o território, marcado por tragédias e muito sofrimento, configura, para Accioli (2010), uma forma de resistência à escravidão. Nessas terras, essa população estabeleceu-se, organizando, assim, o quilombo da Rasa.

Os moradores viviam em espírito de comunidade. Os alimentos cultivados em suas roças, como frutas, legumes e verduras eram essenciais para a sobrevivência de todo o grupo. Nas suas lavouras, havia o plantio de banana, feijão, café e

hortaliças; era comum a produção de farinha para ajudar na subsistência. A praia Rasa e o Mangue de Pedras também eram locais de onde vinha o sustento do grupo por meio da pesca. Em entrevista concedida por Valmir Conceição Oliveira para a composição do fascículo do Quipea, ele, como integrante de uma das famílias tradicionais do bairro, descreve, com riqueza de detalhes, os alimentos das lavouras e algumas práticas culturais comuns realizadas dentro da comunidade:

Tinha jaca, goiaba, abacate, manga, uva, laranja, ameixa, jabuticaba. (...) Criava porco, criava muito peru, tinha galinha, o presente que mamãe dava para as pessoas eram cestos de ovos. Caçava tatu, paca, veado...A gente fazia mundéu [espécie de armadilha para apanhar caça] pegava uns paus, botava na frente, aí o tatu passava e caía em cima ou cavava o tatu com enxidão. (...) As mulheres pescavam na vala das Conchas, do Marimbondo, na vala do Seu Chico, do Zé Bandeira, da Cesária, na vala do Pau sem Rumo...Eram grupos de cinco e seis mulheres, e cada uma carregava um cesto e cobria a vala. Aí os peixes, tilápia, traíra, sardinha, tinha também siri e camarão, ficavam presos nos cestos. Os homens não se metiam. Os filhos delas, mais tarde, elas marcavam o horário, eles iam depois porque elas tinham todo aquele rito de troca de roupa...Entravam na água, botava aquele vestido de saco de lona. Aí, a gente ia mais tarde. Ia com os cavalos pra ajudar a trazer o peixe porque elas não podiam voltar com aquele cesto na cabeça. Elas faziam um tipo de comida entre elas lá, passavam o dia lá, só voltavam à tarde. Era esse tipo de pesca que elas faziam. Os homens já iam mais para o mar, colocavam o jacá [um tipo de cesto trançado com duas alças utilizado para depositar o pescado] nas costas e entravam no mar para matar os peixes, tipo o roncador. Também pescavam no manguezal com bambu grosso chamado bambu-taquaruçu, acendia um facho na ponta e na outra mão segurava um facão, aí esperava os peixes...robalos, paratis, tainhas seguirem a luz para matá-los” (Valmir Conceição Oliveira, Quipea, Quilombo Rasa<sup>9</sup>).

Esse estilo de vida, no qual a utilização da terra e do meio onde viviam eram em prol da coletividade, a fim de garantir a subsistência das pessoas do grupo, pode ser inserido, na perspectiva descrita por Santos (2015), como contra colonização, pois se opõe às formas de submissão e ocupação determinadas pelos europeus em nosso território durante o processo de escravização. Isso porque as bases do colonialismo, que nos foram impostas, tinham seus princípios alicerçados na individualidade, na qual o “eu” deveria ser priorizado em detrimento do “nós”. Esse sistema foi estruturado para deslegitimar os valores sociais e culturais das populações subjugadas. Nossa história, ou seja, minha, da minha família e de inúmeras outras pessoas quilombolas espalhadas pelo Brasil, durante muito tempo, foi-nos contada pela voz dos colonizadores, que colocavam em perspectiva suas visões sobre os acontecimentos. Assim, eles detiveram, por anos, o domínio sobre a

<sup>9</sup> Entrevista disponível em <https://online.fliphtml5.com/zliat/tzxl/#p=7>. Acesso em 22/01/2022.

história oficial, fazendo com que as memórias e as manifestações daqueles que foram escravizados não tivessem validade. O escritor denomina como contra colonizadores os povos africanos e indígenas, que mantiveram vivas, como forma de resistência, suas práticas e tradições, realizadas nos espaços onde se estabeleceram. Foi, também, uma forma de ressignificação das suas próprias existências nos territórios que ocupavam.

No período de 1920 a 1940, época em que a antiga Fazenda Campos Novos era administrada por Eugene Honold, descendentes de escravos ocupavam-se do trabalho nas amplas lavouras de bananas. Nesse momento, já funcionava o sistema de arrendamento, no qual esses indivíduos eram obrigados a pagar pela terra onde moravam e cultivavam seus alimentos com os dias trabalhados. Essas terras, aos poucos, passaram a dar lugar ao plantio de gramas para sustentar a criação de gado; e os locais, que antes recebiam lavouras, foram se transformando em pastos.

Na década de 1950, a Fazenda Campos Novos encontrava-se sob o poder de Antonio Paterno Castello. Nesse período, ocorre a ampla expansão da criação de gado e começam, em Armação dos Búzios, os investimentos no campo imobiliário, que prejudicam e modificam a rotina e o modo de vida dos quilombolas. Tendo em vista o grande interesse atribuído às terras da região, estes têm suas vidas desestruturadas, pois são obrigados a sair dos locais que antes ocupavam. Esses moradores foram expulsos e perseguidos de maneiras cruéis. Entre as estratégias utilizadas pelos fazendeiros, estavam a liberação dos bois nas roças para acabar com as plantações e, além disso, eram constantes as ameaças de morte. Diante dessa situação, presenciaram a divisão das suas propriedades em lotes para serem colocados à venda.

O bairro da Rasa fica situado na entrada do município de Armação dos Búzios, no litoral do Estado do Rio de Janeiro. Hoje, este não é mais um território rural, e sim um espaço urbano, formado por uma grande quantidade de famílias negras, muitas delas compostas por descendentes diretos de pessoas que foram escravizadas e que ajudaram, portanto, a fundar a comunidade. Com o passar dos anos, sua estrutura sofreu algumas alterações e, na atualidade, muitos dos indivíduos que residem nessa área vieram de outras regiões do Estado e, também, de fora dele.

A comunidade da Rasa foi reconhecida como quilombola pela Fundação Cultural Palmares (FCP) no ano de 2005. À luz das reflexões trazidas por Almeida



A população da Rasa é atendida pelo poder público com quatro creches: Marly Quintanilha da Silva, Maria Rita Coelho Novelino, Maria Amélia Oliveira de Souza e Nair da Conceição Gonçalves Pereira; duas escolas que oferecem da Educação Infantil ao Ensino Fundamental I (1º ao 5º anos): João José de Carvalho e Manoel Antônio da Costa; duas escolas com oferta de Ensino Fundamental II (6º ao 9º anos): Ciléa Maria Barreto e o Instituto Educacional de Habilitação Profissional e Formação Integral (INEFI). Nesta última, também é disponibilizado o Ensino Médio, mas somente no turno da noite. O bairro conta com postos de saúde e diversos estabelecimentos comerciais, como mercados, açougues, peixarias, farmácias, lanchonetes, bares, salões de beleza, lojas de roupa e materiais de construção. Há, também, um cine teatro, que funciona numa antiga capela, perto da praça do INEFI/Tia Uia.

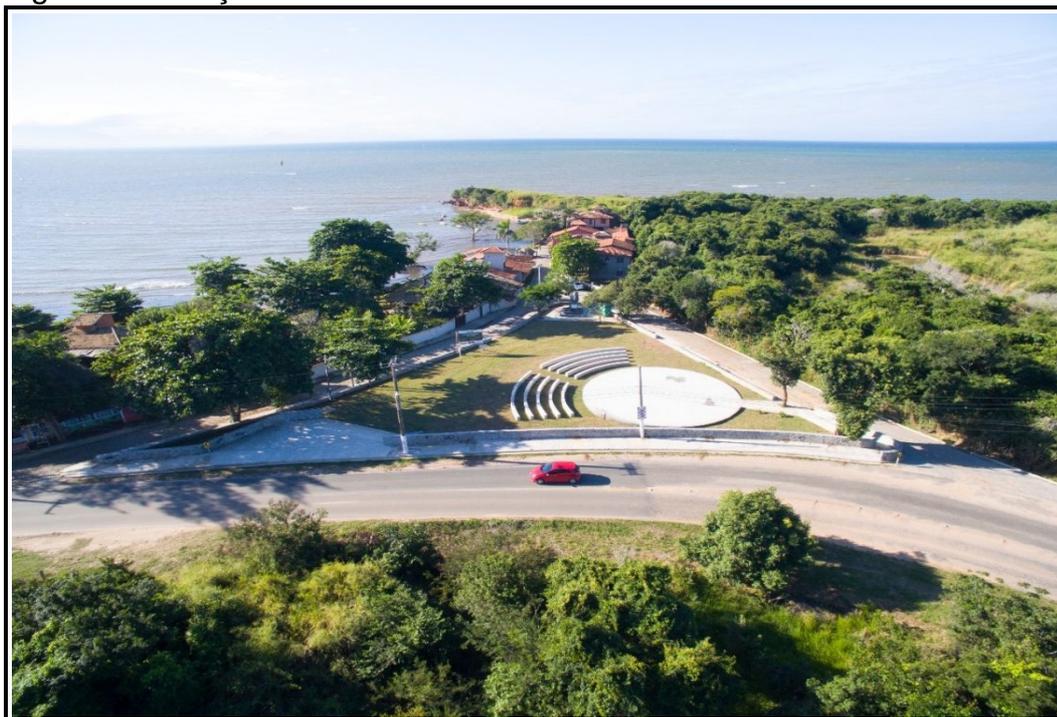
Em relação à religião, a maioria dos quilombolas do bairro segue o pentecostalismo, frequentando a igreja Assembleia de Deus. No passado, a crença da população na fé evangélica iniciou-se como uma forma de manifestação de resistência pelo grupo, já que as pessoas brancas do lugar participavam do catolicismo na capela de Santo Antônio e, mesmo após a abolição, permaneceram tratando aqueles que eram negros como escravizados – assim assegura a moradora do bairro, Cassiane da Rocha Oliveira. A fim de registro, cabe ressaltar que esses dois templos religiosos encontram-se construídos um em frente ao outro.

Na atualidade, alguns quilombolas mantêm práticas culturais aprendidas com seus ancestrais, como frequentar a Praia Rasa e o Mangue de Pedras para a pesca. Além disso, têm o cultivo de alguns alimentos nos seus quintais. As técnicas e as estratégias utilizadas para o desenvolvimento dessas atividades foram aprendidas com os mais velhos, que transmitiram suas experiências com o passar dos anos. Os conhecimentos acumulados com o tempo, dentro dessa comunidade, vêm sendo transmitidos por meio da oralidade, método utilizado pelos povos contra colonizadores, que lutam pela perpetuação dos seus saberes tradicionais. Santos (2015) denuncia que a escrita é uma imposição do colonialismo para difundir a sabedoria acadêmica. Assim, todas e quaisquer formas de representação cultural e social que não estejam inseridas nesses padrões, não apresentam legitimidade.

## 2.1 Lugares de memórias quilombolas da Rasa

O bairro Rasa traz elementos característicos que marcam sua identidade quilombola. Dentre estes, há a Praça quilombola<sup>10</sup>, instalada nas proximidades da Praia da Gorda, para demarcar a rota escravocrata na região. O espaço público foi inaugurado no dia 12 de maio de 2018 e, nesse ponto, há um monumento erguido para homenagear a comunidade. Trata-se do busto de uma deusa africana<sup>11</sup> de origem banto, inaugurado em 20 de novembro de 2014, data que marca a comemoração pelo dia da Consciência Negra. O monumento ficou pronto e foi inaugurado antes da praça.

Figura 16 - Praça Quilombola da Rasa



Fonte: <https://brensadebabel.com.br/inauguracao-da-praca-quilombola-em-buzios>

<sup>10</sup> No decorrer desta pesquisa, foi iniciada uma obra na Praça quilombola. Nesse espaço, encontra-se em construção um mercado de peixe. Quando eu e as crianças da escola visitamos o local, o trabalho já estava em andamento. No entanto, o busto da deusa africana não havia sido removido.

<sup>11</sup> O busto da deusa africana foi esculpido na pedra pelo artista Gilmário Santana.

Figura 17 - Busto de deusa africana, erguido na Praça Quilombola



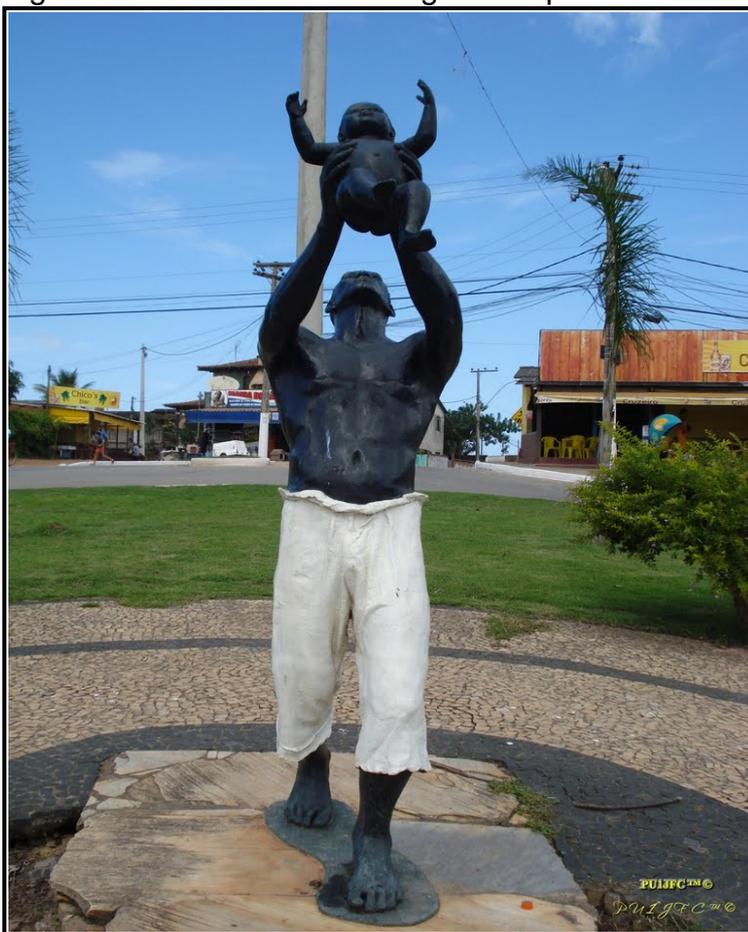
Fonte: <https://www.facebook.com/JornalFolhadebuzios>

Na localidade denominada Cruzeiro, fixada no centro do bairro, bem próximo onde está a escola, há uma escultura de um homem negro com uma criança, representando um pai erguendo seu filho. Esse monumento é intitulado “Homenagem ao quilombo”<sup>12</sup>, mas é comumente conhecido como “Zumbi da Rasa” e foi inaugurado no ano de 2003.

---

<sup>12</sup> Essa obra foi confeccionada pela artista plástica e escultora Christina Motta. Ela criou o monumento inspirando-se no pai, Mauricio de Assis Costa, e em seu filho.

Figura 18 - Escultura homenagem ao quilombo



Fonte: <https://buziosdigital.com.br/quilombo-em-buzios/>

A praça situada ao lado do Instituto Educacional de Habilitação Profissional e Formação Integral (INEFI/RASA), após o falecimento de Dona Carivaldina Oliveira da Costa, popularmente conhecida como Tia Uia, no dia 10 de junho de 2020, passou a ser chamada com o nome dessa importante mulher quilombola. A homenagem póstuma foi validada por meio de um decreto municipal<sup>13</sup>, reconhecendo a expressividade da sua história dentro do município e sua influência na liderança pelos direitos dos quilombolas. Na sequência, a foto da Praça do INEFI/Tia Uia:

<sup>13</sup> Decreto 1.476 de 28 de agosto de 2020.

Figura 19 - Praça do INEFI/ Tia Uia



Fonte: <https://www.folhadoslago.com/>

É nesse contexto que está inserida a Escola Municipal João José de Carvalho, cercada de elementos que ajudam a reafirmar a história local e que reforçam uma memória quilombola ainda viva na comunidade.

### 3 QUILOMBOS RASA E BARRINHA: DAS MEMÓRIAS SILENCIADAS ÀS MEMÓRIAS REVELADAS

Dentre as acepções atribuídas ao termo “memória”, encontra-se a capacidade de preservar os acontecimentos, as vivências e os pensamentos experienciados no passado e que permanecem na lembrança ao longo do tempo. Ao propor uma reflexão sobre os processos históricos das lutas e conflitos políticos em um país da América Latina, Anna Lucia Marques Turriani Siqueira (2015) discute em sua dissertação de mestrado, intitulada “Os processos de recuperação e reconstrução de memória histórica na Guatemala: Um recorte a partir das memórias de resistências”, sobre os resultados trazidos por políticas que visam reaver e reestruturar a memória de uma população, a fim de garantir-lhe reparação por toda a agressão sofrida. Nesse caso, o resgate dessas lembranças tem como intuito uma retratação pelos abusos sofridos no passado. A autora aponta, ainda, um aumento considerável, nas últimas décadas, no interesse de estudiosos em ouvir e descrever as guerras e os conflitos, dando atenção, no entanto, à versão das vítimas e não mais pelo ângulo do colonizador, como será discutido mais adiante neste trabalho. Indivíduos comuns, mas com uma grande carga de contribuições sobre os acontecimentos históricos e sociais dos quais participam, que passam a ter suas experiências de vida postas em evidência.

O colonialismo na Guatemala, no Brasil e em todos os outros países da América Latina, trouxe consequências catastróficas para esses territórios e suas respectivas populações. Mesmo apresentando resistência à dominação europeia, a tragédia foi imensa e, com isso, grupos foram dizimados, terras expropriadas, pessoas escravizadas tiveram seus corpos violentados das formas mais cruéis e aqueles que não perderam a vida foram desapossados da sua integridade. Foi-lhes obrigada uma mestiçagem forçada, em decorrência dos abusos, além de terem perdido o direito de manifestar suas práticas de vida e de projetarem-se no mundo. Ao descrever os processos de apagamento e silenciamento ocorridos durante o período de colonização e como populações inteiras foram categorizadas num único grupo, Siqueira (2015) afirma que:

Três séculos depois da invasão europeia os diversos povos presentes antes na América, que tinham sua própria história, linguagem, cultura, memória, sua própria identidade, passaram a ser, para o restante do mundo, simplesmente indígenas. E o mesmo ocorreu mais adiante com os africanos das mais diversas etnias trazidos para as Américas como escravos, que no século XX já eram nada além que meros negros, procedentes do “país África”! (SIQUEIRA, 2015, p.28).

Ao pensar sobre as ideias levantadas por Maurice Halbwachs, Siqueira (2015) destaca o termo memória coletiva, denominado pelo autor, para referir-se às lembranças que são concebidas a partir de representações do passado. Destaca, ainda, que estas são construídas por meio das relações e interações afetivas que os indivíduos estabelecem com outras pessoas e, também, com o contexto social no qual estão inseridos. Nessa direção, as trocas estabelecidas entre indivíduos que participam da mesma família, igreja, associação etc. contribuem para a composição de suas lembranças. Além disso, o espaço, o tempo e a linguagem, elementos constituintes dessa memória coletiva são padrões sociais que antecedem a individualidade. Essa visão, defendida pelo sociólogo, vai contra uma proposta de que o ambiente social, por si só, com seu caráter estático, seria capaz de expressar as recordações interiores.

A memória coletiva opõe-se à memória nacional, ou seja, àquilo que é difundido pelo dominador como verdade absoluta. Pollak (1989) ressalta que a memória entra em disputa quando pesquisadores mudam suas perspectivas e passam a lançar seus olhares investigativos para as guerras, lutas e conflitos e não mais para os elementos estáticos que, até então, eram considerados suficientes para esclarecer essas memórias. Esse novo ponto de vista passa a utilizar as vozes e histórias de vida das populações envolvidas nessas tragédias históricas e que, no decorrer dos acontecimentos, tiveram suas vozes silenciadas. Com isso, os excluídos e marginalizados começam a ser ouvidos e a história oral desses grupos passa a ser julgada como parte necessária à constituição de memória. Nessa direção, o autor declara que:

A despeito da importante doutrinação ideológica, essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas. O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a

hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas (POLLAK, 1989, p.5).

Ao discorrer sobre as memórias coletivas, que abrigam as marcas das tragédias do passado, contrariando a memória nacional, Pollak (1989, p.6) consegue categorizá-las em três tipos diferentes: proibidas, indizíveis e vergonhosas. Para tanto, descreve algumas catástrofes históricas, suas consequências para as populações envolvidas, bem como a forma com que esses indivíduos lidaram com os acontecimentos. Em primeiro lugar, o pesquisador aponta a época Stalinista e como as vítimas do seu sistema político foram silenciadas durante o período de dominação, sem a possibilidade de expressar seus sofrimentos. Em um segundo momento, apresenta a situação dos sobreviventes dos campos de concentração nazistas que, ao regressarem para casa, sentiram não poder verbalizar suas angústias. Por último, analisa o caso dos cidadãos recrutados à força para atuar na Segunda Guerra Mundial, que se mostraram envergonhados por toda a humilhação e desgraça que sofreram. As situações descritas mostram-nos como esses tempos de repressão deixaram marcas nas pessoas e, sobretudo, as diversas formas de reação que estas apresentaram para conseguir expressar suas dores, materializando, assim, suas memórias.

O ato de narrar as memórias da escravização não foi um processo natural para nenhuma população quilombola. Como sinalizado nesta pesquisa, para a comunidade de Barrinha, por exemplo, o resgate das histórias de sofrimento, vividas por seus ancestrais que haviam sido escravizados e, também, sobre as humilhações experienciadas por alguns deles, mesmo após a abolição da escravatura, ainda causa dor. Por isso, esses acontecimentos não foram, durante um longo período, pronunciados em voz alta. Por anos, fiquei sem conhecer esse lado da história da minha família. Pollak (1989, p.6) atribui um caráter político e, também, pessoal ao silêncio, à medida que os mais velhos tentam privar a geração futura de crescer sendo absorvida pelas recordações de dor e tristeza sofridas por eles. Sobre essa necessidade que as pessoas apresentam de manter em silêncio as tragédias ocorridas na humanidade, esse estudioso, ao descrever o período no qual os sobreviventes dos campos de concentração nazistas foram liberados e regressaram aos seus países de origem, Alemanha e Áustria, relata o sentimento de culpa que as vítimas, muitas vezes, atribuíam a si mesmas pela desgraça sofrida:

Em face da lembrança traumatizante, o silêncio parece se impor a todos aqueles que querem evitar culpar as vítimas. E algumas vítimas, que compartilham essa mesma lembrança “comprometedora”, preferem, elas também, guardar silêncio. Em lugar de arriscar a um mal-entendido sobre uma questão tão grave, ou até mesmo de reforçar a consciência tranquila e a propensão ao esquecimento dos antigos carrascos, não seria melhor se abster de falar? (POLLAK, 1989, p.5).

A luta das comunidades quilombolas pelo reconhecimento de seus direitos territoriais passou a ter visibilidade nacional após a Constituição de 1988. Apesar disso, os embates travados com os colonizadores sempre ocorreram, sendo essas populações caracterizadas como criminosas até a consolidação da abolição da escravidão em 1888. A partir dos apontamentos levantados por Santos (2015),

Após esse período, o termo Quilombo caiu em desuso, juntamente com a legislação que os criminalizava. Porém, a criminalização e a violência contra essas comunidades permaneceram, tendo como alvo seus modos de vida, suas expressões culturais e seus territórios, isto é, as suas formas de resistência e de auto-organização comunitária contra colonial (Santos, 2015, p.49).

O reconhecimento dessas comunidades, durante muito tempo, esbarrou em uma concepção tradicional que era atribuída ao termo quilombo, considerando-o um espaço afastado com a intenção de abrigar negros fugidos. Dentro dessa configuração, conforme afirma Almeida (2022), havia poucos territórios que se enquadravam nessa categoria. Somente após a década de 1990, com novas ressignificações conferidas ao termo, esses grupos conseguiram organizar-se para reivindicar seus direitos. Quilombo passou a ser concebido, então, como um espaço constituído de memórias, construídas por meio das experiências culturais e sociais que as pessoas estabelecem entre si e com o território que ocupam. Dessa maneira, para o reconhecimento e o direito às políticas públicas, foi necessária uma validação das recordações relacionadas aos vínculos que as populações quilombolas mantinham com aquele espaço e “não apenas comprovações materiais e arqueológicas de origem histórica do grupo” (ALMEIDA, 2022, p.31).

As histórias que fundamentam a existência das comunidades da Rasa e da Barrinha podem ser contadas hoje, no presente, a partir das memórias de inúmeros homens pretos e mulheres pretas passadas de geração em geração. É por meio dessas histórias que a barbárie e o sofrimento, vivenciados por eles no período da escravização e, também, no pós-abolição dentro desses territórios, são recuperados

e transmitidos aos seus descendentes. Ao discutir esse assunto, Siqueira (2015) aponta que as memórias de uma população estão diretamente associadas às relações que o grupo estabelece com o local do qual faz parte. Dessa maneira, ela afirma que:

O recordar vem, cada vez mais, deixando de ser pensado somente como um ato individual, para ser compreendido como um ato coletivo, em que estímulos externos como códigos, símbolos e linguagens, entre outros quadros sociais, determinam o universo simbólico de cada grupo e sociedade, sendo responsável tanto direta quanto indiretamente por aquilo que se lembra ou se esquece, conformando assim o campo da memória coletiva (Siqueira, 2015, p. 52).

Assim, as dinâmicas de recuperação e reconstrução das memórias de populações que foram subjugadas pelos colonizadores, os quais utilizaram táticas desumanas, como a expropriação territorial desses indivíduos, além do apagamento de suas culturas, de seu modo de ser e de se projetar no mundo, funcionam como uma espécie de denúncia para a dominação sofrida. Essas lembranças atuariam, então, conforme sinaliza Siqueira (2015, p.56), como “ressignificação simbólica da opressão, a redenção do passado, o que permitiria a restauração da dignidade roubada, a perspectiva de ser outra coisa além do que foi imposto.”

Os trabalhos e as pesquisas que tratam de descrever as práticas de vida das comunidades quilombolas, bem como de suas respectivas populações, são bem recentes no meio acadêmico. Para a composição desses materiais, são necessários os registros dos relatos de membros desses grupos, apontando suas experiências vivenciadas com o território e, sobretudo, as memórias que trazem consigo referentes a toda a sua ancestralidade. A fim de reunir informações sobre a Rasa e a Barrinha, ouvi o que alguns moradores dessas comunidades tinham a dizer. Considerei importante evidenciar suas perspectivas a respeito da história dos locais onde vivem, as experiências acumuladas com o passar dos anos e, igualmente, as memórias que guardam consigo dos seus antepassados. É por meio da oralidade que esses conhecimentos vão seguindo e mantendo-se vivos com o decorrer do tempo.

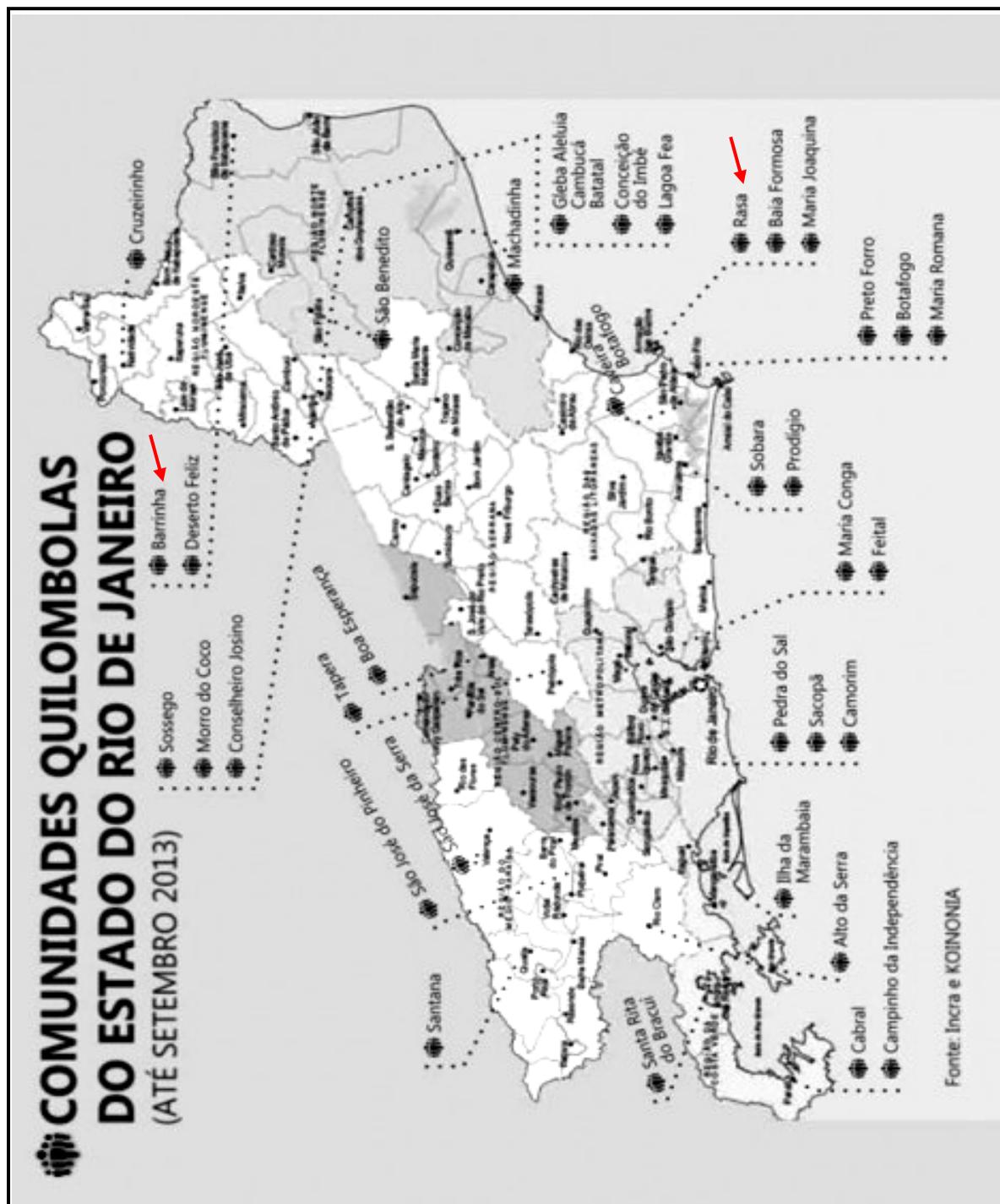
A fim de validar suas identidades enquanto comunidades quilombolas para ter acesso aos dispositivos legais, os indivíduos precisaram relatar suas histórias, o que tinham vivido e, sobretudo, fazer um resgate dos acontecimentos ocorridos naquele espaço, que lhes foram contados pelos mais velhos e deixados como herança. No

caso da Barrinha, os moradores começaram a revelar suas memórias, até então guardadas naquele território, a partir do interesse levantado por pessoas de fora da comunidade, que quiseram registrar os acontecimentos daquela localidade, bem como das famílias e de seus ancestrais. Assim, podemos observar que a memória oficial da região já não dava mais conta de esclarecer os fatos. Daí a necessidade de ouvir o outro lado, a versão contada pelos moradores de Barrinha que, por anos, foram oprimidos e massacrados pelo sistema.

Em relação ao bairro da Rasa, Nazário (2015) declara que, a fim de requerer seus direitos como remanescentes de quilombo, dois moradores da comunidade foram importantes para dar início ao processo, Valmir e o pastor Luís. Coube a liderança, neste caso, ao pastor Luís, que após se interessar pelas histórias dos antepassados da sua família, atuou para munir a população de informações a respeito das garantias legais às quais tinham direito. Os encontros aconteciam na igreja evangélica Assembleia de Deus. Dessa forma, iniciou-se a batalha dos moradores pela reconquista dos territórios dos quais foram expropriados. Uma luta que ainda não chegou ao fim.

Na sequência, o mapa com os quilombos do Estado do Rio de Janeiro, com destaque para as comunidades Rasa e Barrinha:

Figura 20 - Mapa com as comunidades quilombolas do Estado do Rio de Janeiro



Fonte: <https://riononwatch.org.br/?p=12163>

#### 4 DIFERENTES TEORIAS A FAVOR DE UMA ALFABETIZAÇÃO QUILOMBOLA

Este estudo traz como referência para a investigação dos processos de aprendizagem da leitura e da escrita de crianças da Escola Municipal João José de Carvalho as concepções de alfabetização descritas por Soares (2003, 2020a e 2020b) e Freire (1987[2021a]). Fundamenta-se, também, na perspectiva dos letramentos sociais, difundida por Street (2014), nas percepções sobre o estudo da língua, defendidas por Moita Lopes (2006), que apresenta suas bases de sustentação na Linguística Aplicada, e nos princípios de Nascimento (1980), que evidenciam a importância dos quilombos e da recuperação da memória da população afro-brasileira para que seja consumada uma verdadeira consciência negra.

Soares (2020b) define alfabetização como “um processo de representação de fonemas em grafemas, e vice-versa, mas é também um processo de compreensão/expressão de significados por meio do código escrito” (SOARES, 2020b, p. 17 e 18). Cabe atentar que sua efetivação requer entender a complexidade na qual este sistema se desenvolve, sendo necessário promover uma análise a partir da sua integração com outras áreas de conhecimento. Com o intuito de dar conta da profundidade que engloba o entendimento acerca de como se desenvolve a alfabetização, a autora determina as variadas “facetas” que precisam ser consideradas e pautadas em eficientes propostas para o ensino tanto da escrita quanto da leitura.

Dentre as “facetas” elencadas pela pesquisadora como essenciais para o desenvolvimento das habilidades intrínsecas à alfabetização, apontam-se aquelas com caráter psicológico, psicolinguístico, sociolinguístico e linguístico, a fim de dar conta, de modo amplo e preciso, dos eventos que esse processo exige. O viés psicológico busca amparo na Psicologia para tentar entender como o indivíduo aprende. Dessa forma, são levados em consideração e pautados como essenciais fatores de cunho psicológico e, incluída nessa concepção, está a ideia de que aspectos como o intelecto, noções de espaço e tempo, além das percepções do próprio corpo em relação ao ambiente determinam como os atos de ler e escrever se desenvolvem.

A Psicolinguística, por sua vez, traz como colaboração questões a se considerar, tais como: a maturidade do indivíduo para este ser iniciado na alfabetização; a associação que ele estabelece entre a linguagem e aquilo que precisa ser lembrado; a relação entre imagens e escrita, bem como o número de elementos que são captados visualmente quando envolvido nas propostas de leitura. Para a Sociolinguística, por outro lado, há a necessidade de se colocar em evidência a língua, partindo do contexto social no qual esta é utilizada. Logo, as variações dialetais e regionais do aprendiz devem ser utilizadas e valorizadas nesse processo de ensino-aprendizagem. Por fim, com base em uma perspectiva linguística, a análise da correspondência entre os grafemas e os fonemas da língua; entre os sinais característicos que a compõem e suas representações sonoras são, para a autora, grandes contribuições para a alfabetização (SOARES, 2020b, p. 20-23).

Partindo dessas concepções, podemos observar que a alfabetização possui princípios bem específicos que não podem, de modo algum, ser desconsiderados e devem estar sempre em primeiro plano. Assim, para que os indivíduos aprendam a ler e a escrever, é imprescindível que sejam utilizados elementos que os façam refletir, de maneira sistemática, sobre as relações existentes entre grafemas e fonemas, mas que também sejam capazes de dar conta das outras “facetas” da alfabetização. Dessa forma, para que as crianças compreendam o funcionamento do sistema de escrita alfabética, é extremamente importante que estas sejam estimuladas com propostas específicas que caminhem nessa direção (SOARES, 2003, p.19).

A autora entende os processos de aprendizagem da leitura e da escrita enquanto aquisição de uma técnica indispensável para que se consiga promover a relação entre fonemas e grafemas. Dessa forma, parte do princípio de que ler é decodificar e escrever é codificar. Esta pesquisa, no entanto, opta por considerar a proposta de Morais (2012), que entende a escrita alfabética como um sistema notacional com normas que a distanciam da concepção de “código”.

Partindo desse entendimento, para a compreensão do sistema de escrita alfabética, de modo a consolidar tanto as habilidades voltadas para a escrita quanto para a leitura, o indivíduo precisa perceber que as letras representam determinadas partes sonoras de palavras e que para estas serem utilizadas faz-se necessário obedecer às regras que regulamentam esse sistema. Consoante Morais (2012), para que os alunos estejam plenamente alfabetizados, ou seja, consigam

ler e escrever com propriedade, estes devem ter consolidado certas particularidades do sistema de escrita alfabética, como as apresentadas no quadro a seguir:

Quadro 1 - Propriedades do Sistema de Escrita Alfabética (SEA)

<p>Propriedades do SEA que o aprendiz precisa reconstruir para se tornar alfabetizado</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Escreve-se com letras que não podem ser inventadas, que têm um repertório finito e que são diferentes de números e outros símbolos;</li> <li>2. As letras têm formatos fixos e pequenas variações produzem mudanças em sua identidade (p, q, b, d), embora uma letra assuma formatos variados (P, p, <i>P</i>, <i>p</i>);</li> <li>3. A ordem das letras no interior de uma palavra não pode ser mudada;</li> <li>4. Uma letra pode se repetir no interior de uma palavra e em diferentes palavras, ao mesmo tempo em que distintas palavras compartilham as mesmas letras;</li> <li>5. Nem todas as letras podem ocupar certas posições no interior das palavras e nem todas as palavras podem vir juntas de quaisquer outras;</li> <li>6. As letras notam ou substituem a pauta sonora das palavras que pronunciamos e nunca levam em conta as características físicas ou funcionais dos referentes que substituem;</li> <li>7. As letras notam segmentos sonoros menores que as sílabas orais que pronunciamos;</li> <li>8. As letras têm valores sonoros fixos, apesar de muitas terem mais de um valor sonoro e certos sons poderem ser notados com mais de uma letra;</li> <li>9. Além de letras, na escrita de palavras usam-se, também, algumas marcas (acentos) que podem modificar a tonicidade ou o som das letras ou sílabas onde aparecem;</li> <li>10. As sílabas podem variar quanto às combinações entre consoantes e vogais (CV, CCV, CVV, CVC, V, VC, VCC, CCVCC...), mas a estrutura predominante no português é a sílaba CV (consoante-vogal), e todas as sílabas do português contêm, ao menos, uma vogal.</li> </ol>
--

Fonte: MORAIS, 2012, f. 51.

Então, são utilizadas nesta pesquisa, as ideias de Soares (2020a), no que diz respeito às singularidades que ela determina existirem na ação de alfabetizar. Conforme a autora aponta, o ensino da leitura e da escrita precisa ocorrer em um contexto de letramento<sup>14</sup>. Sendo assim, a aquisição dessas habilidades

<sup>14</sup> É importante frisar que Soares (2020a) faz uso do termo letramento no singular. Como ela afirma, esse processo consiste no uso da leitura e da escrita com propriedade, a fim de dar conta das práticas sociais. Sendo assim, essas habilidades podem ser desenvolvidas com os alunos por meio de variados gêneros textuais que fazem parte do cotidiano e que são valorizados pela escola, como bilhetes, receitas, parlendas, cantigas, convites, poemas, histórias etc. Esses textos são levados

acontece em meio à interação entre quem ensina e quem aprende, sendo os objetos de conhecimento a escrita alfabética e os usos que dela fazemos socialmente. Para Soares, enquanto a alfabetização está relacionada à aprendizagem da tecnologia da escrita, ou seja, ao modo como se lê e como se escreve, além dos mecanismos utilizados para isso, no letramento, por outro lado, consideram-se os empregos dessa leitura e dessa escrita com propriedade, de acordo com convenções sociais. Enfatizo que, embora sejam distintos, ambos se complementam e transcorrem simultaneamente, apesar de cada um deles ter suas regras e seus princípios bem estabelecidos.

Portanto, para a realização satisfatória deste trabalho em sala de aula, articulando em seus projetos esses dois processos, o professor precisa conhecer como ocorre a aprendizagem para, a partir daí, poder formular suas propostas, de modo a levar em conta o potencial de cada um dos seus alunos. Dessa forma, o estudo do sistema de escrita alfabética precisa ocorrer concomitante à compreensão dos motivos pelos quais a leitura e a escrita são realizadas, levando o aluno a perceber a funcionalidade que essas ações apresentam no contexto social em que vive.

Atentando-se às propostas de Freire (1987 [2021a]), é possível observar que, para a promoção de um verdadeiro projeto de alfabetização, devem ser consideradas as questões relacionadas tanto ao contexto social quanto à cultura dos alunos. Quando as atividades voltadas para a aprendizagem da leitura e da escrita partem dessa realidade, os envolvidos no processo passam a valorizar sua cultura e a compreender sua relevância dentro desse cenário. Como afirma o autor, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989, p. 9). Logo, antes mesmo de começar a refletir sobre o funcionamento da língua escrita, os aprendentes precisam ser levados a compreender sobre onde estão e, além disso, sobre quem são eles inseridos nesse espaço. Partindo desse princípio,

Quanto mais assumam os homens uma postura ativa na investigação de sua temática, tanto mais aprofundam a sua tomada de consciência em torno da realidade e, explicitando sua temática significativa, se apropriam

---

para a sala de aula com o intuito de alfabetizar e, também, letrar. Cabe enfatizar, entretanto, que apesar desta pesquisa estar articulada às ideias de Soares, opta-se pela utilização do termo “letramentos”, no plural, por este permitir, de modo mais abrangente, enfocar uma perspectiva antirracista, que foge aos padrões de um ensino hegemônico, que desconsidera a história de vida dos alunos envolvidos dentro do processo de ensino-aprendizagem, bem como a realidade da qual eles fazem parte.

dela (FREIRE, 1968 [2021b], p.137).

Diante dessa condição, há a defesa de uma alfabetização baseada no diálogo, desenvolvida de maneira a trabalhar a criticidade. Professor e alunos atuam juntos na sala de aula, cabendo ao docente figurar como um mediador, enquanto aos alunos, por outro lado, compete serem situados no centro do processo como seres ativos.

É possível perceber a existência de afinidade entre os pensamentos de Soares (2020a) e Freire (1987 [2021a]) quando lançam seus olhares sobre a alfabetização. Isso fica evidente no momento em que eles apontam que o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita não podem ser tratados como uma ação automatizada, na qual sejam valorizadas, apenas, questões voltadas para a estrutura da língua, sem qualquer embasamento. A inserção desses processos dentro de um contexto real permite aos alunos verem e perceberem que aquilo que aprendem tem sentido e propósito dentro do meio social no qual eles estão imersos. É preciso ir além das letras para o desenvolvimento de um projeto eficiente de alfabetização. Partindo dessa perspectiva,

Tomar a história nas próprias mãos antecede o começo do estudo do alfabeto. O processo de alfabetização é muito mais fácil do que o processo de tomar a história nas próprias mãos, uma vez que isso traz consigo necessariamente o “reescrever” a própria sociedade (FREIRE, 1987 [2021a]), p.121).

Dentro dessa perspectiva, Freire (1987 [2021a]) defende que alfabetizar partindo da experiência de vida dos indivíduos possibilita que estes se tornem seres mais críticos e conscientes. Essa reflexão acerca da própria realidade concretiza-se por meio do estudo, do acesso ao conhecimento. Parte desse princípio a afirmação de que as pessoas que vivem em uma comunidade quilombola devem conhecer a história dos seus antepassados, do local onde vivem para, então, pensarem mais profundamente sobre sua própria situação e posição que ocupam na sociedade. É preciso que o espaço escolar contribua com elementos que ajudem os indivíduos na valorização dessa cultura e dessa identidade.

No que concerne ao estudo dos letramentos, proposto por Street (2014), este é valorizado neste estudo por transpassar a habilidade de ler e compreender textos escritos que, segundo ele, é um “modelo autônomo” muito considerado nas práticas

escolares. Sua defesa parte em divulgar a relevância de um “modelo ideológico” de letramento, capaz de valorizar, dentro desse processo, as ações que acontecem em contextos sociais, levando em consideração os indivíduos, suas produções e experiências no ambiente onde se encontram. Por consequência, “práticas letradas são produtos da cultura, da história e dos discursos” (STREET, 2014, p. 9).

Recorro, ainda, nesta investigação, à perspectiva de Moita Lopes (2006) sobre a Linguística Aplicada (LA). Esse estudioso apresenta a relação que existe entre linguagem e vida social, propondo uma outra forma de se olhar para o objeto pesquisado, apontando a importância da teoria e da prática serem analisadas em parceria para a elaboração da aprendizagem. Com base nesse princípio, traz uma nova maneira de pensar sobre as relações sociais. É partindo dessa perspectiva que um linguista aplicado contemporâneo precisa conduzir seu estudo para garantir sua importância dentro do campo social (MOITA LOPES, 2006).

Seguindo essa abordagem, a compreensão da sociedade realiza-se fundamentada nas experiências daqueles que estão colocados em situações desfavoráveis, considerando, com isso, aqueles que figuram à margem do contexto social, tendo seus saberes desprezados, mas que a partir de uma análise sob a ótica dessa ciência, podem também ser ouvidos. Desse modo,

a possibilidade política de que a pesquisa contemple outras histórias sobre quem somos ou outras formas de sociabilidade que tragam para o centro de atenção vidas marginalizadas do ponto de vista dos atravessamentos identitários de classe social, raça, etnia, gênero, sexualidade, nacionalidade etc. Esse percurso parece essencial, uma vez que tais vozes podem não só apresentar alternativas para entender o mundo contemporâneo como também colaborar na construção de uma agenda anti-hegemônica em um mundo globalizado, ao mesmo tempo em que redescreve a vida social e as formas de conhecê-la (MOITA LOPES, 2006b, p.27).

Com isso, os fundamentos da LA contemporânea são utilizados neste estudo por trazer um olhar diferenciado para observar as situações do cotidiano, a fim de utilizá-las como produtoras de conhecimento. Assim, entende-se o funcionamento da linguagem no instante em que se compreende o mundo. Ao levantar as propostas de alfabetização e letramentos de crianças quilombolas, baseadas nesses princípios, mostra-se um meio de se fazer ecoar o que esse grupo tem a dizer e de mostrar como o conhecimento que apresenta possui importância para a vida da comunidade. É uma proposta de refletir sobre a linguagem com os alunos, partindo da sua própria história e daqueles que ajudaram a fundar o local onde vivem. Ainda segundo Moita

Lopes,

Aqueles que foram postos à margem em uma ciência que criou outridades com base em um olhar ocidentalista têm passado a lutar para emitir suas vozes como formas igualmente válidas de construir conhecimento e de organizar a vida social, desafiando o chamado conhecimento científico tradicional e sua ignorância em relação às práticas sociais vividas pelas pessoas de carne e osso no dia a dia, com seus conhecimentos entendidos como senso comum pela ciência positivista e moderna (MOITA LOPES, 2006, p. 87).

O autor, ainda, defende que essa abordagem linguística age em conjunto com outras áreas de conhecimento do campo das Ciências Sociais e Humanas, de modo a captar os elementos necessários à interpretação dos fenômenos que se propõe a estudar. No que diz respeito à relação estabelecida entre as ciências supracitadas, faz-se relevante ressaltar que tal fato acontece para um melhor entendimento dos eventos ocorridos na vida em sociedade e como estes interferem e atuam no modo de produzir a linguagem. A intenção não é trazer soluções aos problemas encontrados. Pelo contrário, o propósito é discutir e pensar sobre as dificuldades, apontando alternativas. Por conta dessa relação estabelecida, ele atribui um caráter híbrido à LA, qualificando-a como indisciplinar. A investigação acontece de tal maneira que se torna difícil delimitar as fronteiras dessa área de conhecimento. De acordo com o referido pesquisador:

Ela é indisciplinar tanto no sentido de que reconhece a necessidade de não se constituir como disciplina, mas como uma área mestiça e nômade, e principalmente porque deseja ousar pensar de forma diferente, para além de paradigmas consagrados, que se mostram inúteis e que precisam ser desaprendidos para compreender o mundo atual (FABRÍCIO, 2006, *apud* MOITA LOPES, 2009, p. 19).

É possível perceber, com isso, que essa ciência não está fechada em si mesma, nem centrada num campo finito. Pelo contrário, mostra-se aberta a considerar outras vozes e possibilidades, permitindo-se transcender a sua área para dar conta das suas investigações. Logo, seus interesses são expandidos e levados para outros horizontes.

Para repercutir junto à comunidade escolar sobre a situação da população quilombola, será preciso estabelecer um debate com outras ciências. “Parece essencial que a LA se aproxime de áreas que focalizam o social, o político e a história. Essa é, aliás, uma condição para que a LA possa falar à vida

contemporânea" (Moita Lopes, 2006b, p.96). Sendo assim, à História, por exemplo, cabem as análises sobre os fatos ocorridos no passado, relacionados à chegada das pessoas sequestradas nos países da África e trazidas à força para serem escravizadas, trabalhando nas fazendas da região, assim como sobre os motivos que as levaram a habitar o bairro da Rasa e como estabeleceram-se nesse local, formando o quilombo.

Outros campos de estudo, como a Sociologia e a Antropologia, também serão grandes colaboradores a partir do instante que permitirem o entendimento acerca de como as pessoas dessa comunidade se apresentam e se reconhecem diante do próprio município e, além disso, como assumem sua cultura e identidade. Dessa forma, conclui-se que, com a perspectiva da LA contemporânea:

Está ocorrendo na produção do conhecimento a compreensão de que uma única disciplina ou área de investigação não pode dar conta de um mundo fluido e globalizado para alguns, localizado para outros, e contingente, complexo e contraditório para todos (MOITA LOPES, 2006a, p.99).

As ideias de Freire (1987 [2021a]) dialogam com a visão de Moita Lopes (2006) quando apontam o fato de a linguagem ir muito além da simples tarefa de estabelecer comunicação. Coloca-se em relevo, ainda, o fato de que a defesa de uma alfabetização sob esse ângulo é no sentido de fazer ecoar as vozes daqueles que estão à margem da sociedade, oprimidos e desprezados, mas têm a oportunidade de serem ouvidos no momento em que reconhecem seus direitos e passam a reivindicá-los.

Percebo que tanto Freire (1987 [2021a]) quanto Moita Lopes (2006) defendem uma pauta engajada socialmente, apontam a necessidade de se colocar em destaque aqueles que estão excluídos e marginalizados na sociedade, fazendo com que seus problemas e dificuldades sejam incluídos e considerados nas discussões e, mais do que isso, esses acontecimentos sejam vistos como ferramentas potentes para o entendimento sobre sua própria identidade no ambiente onde estão imersos. É partindo desse pressuposto que os alunos aprenderão a ler e a escrever: utilizando seu meio social como referência e refletindo sobre a linguagem a partir dele para tornarem-se seres questionadores, capazes de compreender o meio onde vivem.

Nascimento (1980) expõe que o resgate da memória, das histórias e das raízes étnicas são manifestações de resistência. Esse é o caminho para uma genuína consciência negra que precisa acontecer na sociedade, a partir do instante que o indivíduo se apropria desses elementos, toma conhecimento dos seus direitos e, também, daqueles que compartilham dessa mesma identidade cultural. Para o autor, os quilombos são espaços que têm grande relevância na preservação da cultura negra afro-brasileira. Esses locais são símbolos que marcam o resgate da liberdade e, ao mesmo tempo, a recuperação da dignidade roubada de milhões de pessoas, que foram submetidas a um regime perverso e desumano de escravidão.

Como aponta Nascimento (1980, p.247), "nunca em nosso sistema educativo se ensinou qualquer disciplina que revelasse algum apreço ou respeito às culturas, artes, línguas e religiões de origem africanas". E apesar dessa declaração já ter completado um pouco mais de quatro décadas, não tivemos mudanças expressivas caminhando nesse sentido. Inclusive as legislações que foram implementadas, anos mais tarde, não deram conta de impulsionar e inserir de modo relevante essas reflexões dentro do cenário escolar. Nesse ambiente, notamos ainda o trabalho solitário realizado, entre quatro paredes, por aqueles professores que decidem, por eles mesmos, fazer com que os alunos tenham acesso às informações que lhes são negadas, em função de um sistema que não se cansa de privilegiar um molde de educação hegemônico, que não dá conta de explicar nossa verdadeira história.

Seguindo nessa linha de pensamento, defendendo a valorização das culturas dos grupos subjugados, Santos (2018, p. 9) afirma que "contracolonizar" é a solução que se impõe a essa violência à qual somos submetidos. Sendo assim, quilombolas e indígenas precisam colocar em evidência sua história, de modo que esses conhecimentos tenham tanto peso na sociedade quanto aqueles valorizados no meio acadêmico. Não é desconsiderar as teorias científicas, mas fazer com que a inteligência e o entendimento dessas comunidades também sejam certificados no meio social. Discutir essa temática nas escolas, com crianças bem pequenas, é um primeiro e fundamental passo nessa direção para que elas cresçam reconhecendo a importância do passado para a compreensão das situações que ocorrem no presente, principalmente aquelas que refletem como negros e indígenas são tratados na sociedade.

Dessa forma, auxiliar as crianças nos processos de aprendizagem da leitura e da escrita na direção do entendimento das culturas, da história do povo negro e,

também, da população quilombola de modo específico é possível, além de necessário para proporcioná-las um ensino de qualidade. Por meio dessa proposta de trabalho, demonstro como essa ação com a linguagem pode ajudar consideravelmente na reflexão dos alunos, a fim de que estes percebam sua importância dentro da comunidade e, além disso, a relevância da sua história num cenário social mais amplo.

O desenvolvimento de habilidades de leitura e de escrita, contextualizadas com os elementos da história de vida e com a realidade tanto das crianças quanto das pessoas do território quilombola, podem favorecer uma aprendizagem mais expressiva. À medida que os alunos forem colocados como personagens principais de um processo de ensino-aprendizagem que empregue fatores essenciais, como a cultura do lugar onde está localizada a escola da qual eles fazem parte e as memórias daqueles que ajudaram a formar a comunidade onde vivem ou estudam, as atividades planejadas farão mais sentido. Com materiais pedagógicos antirracistas, os discentes terão a oportunidade de descobrirem-se, verem-se, reconhecerem-se e, por fim, sentirem-se representados. É preciso trabalhar com eles essa ideia de pertencimento, já que não é comum as crianças verem seus rostos, de uma pessoa da família ou de algum conhecido, que habita a mesma comunidade onde elas vivem, estampados nas propostas de atividades desenvolvidas em sala de aula. Mais do que isso, suas histórias precisam ser colocadas em evidência para todo um grupo, atestando, assim sua importância. Trata-se aqui, principalmente, do engrandecimento de homens negros e mulheres negras, sua ancestralidade, trajetórias e memórias dentro do bairro Rasa.

## 5 MÉTODO EM QUESTÃO: DELIMITANDO OS CAMINHOS A PERCORRER

Nesta pesquisa, conjugam-se a pesquisa-ação, a abordagem etnográfica e a análise de documentos. A metodologia utilizada fundamenta-se nas propostas defendidas por LÜDKE e ANDRÉ (1986), que apontam estratégias para um melhor entendimento das situações que ocorrem dentro do espaço escolar. Segundo as autoras,

Cada vez mais se entende o fenômeno educacional como situado dentro de um contexto social, por sua vez inserido em uma realidade histórica, que sofre toda uma série de determinações. Um dos desafios atualmente lançados à pesquisa educacional é exatamente o de tentar captar essa realidade dinâmica e complexa do seu objeto de estudo, em sua realização histórica (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 5).

Frente aos inúmeros desafios que se impõem, na contemporaneidade, no campo educacional faz-se necessário que o pesquisador tenha uma participação ativa e reflexiva diante dos fenômenos que estão sendo por ele investigados. Dessa forma, esta pesquisa traz como orientação uma abordagem etnográfica, a fim de compreender os processos de ensino-aprendizagem que ocorrem não apenas dentro do ambiente escolar, mas também fora dele, de modo a gerar compreensão e aprendizagem, fazendo, dessa forma, com que os indivíduos envolvidos no estudo sejam levados a participar de “um contexto cultural amplo” (WOLCOTT, 1975 *apud* LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 14).

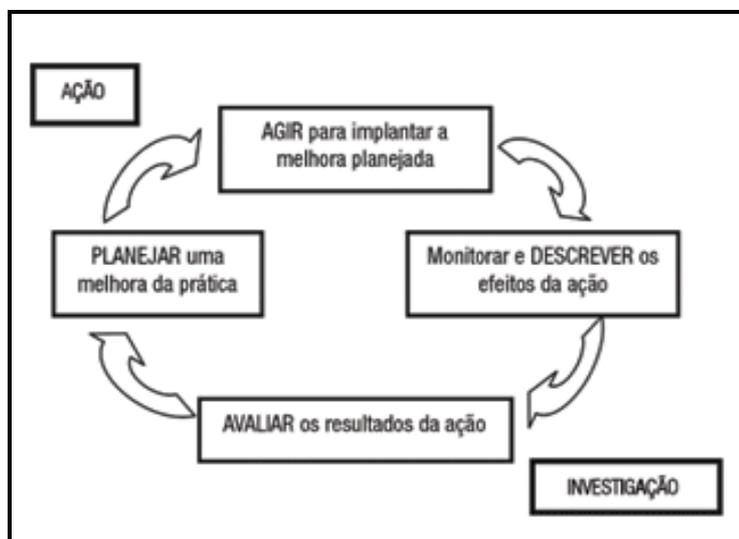
Sendo assim, essa perspectiva é considerada para este estudo, a fim de dar conta de explicar as relações existentes entre os sujeitos e os grupos sociais com os quais estes se envolvem. Sua análise centra-se em investigar os elementos culturais e demais fatores que aparecem a eles imbricados e, além do mais, esse método de exploração permite que os indivíduos sejam observados dentro do seu meio e o pesquisador, por sua vez, pode agir analisando fatos e experiências reais. Desta maneira, apresento como proposta observar os eventos que ocorrem - ou não - dentro da Escola Municipal João José de Carvalho, localizada em território quilombola, e, principalmente, aqueles que seguem na direção de indicar a valorização da cultura e da história locais, propiciando o conhecimento, a reflexão e a aprendizagem dos alunos. Em consonância com esse estudo de caráter etnográfico, foi realizada, ainda, uma proposta de intervenção junto aos alunos e, também, à

comunidade escolar, pois a pesquisa-ação é um importante tipo de pesquisa que traz como intenção sugerir uma transformação nos hábitos e nas ações dos indivíduos envolvidos na conjuntura que está sendo analisada. Segundo André (1995), essa abordagem consiste em

uma ação sistemática e controlada, desenvolvida pelo próprio pesquisador. Um exemplo clássico é o professor que decide fazer uma mudança na sua prática docente e a acompanha com um processo de pesquisa, ou seja, com um planejamento de intervenção, coleta sistemática dos dados, análise fundamentada na literatura pertinente e relato dos resultados (ANDRÉ, 1995, p.30).

De acordo com Tripp (2005), essa modalidade de pesquisa pode ser representada por um ciclo, no qual aparecem descritas as etapas desenvolvidas no decorrer de um projeto. Partindo da detecção de um problema que precisa de atenção, organizam-se materiais para melhor entendê-lo e traça-se um plano de trabalho que seja capaz de auxiliar todos os envolvidos de maneira que a situação possa ser revertida. As etapas propostas pelo autor são as seguintes:

Diagrama 1 – Ciclo da pesquisa-ação



Fonte: Tripp, 2005, p. 446.

Desse modo, com o intuito de construir uma proposta para o processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita de crianças, no contexto da cultura da comunidade da Rasa, no que se refere aos fatores que contribuíram para esta área ser atualmente um território quilombola, como o período de escravização de pessoas negras trazidas do continente africano para esse local, foram levados para a sala de

aula e apresentados aos alunos. Por meio de um projeto com sequências de atividades, voltadas para a leitura e reflexão do sistema de escrita alfabética, as crianças tiveram a oportunidade de conhecer as memórias que fazem parte do espaço onde estudam e, muitas delas, residem; conheceram integrantes do grupo quilombola local, que tanto colaboraram para o progresso do lugar e que carregam consigo importantes memórias do passado, possibilitando-nos entender o presente. Os materiais utilizados durante a pesquisa foram disponibilizados, posteriormente, para que os outros professores da escola pudessem utilizá-los, também, em seus planejamentos pedagógicos, em suas salas de aula.

### 5.1 Os procedimentos da pesquisa

A presente pesquisa segue uma abordagem qualitativa. Tal escolha ocorreu por ser este um tipo de análise que permite observar e refletir sobre eventos reais, que acontecem dentro da conjuntura onde se realizam e que podem ser descritos com riqueza de detalhes. Além do mais, possibilita a execução de um planejamento adaptável às condições e necessidades que se impõem no decorrer do estudo. Sendo assim, esse tipo de abordagem torna-se a melhor opção por propiciar a compreensão dos fenômenos ocorridos no interior da escola, já que “em educação as coisas acontecem de maneira tão inextricável que fica difícil isolar as variáveis envolvidas e mais ainda apontar claramente quais são as responsáveis por determinado efeito” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.3).

Como assinalam Lüdke e André (1986), o universo escolar é cheio de vida, é um ambiente social e humano, onde são estabelecidas variadas relações. Logo, faz-se necessário lançar mão de uma proposta de investigação que traga a intenção de entender como ocorre a interação entre as pessoas e os fatores que a determinam dentro desse espaço. Por isso, é preciso utilizar uma metodologia que consiga dar conta do caráter dinâmico que apresentam os eventos ocorridos dentro desse contexto, no qual inúmeras variáveis agem e interagem ao mesmo tempo. Seguindo essa linha de pensamento,

a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos

em termos dos significados que as pessoas a eles conferem (DENZIN E LINCOLN, 2006, p.17).

Segundo Bogdan e Biklen (1982 *apud* Lüdke e André 1986), esse tipo de pesquisa possui traços específicos que precisam ser examinados. Há a ocorrência de um trabalho de campo, onde o pesquisador se comunica diretamente com a situação e o espaço a serem observados. Seu objetivo deve ser investigar como seu problema se manifesta nos eventos e interações entre os indivíduos. No caso da pesquisa na área educacional, os fenômenos serão estudados na sala de aula, no pátio da escola, vivenciando as situações do cotidiano escolar.

Além disso, a visão que os indivíduos têm daquilo que está sendo pautado no estudo precisa ser captada e levada em consideração pelo pesquisador. É relevante destacar, ainda, que respostas vão surgindo no decorrer da pesquisa, à medida que os materiais recolhidos vão sendo observados com atenção. Com isso, não há necessidade de estabelecer conjecturas logo no começo da investigação. A esse respeito, Minayo (2002, p.26) conclui que é “um processo de trabalho em espiral que começa com um problema ou uma pergunta e termina com um produto provisório capaz de dar origem a novas interrogações.”

Denzin e Lincoln (2007) afirmam que, ao relatar seu trabalho, o pesquisador, além de usar sua voz para demonstrar seu ponto de vista, ele acaba por concedê-la para que o outro, invisibilizado e marginalizado, possa falar, a partir do momento que passa a narrar as histórias que lhe foram confiadas. Sendo assim,

Ao relatar suas observações o fez não só a partir do seu olhar, mas reproduzindo as vozes dos outros participantes dos eventos, captando os sentidos construídos nessas interlocuções. O texto, relato dessas observações, traz sua voz de pesquisadora orquestrando as outras vozes participantes (FREITAS, 2007, p.34).

Neste estudo, que utiliza as concepções da pesquisa-ação, são adotados os seguintes procedimentos: as rodas de conversa com membros da comunidade quilombola, parentes das personalidades referenciadas em sala de aula, e as entrevistas com funcionários da comunidade escolar, que se inserem na perspectiva etnográfica admitida nesta pesquisa. Além disso, a análise de documentos, como o currículo e o Projeto Político Pedagógico da instituição, a lei 10.639/03, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola/2012 e a BNCC/2017 foram utilizados para um melhor entendimento sobre como a questão quilombola e

os processos de ensino-aprendizagem, voltados às culturas e identidades negras, aparecem determinados. O meu diário de bordo foi igualmente considerado por trazer as impressões percebidas no decorrer da investigação.

Apresentam-se, a seguir, de maneira mais detalhada, os procedimentos realizados no início da pesquisa.

### 5.1.1 Rodas de conversa

Como uma das ações desta pesquisa, foram realizadas Rodas de conversa com membros da comunidade, que tivessem relação com as personalidades quilombolas, consideradas durante as aulas. Eva Maria da Conceição Oliveira, mais conhecida como Dona Eva, conta hoje com 112 anos de idade e é a quilombola mais antiga da comunidade da Rasa; Carivaldina Oliveira da Costa, apelidada de tia Uia, era uma representante quilombola do bairro. Era filha da Dona Eva e faleceu com 78 anos de idade, no ano de 2020, vítima da covid-19. Por fim, João José de Carvalho, reconhecido como João Guelo, chegou a ser eleito vereador pelo município de Cabo Frio. Nessa época, Armação dos Búzios ainda não havia conquistado sua emancipação, pertencendo, dessa forma, àquela região. Ele participou ativamente desse processo político e envolveu-se no progresso do bairro, ajudando com a chegada da energia elétrica e com o asfaltamento de ruas. É o patrono da escola onde esta pesquisa foi realizada.

A atividade foi iniciada com uma produção coletiva, na qual eu fui a escriba e registrei as perguntas no quadro, à medida que as crianças iam apontando as curiosidades que gostariam de saber sobre a vida desses antigos moradores. Além das questões, também, eram sinalizados os nomes dos alunos. As pessoas convidadas foram um bisneto do João Guelo, que trabalha na escola como professor de apoio, e uma jovem, neta de Dona Eva e sobrinha de Dona Uia.

Figura 21 - Cartaz Personalidades Quilombolas da Rasa



Fonte: Fotos de Dona Eva, Dona Uia e João Guelo<sup>15</sup>.

O primeiro participante da Roda de conversa foi o bisneto de João Guelo. Esse encontro aconteceu somente com a turma 104, no turno da tarde, considerando o horário que ele trabalha na escola. Antecipadamente, as perguntas elaboradas pelos alunos, e por mim, foram enviadas ao convidado para que, caso ele não soubesse as respostas, tivesse tempo de consegui-las junto a algum membro da família.

No dia do evento, as cadeiras foram organizadas formando um semicírculo. Logo à frente, foi reservada uma mesa e uma cadeira para que o entrevistado pudesse se sentar. Os alunos foram orientados a realizar suas próprias perguntas ou poderiam fazer outros questionamentos, caso quisessem. Destaco que todas as dúvidas que as crianças já tinham elaborado foram levadas por escrito para lembrá-las, se por algum motivo, as tivessem esquecido. Dentre as interrogações formuladas pelo grupo, destacaram-se as seguintes:

<sup>15</sup> Blog Prensa de Babel, 20/01/2021<sup>15</sup>. Foto de Dona Uia: Blog Prensa de Babel, 10/06/2020. Foto de João Guelo: Arquivo pessoal de sua neta, Rosana Gonçalves.

## Quadro 2 - Perguntas para a roda de conversa Conhecendo João Guelo

- 1) *Com quantos anos João Guelo morreu?*
- 2) *Qual foi a causa da morte dele?*
- 3) *Quais eram os nomes dos pais dele?*
- 4) *Com quantos anos seus pais morreram?*
- 5) *Ele ajudava as pessoas?*
- 6) *Ele frequentou a escola?*
- 7) *Ele tinha alguma plantação de legumes, verduras e frutas?*
- 8) *Ele costumava sair para pescar?*
- 9) *Qual era sua profissão?*

Fonte: Perguntas formuladas pelas crianças e registradas pela autora.

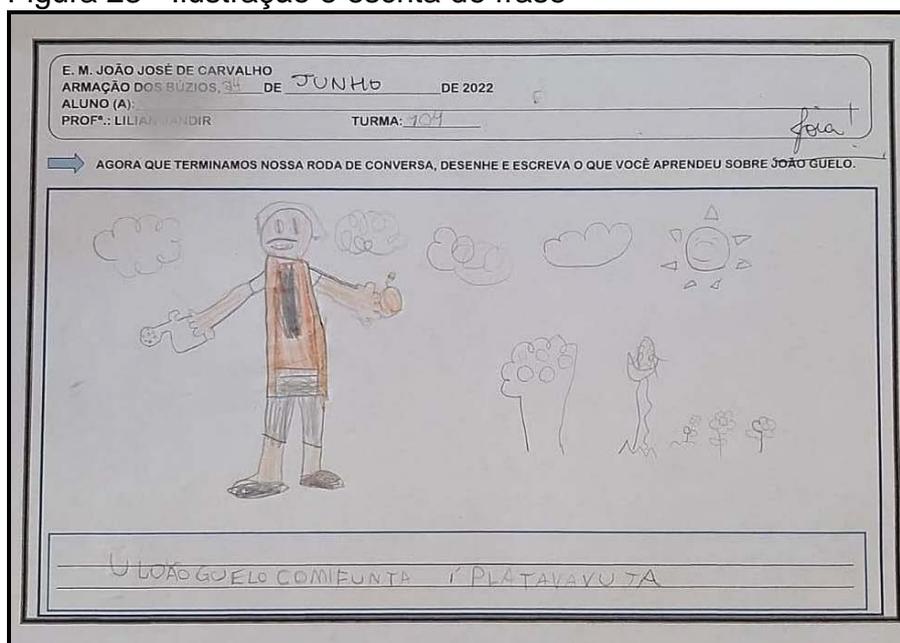
Figura 22 - Roda de conversa Conhecendo João Guelo, turma 104



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

No final desse encontro, com base nas respostas e nos comentários feitos pelo convidado acerca da vida de João Guelo, os alunos realizaram uma ilustração que representasse o patrono da escola e escreveram uma frase para explicá-la.

Figura 23 - Ilustração e escrita de frase



Fonte: O autor, 2022.

Podemos observar, na figura acima, o desenho do João Guelo e a produção escrita, realizados por um aluno, considerando as informações trazidas pelo convidado. No seu registro, consta a seguinte frase: “*O João Guelo comia fruta e plantava fruta.*”

A Roda de conversa seguinte contou com a presença de um membro da família da Dona Eva e da Dona Uia. Ela aceitou comparecer à escola nos dois turnos, manhã e tarde, para conversar com os alunos de ambas as turmas. Assim como ocorreu no primeiro encontro, as perguntas das crianças foram-lhe apresentadas antes do evento. Nesse caso, a entrevistada levou várias fotos com pessoas relacionadas diretamente a essas duas personalidades quilombolas.

### Quadro 3 - Perguntas para a Roda de conversa *Conhecendo Dona Eva e Dona Uia*

- 1) *Onde é a casa da Dona Eva?*
- 2) *Qual foi a causa da morte da Dona Uia?*
- 3) *Elas faziam plantações de legumes, frutas e verduras?*
- 4) *Elas criavam animais?*
- 5) *Dona Eva gostou de ser homenageada, tendo uma escola com seu nome?*
- 6) *Quantos filhos e netos Dona Eva tem?*
- 7) *Elas costumavam pescar na praia Rasa e na Ponta do Pai Vitório?*
- 8) *O que Dona Uia e Dona Eva costumavam fazer juntas?*
- 9) *Por que Dona Uia tinha esse apelido?*

Fonte: Perguntas formuladas pelas crianças e registradas pela autora.

Figura 24 - Roda de conversa Conhecendo Dona Eva e Dona Uia, 102



Fonte: O autor, 2022.

#### 5.1.2 Levantamento sobre estudantes de origem quilombola

Por meio do preenchimento de um breve questionário, foi realizado um levantamento em sala de aula, junto aos responsáveis dos alunos das turmas, para informar se a criança pertencia ou não a alguma família quilombola.

Figura 25 - Bilhete enviado aos responsáveis dos alunos

Armação dos Búzios, 14 de março de 2022

Sr., Responsável,

Por favor, responda às questões apresentadas abaixo, pois estas serão utilizadas nas atividades que estamos desenvolvendo em nossa sala de aula.

Atenciosamente,  
Prof<sup>a</sup>.: Lilian Jandir

O (A) aluno (a) [redacted] pertence a alguma das famílias quilombolas da Rasa, em Armação dos Búzios, ou de algum outro município?

SIM    ( ) NÃO

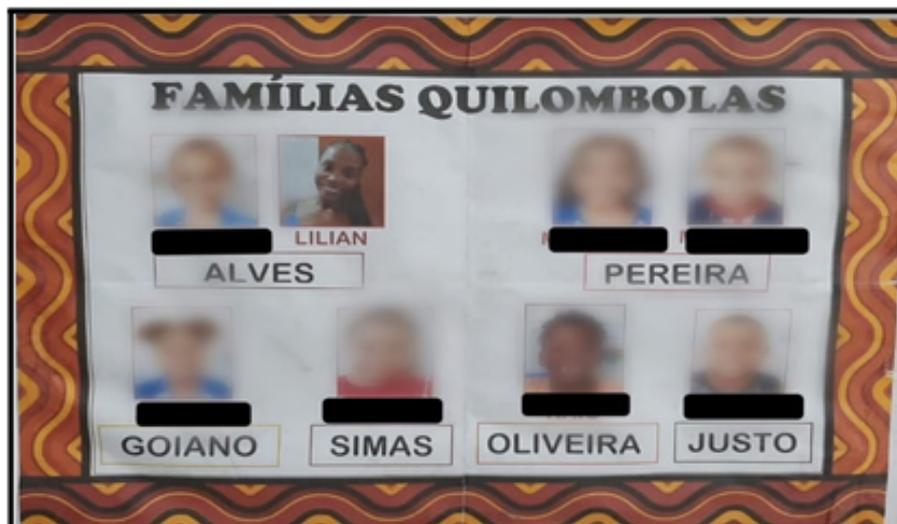
SE A RESPOSTA FOR SIM, QUAL É A FAMÍLIA? Lilia família Oliveira

Fonte: O autor, 2022.

Utilizando essa estratégia, todas as crianças pertencentes as duas turmas levaram para casa um bilhete simples, no qual seria necessário marcar se o estudante pertencia ou não a uma das famílias quilombolas da Rasa ou de outra comunidade. Seria importante, também, informar o nome da família. Sempre que um novo aluno era matriculado, levava para casa essas perguntas para que fossem respondidas. Dos 50 alunos que estudaram nesses dois grupos, foram identificadas 7 crianças com ascendência quilombola. Entre todos os envolvidos nesse processo, somente uma aluna não devolveu as questões respondidas. Como ela não tinha uma agenda e seus bilhetes precisavam ficar junto com as atividades, esse material, com o passar dos dias, acabou ficando esquecido. Por algumas vezes, cheguei a lembrá-la para pedir que alguém o assinasse. Inclusive coleí o questionário junto a um outro comunicado enviado pela direção da escola, mas seu responsável assinou apenas o informe da instituição. Quando perguntei à aluna o porquê daquele bilhete não ter sido assinado, ela me disse que sua mãe não quis respondê-lo.

Com base nessas informações, foi elaborado um cartaz com as fotos, além dos sobrenomes referentes à identidade quilombola destacada por cada responsável. Minha foto e meu nome também serviram como elementos para a composição desse material que, inicialmente, foi fixado no corredor da escola. Depois, por conta do espaço que precisou ser utilizado para outra exposição, passou a ficar dentro da nossa sala de aula.

Figura 26 - Cartaz Famílias quilombolas



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Com o levantamento realizado, descobrimos que duas pessoas pertencem à família Alves, eu e outra aluna, que é minha prima. Esse grupo quilombola originou-se no município de São Francisco do Itabapoana, localizado ao norte do Estado do Rio de Janeiro. Há duas crianças que fazem parte da família Pereira; as demais, Goiano, Simas, Oliveira e Justo trazem, somente, um representante em cada uma delas.

### 5.1.3 Análise de documentos

A observação de documentos mostrou-se uma potente estratégia para o levantamento de informações. O Projeto Político Pedagógico da escola não aborda a questão quilombola do bairro, determinando que esta deve fazer parte das atividades desenvolvidas no contexto escolar. Além disso, o patrono João Guelo é apenas mencionado de maneira superficial, sem discutir sua relevância para a comunidade da Rasa. As legislações que contemplam o ensino e a reflexão da história e da cultura afro-brasileiras, o currículo com as habilidades determinadas para cada ano de escolaridade, bem como outros registros, que auxiliam no resgate da identidade da instituição e da comunidade na qual ela está inserida, ajudaram na fundamentação e embasamento desta pesquisa.

Esses elementos tornaram-se valiosos para a observação e descrição sobre a maneira como a questão quilombola e outros componentes culturais são contemplados nesses materiais, estabelecendo um contraponto com o modo como os profissionais da escola organizam e realizam seus planejamentos, dentro das suas salas de aula e em outros espaços da instituição, a fim de promover a valorização da cultura local. Essas informações foram utilizadas com o intuito de constatar se os direitos dessas crianças estão realmente sendo assegurados, conforme apresentado nos registros oficiais. Como exemplo, é oportuno enfatizar aqui que dentro da proposta curricular do município de Armação dos Búzios, no componente de Geografia do 1º, 2º e 3º anos de escolaridade, inserido no Eixo “O sujeito e seu lugar no mundo”, aparece o seguinte objetivo de aprendizagem, que precisa ser contemplado com os alunos nos três trimestres ao longo do ano letivo: “Reconhecer e identificar historicamente e atualmente a existência e importância dos grupos quilombola e indígena na identidade e cultura locais.”

Como benefícios para a utilização desses materiais nas investigações que ocorrem em âmbito escolar, destacam-se: são consistentes e trazem valiosas informações que sempre podem ser utilizadas em pesquisas futuras; auxiliam o pesquisador no embasamento de suas considerações e, também, na contextualização dos fatos narrados; não exigem uma alta aplicação financeira, sendo mais necessário o empenho e a organização do pesquisador para selecionar os materiais que melhor atendem à sua pesquisa; “são uma fonte não-reativa”, já que é possível ter acesso às informações, mesmo sem se comunicar diretamente com algum sujeito e, por fim, esse tipo de técnica deixa à mostra as dificuldades que precisam de mais investigação, levando em conta outros mecanismos de análise. À vista disso, “uma fonte tão repleta de informações sobre a natureza do contexto nunca deve ser ignorada, quaisquer que sejam os outros métodos de investigação escolhidos”(GUBA E LINCOLN *apud* LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p.39).

## 5.2 O contexto: a escola, seus agentes e sua estrutura pedagógica

A Escola Municipal João José de Carvalho recebeu esse nome para homenagear um antigo morador do bairro onde está situada. No entanto, é conhecida por todos como “João Guelo”, apelido pelo qual seu patrono era comumente chamado. Sua data de fundação ocorreu em 14 de fevereiro de 2008 e seu projeto inicial tinha como objetivo atender às demandas do local. Por isso, assegurou, nesse período, da Educação Infantil ao 9º ano de escolaridade do Ensino Fundamental. No ano de 2009, o plano inicial foi reorganizado e essa escola passou, dessa forma, a ofertar, apenas, o ensino para turmas da Educação Infantil até o 3º ano do Ensino Fundamental. Na sequência, imagens das áreas externa e interna da nossa escola.

Figura 27 - Entrada principal da E. M. João José de Carvalho



Fonte: O autor, 2022.

Figura 28 – Área interna da entrada principal



Fonte: O autor, 2022.

Atualmente, após passar por novas reestruturações, essa unidade escolar assiste à Educação Infantil, com 11 turmas de Pré I e Pré II, e ao primeiro segmento do Ensino Fundamental para dar conta das 23 turmas do 1º ao 5º anos, apresentando, em seu grupo discente, idades que variam entre 4 e 12 anos. Totaliza, no momento, cerca de 700 crianças matriculadas. Seu funcionamento ocorre em dois turnos, manhã e tarde, com 5 ônibus escolares, os quais circulam para atender tanto aos estudantes moradores do bairro quanto àqueles que residem em outras localidades.

Entre os 114 funcionários necessários para a realização dos trabalhos, encontram-se 1 diretora geral, 2 diretoras adjuntas, 2 dirigentes de turno, 2 professores inspetores educacionais, 4 professores supervisores educacionais, 4 professores orientadores educacionais, 51 professores regentes, 5 professores de Artes, 5 professores de Educação Física, 12 professores de apoio aos alunos com deficiência, 4 agentes de secretaria escolar, 12 inspetores de alunos, 4 merendeiras, 2 porteiros, 2 professores responsáveis pela biblioteca, 2 professores da sala de recursos e 4 colaboradores encarregados pela limpeza.

No que concerne à estrutura do espaço escolar, essa instituição é a maior da Rede de Armação dos Búzios, no que se refere à oferta de ensino a crianças da Educação Infantil e do 1º Segmento do Ensino Fundamental. Já ao olhar pelo lado de fora, por conta do seu extenso muro, é possível perceber que ela ocupa uma

área bem ampla. Há três portões que separam as entradas e saídas: um deles encontra-se do lado da Educação Infantil e os outros dois estão localizados no espaço reservado ao Ensino Fundamental. Os alunos que chegam de ônibus e aqueles que vêm acompanhados por seus responsáveis compartilham o pátio, antes de serem conduzidos à quadra de esportes e organizados em filas para serem acompanhados por seus professores às suas respectivas salas de aula; dividem, também, o mesmo refeitório, mas em horários alternados.

A escola apresenta um espaço físico com aparência de cuidado e limpeza. Dentre as suas dependências, existem 1 sala de leitura; 1 secretaria; 1 sala de recursos; 1 sala e 1 banheiro, destinados à equipe gestora; banheiros masculino e feminino para professores e demais funcionários, assim como sanitários para alunos tanto do lado das crianças menores quanto no espaço reservado aos alunos mais velhos; 1 sala para os professores, 17 salas de aula, 1 sala para a equipe de assessoramento pedagógico, 1 refeitório, 2 cômodos que funcionam como almoxarifado e 1 quadra de esportes.

No ambiente destinado à Educação Infantil, a área externa é bem acidentada, cercada por morros com grama; há, também, algumas árvores, uma delas com dois balanços pendurados. Na parte plana do terreno, há alguns brinquedos de plástico, tais como: casinhas combinadas com escorrega, escada e cestas de basquete, instalados recentemente para substituir uma construção antiga feita de madeira.

Do lado onde se encontra instalado o Ensino Fundamental, há, também, espaços bem irregulares, mas, ainda assim, há superfícies calçadas, nas quais as crianças podem brincar e interagir. Há poucos meses, foi montada uma grande estrutura de plástico bem colorida para as crianças brincarem: uma casa com escorrega, rampa, tobogã, além de espaços para subir e descer.

As salas de aula têm paredes pintadas de bege e contam com amplas janelas de vidro. Apesar de serem bem espaçosas, são também muito quentes. Por conta disso, possuem ventiladores. Na minha sala, por exemplo, há dois aparelhos novos, colocados recentemente para dar lugar a um que estava com defeito e a outro que fazia muito barulho, dificultando a comunicação com os alunos quando estava ligado.

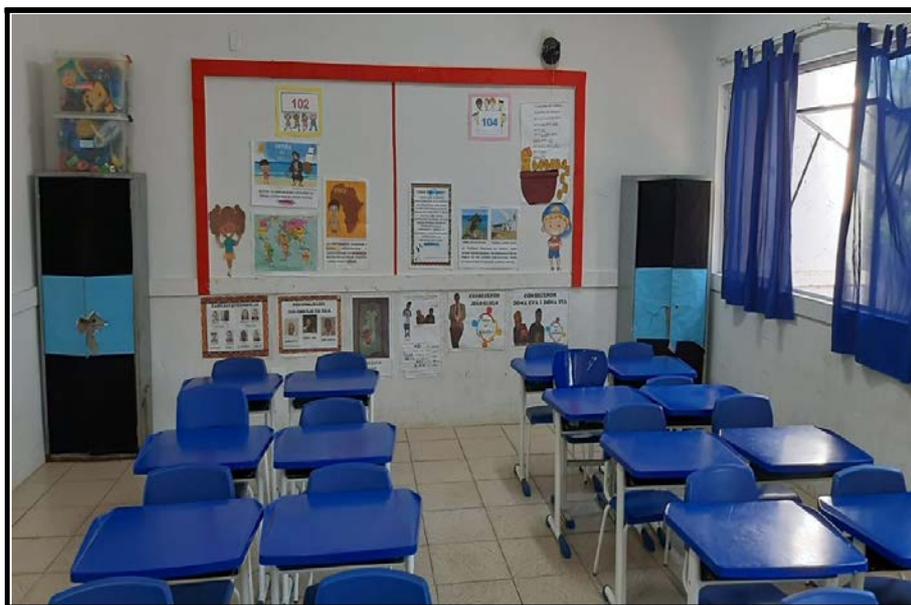
No início deste ano, quando nós, professores, chegamos à escola, encontramos todas as salas de aula com enormes aparelhos de ar condicionado fixados nas paredes; no entanto, até hoje, estes não puderam ser ligados porque

não estão devidamente instalados, pois a rede elétrica da instituição não suporta. Apenas o aparelho colocado, neste mesmo período, na sala dos professores, opera normalmente. A sala da equipe gestora já possuía esse item.

Em relação à apresentação da sala de aula, aponto que, no espaço onde leciono, há um quadro branco na frente e um mural ao fundo, estando localizados nas laterais deste, direita e esquerda, dois armários para que os professores guardem seus pertences. A mobília utilizada pelos alunos foi trocada neste ano. Agora, as crianças têm mesas e cadeiras azuis proporcionais aos seus tamanhos. Esse tipo de material permite a realização de atividades diferenciadas com as crianças, pois podem ser organizados de diversas maneiras dentro desse espaço. Dentre os itens permanentes desse ambiente, apontam-se, ainda, a mesa e a cadeira, utilizadas pelos professores da turma.

O ambiente de estudo é organizado para receber um público voltado para a alfabetização. Esse espaço conta com elementos essenciais utilizados para ajudar os alunos nos processos de aprendizagem da leitura, da escrita e das competências matemáticas. Há uma faixa com as letras do alfabeto, na forma bastão, logo acima do quadro; abaixo, as letras aparecem escritas em diferentes formatos, utilizando o nome de uma figura como referência a partir de sua letra inicial. Há um calendário com todos os meses do ano; a sequência numérica de 1 a 10, com figuras para ilustrar a associação número e quantidade; consta, ainda, um cartaz com a sequência numérica de 1 a 100; um espaço reservado para o registro diário das quantidades de meninos, meninas e crianças; cartazes com os textos trabalhados nas aulas, bem como os materiais com as imagens utilizadas; caixas de brinquedos; caixa com fichas de leitura e, também, um caixote com livros.

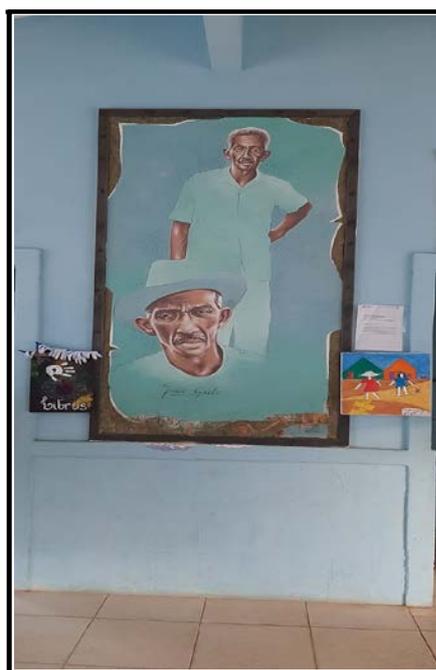
Figura 29 - A sala de aula



Fonte: O autor, 2022.

O pátio central da instituição traz uma grande imagem do seu patrono, João Guelo, pintada na parede. Essa é a única marca que comprova sua identidade quilombola. A estrutura adotada na construção, o muro da instituição pintado de azul, o tipo de letra que figura na placa com o nome da escola, bem como a cor bege trazida nas salas de aula, seguem o mesmo padrão priorizado nos outros estabelecimentos de ensino do município.

Figura 30 - Retrato do João Guelo



Fonte: O autor, 2022.

Neste ano de 2022, mais precisamente no mês de julho, duas escolas municipais da Rede foram elevadas à categoria de escolas quilombolas, tendo esse termo incluído em suas denominações: Lydia Sherman e Eva Maria da Conceição Oliveira. Por meio de uma lei<sup>16</sup>, aprovada pela Câmara de Vereadores do Município, essas instituições tiveram seus nomes alterados por estarem localizadas em território considerado quilombola. O bairro da Rasa também é uma área reconhecidamente quilombola, mas as instituições escolares da localidade não foram incluídas nessa legislação. Levando em conta que a notícia foi veiculada em um canal da prefeitura, enviei um *e-mail* para a Secretaria de Comunicação do Município, questionando o motivo pelo qual os estabelecimentos da Rasa não apareceram inseridos na referida legislação, mas, até o momento, não obtive resposta.

Partindo do princípio de que esta pesquisa busca investigar os processos de alfabetização e de letramentos, é relevante traçar aqui alguns pontos que caracterizam o Ciclo de Alfabetização, que se apresenta inserido no Ensino Fundamental I. Assim, estão incluídos nessa etapa de ensino o 1º, 2º e 3º anos de escolaridade<sup>17</sup>.

Em relação aos trabalhos pedagógicos, estes são organizados da seguinte forma: cada turma recebe 4 professores, sendo o regente I, aquele responsável por ministrar as disciplinas de Língua Portuguesa, Geografia e História, cumprindo 14 horas-aula semanais; o regente II, por sua vez, Ciências e Matemática, com uma carga de 7 horas; o professor de Artes e o professor de Educação Física, cumprindo 2 horas cada. Há um grupo de assessoramento técnico, sendo 1 professor supervisor, que dá suporte aos trabalhos e planejamentos realizados pelos regentes, bem como repassa ao grupo os direcionamentos e projetos vindos da Secretaria de Educação, e 1 professor orientador, incumbido de dar assistência, principalmente às crianças e seus respectivos responsáveis. Ressalto que as propostas de avaliação dos alunos ocorrem por meio da observação individual e da realização de atividades diagnósticas, que servem para acompanhar a evolução da leitura, da escrita e das competências matemáticas. Ao final de cada um dos

---

<sup>16</sup> Lei Ordinária nº 1.7060, de 06 de julho de 2022.

<sup>17</sup> De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), documento elaborado para alinhar os currículos e as aprendizagens em território nacional, fazem parte do Ciclo de Alfabetização turmas de 1º e 2º anos de escolaridade. Como na Escola Municipal João José de Carvalho e nas outras escolas do município de Armação dos Búzios ainda não houve sua total implementação, considera-se aqui o 3º ano como pertencente a esse Ciclo.

três trimestres, os registros das aprendizagens consolidadas e das dificuldades apresentadas são lançados nos relatórios de cada criança.

Todos os professores precisam cumprir com seus horários de planejamento, que acontecem semanalmente. No que se refere ao grupo do Ciclo de Alfabetização, este ocorre sempre às terças ou às quintas-feiras, sendo que, uma vez por mês, o professor, no dia escolhido por ele, considerando sua grade de horários, precisa realizar a formação continuada que é oferecida pelo Centro de Pesquisa e Desenvolvimento da Educação (CEPEDE)<sup>18</sup>. Nos demais dias, o docente vai à escola para dar conta da organização e preparo de atividades para seus alunos. Esses profissionais têm direito a um dia de planejamento livre durante a semana e não precisam comparecer à escola.

A instituição de ensino segue as diretrizes da Secretaria Municipal de Educação de Armação dos Búzios, que determina quais são os objetivos de aprendizagem indicados para cada um dos componentes curriculares das etapas do Ciclo de Alfabetização. Os regentes das turmas têm autonomia para organizar seus planejamentos, de modo a desenvolvê-los dentro dos períodos propostos, trabalhando as habilidades exigidas para atender às necessidades dos alunos.

### 5.2.1 Os sujeitos da pesquisa

As turmas 102 e 104, nas quais sou a professora regente I, responsável por ministrar as disciplinas Língua Portuguesa, Geografia e História, são dos turnos da manhã e da tarde, respectivamente. Estas são compostas por alunos com 6 e 7 anos de idade, residentes em diferentes espaços: na mesma comunidade onde está fixada a escola, em locais vizinhos dentro de Armação dos Búzios e, também, advindas do município de Cabo Frio, especificamente do bairro Maria Joaquina<sup>19</sup>, localizado nas

---

<sup>18</sup> É importante ressaltar que, conforme a Meta 16 do Plano Municipal de Educação (2015), os profissionais que estiverem cursando pós-graduação ficam isentos de participar da formação continuada ofertada pelo CEPEDE, mediante apresentação mensal de declaração da instituição na qual estiverem inscritos.

<sup>19</sup> O bairro Maria Joaquina está situado no 2º distrito de Cabo Frio e também é uma área quilombola. Esse território, já há alguns anos, está inserido em uma briga judicial para que seja decidido se, realmente, pertence ao município de Cabo Frio ou ao território de Armação dos Búzios. Cabe mencionar que a população desse bairro, em sua grande maioria, é assistida pelo governo buziano. Isso no que diz respeito à oferta de vagas tanto nas creches quanto nas escolas da Educação Infantil

proximidades. Todos são moradores de áreas periféricas.

Em relação às crianças, observa-se que são alegres e espertas. São meninas e meninos que moram com suas famílias, compostas por diferentes configurações. Há aqueles que convivem com pai e mãe; padrasto e mãe; apenas a mãe ou somente com os avós; há, também, aqueles cujo pai ou mãe são falecidos. A grande maioria tem, pelo menos, um irmão ou uma irmã.

Seus responsáveis atuam no setor de serviços, desempenhando funções, tais como: motorista, faxineira, pedreiro, caseiro, professora, garçom, cozinheira, recepcionista, açougueiro, merendeira, pintor, cabeleireira, entre outras. Há aqueles que administram e trabalham na própria lanchonete e, também, algumas mães que são donas de casa. Quando os responsáveis saem para trabalhar, as crianças costumam ficar sob os cuidados de algum membro da família.

Ambas as turmas começaram as aulas no mês de fevereiro. O grupo da 102 iniciou com 21 alunos, sendo 10 meninas e 11 meninos. Havia 1 deles que tinha uma deficiência física permanente. Por conta disso, ele fazia uso da cadeira de rodas. Esse aluno tinha direito a uma professora de apoio, que o auxiliava durante a realização das atividades que eram propostas e o conduzia aos demais espaços dentro da escola. Suas tarefas eram adaptadas, considerando que ele não conseguia utilizar as mãos para segurar objetos nem se expressava com clareza. Esse discente ficou pouco tempo na turma e novas crianças entraram no seu lugar<sup>20</sup>. Além disso, ocorreram outras movimentações, que acabaram por modificar a composição das classes: crianças que foram matriculadas, remanejadas para outras salas ou transferidas para diferentes instituições. Com esse fluxo, a turma 102 ficou com 22 alunos.

A turma 104, por sua vez, principiou suas atividades com 20 alunos matriculados, dos quais 10 eram meninas e 10 meninos. 1 aluno era autista com dificuldades na oralidade, que acabavam por tornar sua fala incompreensível. Ele tinha uma professora de apoio, que o ajudava a desenvolver seus trabalhos durante as aulas. No mês de junho, ele foi transferido para outra unidade escolar. Outros deslocamentos aconteceram na turma, mas esta finalizou o ano letivo com a

---

ao Ensino Médio; ao atendimento nas unidades básicas de saúde e, além disso, no oferecimento de empregos nos setores público e privado.

<sup>20</sup> Novas crianças entraram na turma, pois no município de Armação dos Búzios, quando estas apresentam um aluno incluso, precisam ter somente 20 crianças matriculadas. Não havendo nenhuma criança portadora de deficiência, esse número é aumentado para 22 alunos.

quantidade de crianças apresentada no início do referido ano.

É possível perceber que muitos dos responsáveis desses alunos não possuem uma participação ativa na vida escolar. Tal fato aparece refletido no baixo índice de frequência nas reuniões realizadas pela escola para apresentação dos projetos de trabalho ou para diálogos mais específicos sobre a aprendizagem em nível individual; na falta de atenção e cuidado com as atividades que esses educandos levam para serem realizadas em casa; na quantidade de faltas às aulas sem justificativas. Além disso, há ausência de materiais básicos, que não são levados à escola para a realização das tarefas.

Em relação à aprendizagem desses estudantes, convém mencionar que a maioria dos alunos encontrava-se bem no início do processo de compreensão do sistema de escrita alfabética. De maneira mais precisa, estavam no nível pré-silábico, destacando-se para a turma 102 um total de 14 crianças e para a 104, esse quantitativo chegou a 16. Esse levantamento foi feito por meio da aplicação da atividade diagnóstica inicial, na qual constavam as seguintes propostas: escrita do nome, reconhecimento das letras do alfabeto e escrita de quatro palavras e uma frase. Muitos alunos chegaram à escola com dificuldades para dar conta de situações básicas do contexto escolar: não conseguiam segurar o lápis, manusear a tesoura ou, simplesmente, rasgar papéis com as pontas dos dedos. Alguns, também, iniciaram os estudos com a oralidade comprometida, não conseguindo pronunciar adequadamente alguns fonemas.

O ano de 2022 marca o início da normalização das atividades dentro das instituições escolares. Por conta da pandemia da covid-19, em março de 2020, as escolas foram fechadas e as aulas suspensas. Nesse período, o município de Armação dos Búzios utilizou como metodologia de ensino, inicialmente, a organização de apostilas. Estas eram entregues aos responsáveis para que os alunos as realizassem em casa e, no período determinado pela escola, fossem devolvidas para correção. Em seguida, propôs junto a esses materiais, o contato das crianças com seus respectivos professores, via *Whatsapp*, e encontros quinzenais, por meio do *Google Meet*, para que as dúvidas que surgissem quanto à realização dos conteúdos das apostilas fossem sanadas. Destaco, no entanto, que a grande maioria dos alunos não participou desses encontros e, alguns deles, não realizaram o que foi oferecido nas apostilas. Um ponto que deve ser ressaltado é que as crianças que se encontram hoje no 1º ano de escolaridade são advindas da

creche ou diretamente de casa. Nesse período pandêmico, o número de alunos que não teve apoio e intervenção de caráter pedagógico foi alarmante. Tal fato aparece refletido na quantidade de crianças que se encontra com dificuldades dentro das salas de aula.

Dentre os maiores problemas percebidos nas duas turmas, aponto a resistência de algumas crianças para respeitar a mim e aos colegas dentro do ambiente escolar; obedecer às regras estabelecidas para uma boa convivência em grupo, como saber esperar a vez para falar, sentar quando solicitado, não bater no outro, compreender o significado da palavra “não”. Isso deixou o trabalho realizado em sala de aula extremamente desgastante e, além disso, todas essas situações tornaram-se obstáculos no desenvolvimento dos planejamentos que eram propostos e no atendimento mais direcionado àquelas crianças que precisavam de maior atenção.

## 6 “A GENTE ESTÁ CORRENDO ATRÁS É DA ALFABETIZAÇÃO”: DIFERENTES PERSPECTIVAS LANÇADAS SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DA CULTURA QUILOMBOLA DA RASA NA ESCOLA MUNICIPAL JOÃO JOSÉ DE CARVALHO

Este estudo traz uma abordagem qualitativa com um perfil etnográfico, pautados em Lüdke e André (1986), para analisar como os profissionais da Escola Municipal João José de Carvalho veem a história quilombola do bairro Rasa em seu interior e como conseguem incluí-la em suas práticas educativas. Os membros da equipe foram ouvidos, considerando-se, para a geração de dados, as técnicas de entrevistas e rodas de conversa. Essas diferentes modalidades foram utilizadas para respeitar o tempo livre e a disponibilidade dos colegas em seus horários vagos no turno de trabalho. Para Lüdke e André (1986, p.34), esses recursos permitem um certo entrosamento entre o entrevistador e seu entrevistado, principalmente quando as perguntas não aparecem de maneira engessada, mas pelo contrário, quando o assunto é pautado em tom de conversa, mais descontraído, permitindo a coleta de resultados mais satisfatórios dentro do cenário educacional.

Entre os 18 profissionais ouvidos, destacam-se 1 supervisora educacional, incumbida de auxiliar nos trabalhos desenvolvidos pelos professores; 1 orientadora educacional, que tem a função de dar suporte aos alunos e aos seus respectivos responsáveis; 1 membro da equipe gestora; 5 professores regentes 1, que têm como atribuição dar aulas dos componentes curriculares Língua Portuguesa, Geografia e História; 6 regentes 2, que ministram Matemática e Ciências; 2 professoras de Arte e Cultura e 2 professores de Educação Física. Neste estudo, foram analisadas as respostas desses profissionais expressas em 4 rodas de conversa e 4 entrevistas<sup>21</sup>. A roda 1 (R1) com 4 participantes; a roda 2 (R2) com 2; a roda 3 (R3) com 5 e a roda 4 (R4) com 2. No caso das entrevistas, estas aconteceram individualmente, levando em consideração as siglas (E1), (E2), (E3) e (E4). Todos os diálogos foram gravados com o celular e, em seguida, transcritos.

Os profissionais que trabalham na instituição e envolveram-se na pesquisa são moradores de Armação dos Búzios e de municípios próximos, como Cabo Frio,

---

<sup>21</sup> A fim de preservar a identidade de todos os profissionais que aceitaram participar desta pesquisa, considereei pertinente utilizar as siglas (R) para Roda de conversa e (E) para Entrevista. Aos colegas ouvidos em grupos, não foi atribuída nenhuma menção individual.

Rio das Ostras, São Pedro da Aldeia e Araruama. Somente uma participante vive mais distante, em Grajaú (RJ). O tempo em que atuam na escola varia de, no mínimo, 6 meses e, no máximo, 14 anos.

Constam, a seguir, as questões determinadas para cada grupo de funcionários da escola que guiaram a investigação:

#### Quadro 4 – Perguntas formuladas para professores

- 1) Você dá aula nesta escola há quanto tempo?
- 2) Onde você mora? Se morador do bairro da Rasa, há quanto tempo?
- 3) Você acha que seus estudantes e suas respectivas famílias têm interesse nas atividades com temática quilombola, que são realizadas aqui na escola e que você faz na sua sala? Você considera que eles valorizam esse tema? Por quê?
- 4) A lei 10.639/03 estabelece a obrigatoriedade do ensino e da reflexão sobre a história e a cultura afro-brasileiras nas escolas; as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, de 2012, apontam como as instituições quilombolas ou aquelas que atendam às crianças dessas comunidades precisam estar organizadas e, também, como as questões culturais, a territorialidade e os conhecimentos da população precisam ser contemplados nas propostas desenvolvidas; a BNCC, menciona os povos quilombolas, apontado que esse assunto precisa ser atendido nos planejamentos escolares, considerando os ambientes onde se encontra localizada a instituição; por fim, há uma habilidade elencada no componente curricular de Geografia do município de Armação dos Búzios, que traz como objetivo de aprendizagem o reconhecimento e a relevância da história quilombola para a comunidade local. Você acha que essas legislações e esses documentos sobre o ensino e a cultura quilombola têm contribuído para seu trabalho com essa temática dentro da escola e da sua sala de aula? Por quê?
- 5) Que tipo de material, recursos, referências você costuma usar para trabalhar a temática quilombola na sua sala? Como você prepara esse material: utiliza livro didático, fotocópia, pesquisa na internet? Você acha que

a abordagem adotada nesses instrumentos tem sido adequada para sua turma?

6) Quais são as principais dificuldades e os problemas que você encontra ao planejar esse tipo de atividade?

Fonte: Perguntas formuladas pela autora.

#### Quadro 5 – Perguntas formuladas para supervisora, orientadora e diretora

1) Você trabalha nesta escola há quanto tempo?

2) Onde você mora?

3) Como você vê a questão quilombola como um todo aqui na escola, no projeto da escola?

4) O que você observa no modo como os professores lidam com a questão quilombola dentro das suas salas de aula, nos planejamentos e práticas que desenvolvem?

Fonte: Perguntas formuladas pela autora.

A partir da análise dos dados coletados nas entrevistas e nas rodas de conversa, foi possível trazer para discussão quatro assuntos relevantes: valorização dos alunos e de suas respectivas famílias em relação ao estudo da temática quilombola na escola; contribuições das legislações e dos documentos que tratam da cultura negra e quilombola para a prática da sala de aula; materiais, recursos e capacitações para a inclusão da cultura quilombola da Rasa na sala de aula e a cultura quilombola na realidade da prática docente.

No que se refere ao reconhecimento da discussão da história e da cultura quilombola do bairro Rasa dentro do ambiente escolar, por parte das famílias e também dos alunos, foi possível perceber, diante dos apontamentos proferidos por grande parte dos profissionais, três movimentos diferentes: a falta de interesse da comunidade; a ausência de propostas por parte da escola para incluir esses responsáveis e, por fim, o interesse e a curiosidade dos educandos diante da própria história quando esta lhe é apresentada.

Os descasos diante da história quilombola e das atividades com esse fim foram evidenciados nas falas de alguns dos participantes. Conforme estes apontam, a falta de vontade e de comprometimento da comunidade com as tarefas propostas pela instituição, principalmente com relação àquelas enviadas para casa, são fatores

que chamam a atenção, como mostram as declarações: *“Bem...aqui nessa comunidade é complicado, porque a família não se interessa muito pelas coisas da escola”*, expressa por um dos participantes (R3), e *“Tem um grupo que sim, se interessa e se identifica... e outros que até ignoram a existência desse trabalho, desse projeto, entendeu?”*, mencionado por (R1).

Outra situação relevante, posta em evidência, é o fato de a escola não discutir a história quilombola da Rasa de maneira satisfatória, a ponto da população local compreender sua relevância social. Dessa forma, dentro da própria instituição, há aqueles que afirmam não verem o assunto sendo abordado, como aponta a fala de um dos participantes da R(2): *“Aqui na escola, não vejo não, né...”* e, também, a citação do entrevistado (E1) *“Acho que a gente tem que motivar porque inicialmente não, entendeu?”*, atribuindo ao corpo escolar a responsabilidade por essa conscientização.

Mesmo diante dessa indiferença, tanto dentro quanto fora da instituição, que talvez ocorra por falta de conhecimento, foi interessante notar que a realização desse tipo de trabalho com os alunos permitiu que eles se sentissem representados, a partir do instante que foram postos em evidência membros da sua própria família. O trecho extraído da roda 1 (R1) exemplifica essa afirmação: *“Eu tinha um que sempre falava: aqui tia, eu conheço ela, é a minha avó, é a minha tia!”* Na tabela a seguir, aparecem ressaltados os enunciados nos quais foram destacadas essa temática:

Quadro 6 – Valorização dos alunos e de suas respectivas famílias em relação ao estudo da temática quilombola na escola

Participante	Transcrição
R1	Tem um grupo que sim, se interessa e se identifica... e outros que até ignoram a existência desse trabalho, desse projeto, entendeu? Infelizmente acontece.
R2	Aqui na escola, não vejo não, né... ... a gente tentou fazer um resgate sobre as brincadeiras que costumavam acontecer aqui no local... pedido de trabalhinho para casa, mas nunca vem trabalho de casa, eles não devolvem...
E1 E1	Acho que a gente tem que motivar porque inicialmente não, entendeu?
	Eu tinha um que sempre falava: aqui tia, eu conheço ela, é a

R3	<p>minha avó, é a minha tia! Então, é... ter esse reconhecimento para eles era muito interessante. Eles aproveitavam bastante.</p> <p>Bem...aqui nessa comunidade é complicado porque a família não se interessa muito pelas coisas da escola.</p>
E2	<p>Eu não percebo interesse, por exemplo, de alguns pais [...] não dão assim muita... não ficam muito empolgados, ainda não compreendem a importância de se falar essas histórias no ambiente escolar.</p>
E3	<p>Eu acredito que, se fosse mais trabalhado, eles teriam interesse, mas como não é algo que é estimulado pela Secretaria de Educação, então, às vezes, nem a família fica sabendo.</p>
E4	<p>-----</p>
R4	<p>Infelizmente, não. Não valorizam. Eu acho que aqui a nossa população é muito flutuante... a gente tem alunos de várias áreas e aí o próprio projeto da escola deveria ter mais ênfase nisso.</p>

A lei 10.639/03, uma das grandes conquistas dos Movimentos Negros para incluir a população negra na pauta educacional, completa agora vinte anos de existência. Junto a esta, figuram as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (2012), a fim de assegurar um ensino específico às populações dessas comunidades. Apesar de a Escola Municipal João José de Carvalho estar situada em território quilombola, esta ainda não é regulamentada como tal e não apresenta, também, um currículo específico que determine e oriente os planejamentos didáticos voltados ao seu grupo de educandos. Embora a proposta curricular do município de Armação dos Búzios apresente como determinação um trabalho voltado à valorização das culturas quilombola e indígena do local, o faz de maneira genérica, sem especificar as particularidades históricas e culturais desses grupos.

Diante dessas legislações e desses documentos, elaborados para garantir aos alunos uma aprendizagem que inclua e que valorize os elementos culturais afro-brasileiros e africanos, apesar de reconhecerem sua importância, os entrevistados apontam que estes, por si só, não são capazes de auxiliá-los na realização dos planejamentos, que precisam ser desenvolvidos para os discentes. Seguindo nessa direção, Gomes (2017) assinala que

Os saberes expressos nesses documentos ainda não são devidamente considerados enquanto tais pelo campo do conhecimento e pela teoria

educacional. Trata-se de uma disputa, principalmente, no campo dos currículos (GOMES, 2017, p.68).

Desta forma, percebemos que nossos programas escolares permanecem privilegiando concepções advindas de um padrão branco eurocêntrico, que desconsidera os saberes e as potencialidades da cultura negra como mecanismos de reflexão e aprendizagem, desfavorecendo todo o conhecimento científico produzido ao longo dos séculos. Assim, “é preciso descolonizar os currículos e o conhecimento” (GOMES, 2017, p.118).

Silva (2021) ressalta que uma Educação Escolar Quilombola acontecerá, de fato, quando agentes políticos e instituições competentes envolverem-se e comprometerem-se com as discussões em torno dos problemas que ainda existem para sua implementação dentro das escolas. De acordo com esse autor,

Para superarmos essa carência, é necessário um círculo alargado, com a presença das universidades, do Ministério da Educação, das secretarias estaduais e municipais, pois todos esses órgãos possuem fundamental expressão de ação para o debate, execução e contribuição para a Educação Escolar Quilombola (SILVA, 2021, p.98).

Em sua dissertação de mestrado intitulada: “Isso é uma questão muito política!”: relações étnico-raciais e memória quilombola no espaço escolar em Armação dos Búzios (2015), a autora Gessiane Ambrósio Nazário, em pesquisa etnográfica realizada na Escola Municipal João José de Carvalho, propôs-se a observar a abordagem atribuída à cultura e à história afro-brasileiras dentro dessa instituição, considerando o fato de esta receber inúmeros alunos quilombolas. Seu trabalho, nesse espaço, estava baseado na lei 10.639/03. A pesquisadora descreve temas relevantes, como o racismo, o quilombo e a importância histórica da comunidade da Rasa, que já naquela época, não eram incluídos nos planejamentos e projetos didáticos ou, quando o eram, acabavam sendo realizados de maneira superficial e sem nenhum fundamento, apenas como artifícios para atender às demandas burocráticas da própria escola ou advindas da Secretaria de Educação, reforçando, assim, o silenciamento da história quilombola da comunidade e, também, da população descendente de pessoas escravizadas que ali habitam.

Na tabela abaixo, a título de exemplos, são apontados os trechos de cada grupo em relação ao tópico aqui discutido:

Quadro 7 – Contribuições das legislações e dos documentos que tratam da cultura negra e quilombola para a prática da sala de aula

Participante	Transcrição
R1	A partir do momento em que se abre a oportunidade do trabalho e a valorização dentro dos decretos e do regimento, eles valorizam a importância da documentação também.
R2	Aqui na escola, não vejo não, né... a única escola que eu vejo que tem trabalhado isso, né, que virou quilombola é a Lydia Sherman o restante aqui são pessoas se aproveitando, né...de parcialmente, vamos dizer assim de ser quilombola... do que o governo tá oferecendo hoje que é terreno, investimento em dinheiro, a maioria é isso aí, mas na escola você não vê isso não.
E1	...acho que ajuda para lembrar que a gente tem que trabalhar.
R3	Eu acho que não! Eu acho que ele é só um ponto inicial que a gente sabe que está ali e a gente precisa trabalhar, mas não tem nada...quando eu fui dar essa aula antes do recesso eu tive que pesquisar tudo e eu não conheço nada da história daqui...  ...essas leis elas vieram, contudo a gente fica sem saber o que fazer porque a gente não encontra, né, o material apropriado para dar aula.
E2	Sim. A gente tem um respaldo, me dão respaldo legal e político para eu seguir com esse trabalho, para eu trazer essas questões, né, para o meu planejamento, para a minha prática e sim, elas são importantes sim.
E3	As leis ajudam, mas às vezes faltam recursos pra você trabalhar, porém na matéria você pode inserir e trabalhar de forma multidisciplinar essa questão.
E4	Deveria ser um eixo norteador da nossa escola.
R4	Então, eles ajudam porque, de uma certa forma, me respalda quando na verdade o que deveria me respaldar é o projeto político pedagógico da escola, uma vez que a gente está inserida em um área que é de origem quilombola...

Acerca dos materiais, dos recursos e das capacitações, elementos indispensáveis para a realização das suas atividades, os profissionais foram categóricos em suas respostas, afirmando que não recebem nenhum tipo de apoio nesse sentido. Os planejamentos e as pesquisas para dar conta do trabalho, quando acontecem, seguem o interesse particular do educador ou da educadora de fazerem

a diferença dentro das suas salas de aula. Nessa direção, Santos (2001) afirma que

Resta-nos avançar mais na produção de materiais que contribuam para a eliminação do “etnocentrismo” dos currículos escolares e na elaboração de uma metodologia de tratamento da diversidade racial no ambiente escolar (SANTOS, 2001, p.103).

Alguns colegas cobraram da Secretaria de Educação do município formações continuadas com projetos mais específicos que auxiliem tanto na formação dos profissionais da escola quanto na elaboração de materiais didáticos que incluam a história quilombola do bairro da Rasa, tendo em conta que há uma exigência para a inclusão da cultura da comunidade nos conteúdos de sala de aula. Além dos empecilhos destacados acima pelos entrevistados, no fragmento “...Às vezes, eu acho que faltam cursos que nos auxiliem e nos expliquem como trabalhar de forma interdisciplinar, né, em todas as matérias”, para o participante E1, a interdisciplinaridade, que consiste no desenvolvimento de propostas de atividades que integrem, ao mesmo tempo, diversas áreas de conhecimento, também é um fator que causa dificuldades nos momentos de preparo dos planejamentos de ensino. Na sequência, a tabela que traz os apontamentos dos entrevistados:

Quadro 8 – Materiais, recursos e capacitações para a inclusão da cultura quilombola da Rasa na sala de aula

Participante	Transcrição
R1	Deveria oferecer mais, inclusive materiais de apoio concreto para trabalho, sugestões...
R2	A gente não tem material, né, dificilmente dá para fazer alguma coisa voltada... a não ser a capoeira, dá para se fazer.
E1	[...] Às vezes, eu acho que faltam cursos que nos auxiliem e nos expliquem como trabalhar de forma interdisciplinar, né, em todas as matérias.

R3	<p>Esse ano eu ainda não trabalhei a temática quilombola até por questão de falta de base, né...</p> <p>É assim... é um pouco difícil porque a gente não tem material para poder trabalhar isso.</p> <p>Eu acho que a Secretaria de Educação deveria, já que existe a lei, fazer esse levantamento, elaborar um material... para disponibilizar ou em pdf, entendeu? Para as escolas ou impresso para as escolas, pra gente poder trabalhar, porque é muito difícil.</p>
E2	Então, essa história não está nos livros, então a gente tem que ralar e ir atrás, de casa em casa, né, das pessoas, dos parentes, né, dos tios mais velhos, no meu caso, né, que eu sou descendente aqui dos quilombolas, aí eu vou, né, vou até a casa das pessoas esquematizo isso.
E3	Na verdade, nós não temos recursos, né...
E4	Não. Nenhum. Principalmente no que tange à formação, não temos.
R4	E, além disso, a gente não tem um material pra tra... pra desenvolver o trabalho porque o que você tem pra elaborar o seu planejamento, pra direcionar? A gente não tem... a gente tem que buscar.

Quando questionados sobre o modo como a temática quilombola é incluída nos planejamentos práticos desenvolvidos na escola, observamos as diferentes perspectivas com as quais os profissionais da instituição concebem e implementam a discussão sobre o assunto. Inicialmente, apontamos a maneira pela qual o ensino da cultura quilombola do bairro Rasa é visto como um elemento à parte, como mais um “conteúdo”, que necessita ser discutido fora das demandas dos processos de alfabetização e letramentos. Quando um dos participantes da roda 1(R1) afirma “*A gente está correndo atrás é da alfabetização*”, demonstra-nos ser necessário interromper o trabalho voltado para o ensino da leitura e da escrita para conseguir contemplar a história e a cultura da comunidade. É importante enfatizar aqui o contexto dessa afirmação. Voltemos, então, a situação já descrita. Estávamos em 2022, primeiro ano em que as aulas presenciais haviam retornado a sua normalidade, tendo sido iniciadas no mês de fevereiro. Em 2020 e 2021, toda a rotina escolar precisou ser adaptada por conta da pandemia da covid-19. A proposta de aula *online* e as atividades impressas em apostilas, estratégias utilizadas pela Secretaria de Educação, não conseguiram atingir toda a população escolar. A maioria dos alunos e alunas não tinha computadores, *notebooks*, celulares ou

sequer conexão com a *internet* para acessar a plataforma. Havia famílias com um celular e as aulas eram no horário em que esse responsável, possivelmente, estava em turno de trabalho. A frequência dos educandos a essa modalidade de aula era sempre muito baixa. Nesse período, chegamos a receber a notícia de que tanto os professores quanto os alunos receberiam um *tablet* para contribuir com o trabalho a ser realizado e beneficiar a aprendizagem dos estudantes. A crise sanitária foi controlada e, até os dias de hoje, não recebemos os *tablets*. Durante todo o período pandêmico, os professores utilizaram seus próprios recursos para dar conta de elaborar suas aulas, sem nenhum apoio ou investimento da Secretaria de Educação.

Apenas no segundo semestre de 2021, retornamos às aulas presenciais e, ao final do período letivo, todos os alunos foram aprovados. A pandemia da covid-19 foi uma crise sanitária e humanitária com proporções incalculáveis, sobretudo, com impactos na área educacional. O surto dessa doença contribuiu para evidenciar o número de alunos com dificuldades na aprendizagem e estes figuram, predominantemente, nas classes mais populares, que incluem, em sua maioria, as crianças pretas e pardas.

A cultura e a história locais, as quais os alunos fazem parte, são elementos potentes, que devem ser utilizados como recursos do processo de ensino-aprendizagem. Em conformidade com os apontamentos de Freire (1987 [2021a]), é refletindo sobre a própria realidade que os educandos serão capazes de valorizar quem são dentro da sua própria comunidade e num contexto mais abrangente. Essa ideia de pertencimento já pode ser debatida na infância para que as crianças cresçam sabendo que fazem parte de uma conjuntura importante. Cabe aos seus professores e às suas professoras a elaboração de planejamentos didáticos que oportunizem atividades, as quais contemplem a discussão sobre esses eventos sociais relacionando-os às propostas mais específicas para refletir sobre a língua escrita. As raízes culturais dos estudantes precisam estar no centro do projeto elaborado por toda a escola. Dessa forma, as instituições públicas têm grande responsabilidade tanto no ensino da leitura e da escrita quanto na formação crítica dos indivíduos, assim afirma hooks (2021). Potencializar nos estudantes um senso crítico é tarefa de educadores e educadoras comprometidos com uma prática pedagógica consciente e alinhada com uma educação democrática, que consiste na valorização da diversidade. No caso da Escola João José de Carvalho, evidenciar a importância da comunidade quilombola da Rasa para fortalecer as discussões

antirracistas no contexto educacional, é tarefa urgente.

No que tange à abordagem das questões voltadas para a inclusão da raça negra nas instituições de ensino, de acordo com Souza (2001), é preciso que haja um trabalho fundamentado e contextualizado para dar conta da história e da cultura afro-brasileiras. Quando esses conhecimentos não são pautados na trajetória e, além disso, na produção histórica e cultural produzida no decorrer dos anos, corremos o risco de reproduzir modelos estereotipados e folclorizados dos elementos que constituem as formas de representação dessas populações. A falta de formação dos agentes que atuam na linha de frente do campo educacional contribui de maneira satisfatória para a manutenção desse tipo de pensamento. Assim, com base na análise realizada por Pereira (2008), muitos educadores acabam perpetuando a ideia de que a simples inserção de elementos que façam alusão à África e às comunidades afro-brasileiras em seus planejamentos de ensino dão conta de cumprir com as determinações da lei 10.639/03. Dessa maneira, estamos em 2023 e, ainda, presenciamos situações como as apresentadas nos discursos de alguns colegas, como: *“A única coisa que a gente coloca é uma (sic) musicazinha de capoeira, faz uma roda de capoeira e tal...”*, proferido por um dos participantes da roda 2 (R2), e *“...aí sempre vai jogando para a questão das máscaras...”*, mencionado por um dos entrevistados da roda 3 (R3). Entendemos, com isso, que a falta de conhecimento acerca do tema em questão pode levar-nos a reproduzir aquilo que é difundido pelo senso comum, a partir do instante em que “máscaras” e “capoeira” aparecem desvinculados de um contexto histórico mais amplo e relevante para o entendimento dos alunos e alunas.

Nas ideias que defende, Pereira (2008) aponta que os docentes precisam desenvolver propostas que incluam a diversidade na sala de aula. Para tanto, devem estar atentos às possibilidades que, muitas vezes, são oferecidas pelo próprio meio. Assim, esse pesquisador declara:

Quantas histórias invisíveis no entorno e no interior de comunidades escolares! Não haverá as que possam ser vistas da ótica da História e Cultura Afro-Brasileira, nas características, prazeres e desprazeres que provoca, pelos agentes que envolve, nas representações que constituirão as lembranças, as consequências, etc? Não precisam (talvez nem mesmo devam) *ser histórias de negros*. Não haverá participação de negros? Não se encontra algum aspecto da questão racial, ou referenciais afro-brasileiros, no início, no meio ou no fim? São muitas vezes surpreendentes as possibilidades interpretativas (PEREIRA, 2008, p.11).

À luz dessa afirmação, constatamos que o contexto no qual se encontra a Escola João José de Carvalho, situada em um bairro quilombola, por si só, já apresenta potentes materiais e recursos para que as crianças aprendam e reflitam sobre a história africana e afro-brasileira, partindo do entendimento da realidade da sua própria comunidade, incluindo a população negra nos fatos ocorridos no local. No entanto, essas histórias permanecem invisibilizadas dentro da instituição ou são abordadas superficialmente. Na tabela 4, destacam-se os enunciados produzidos pelos participantes no que se refere à temática analisada:

Quadro 9 – A cultura quilombola na realidade da prática docente

Participante	Transcrição
R1	A gente está correndo atrás é da alfabetização.
R2	A única coisa que a gente coloca é uma ( <i>sic</i> ) musicazinha de capoeira, faz uma roda de capoeira e tal, mas a gente não tem um berimbau, a gente não tem um atabaque, a gente não tem nada.
E1	...acho que a gente trabalha, mas não é... a gente não é incentivado a trabalhar...eu acho que quem quer trabalha, quem não quer não trabalha...não é um projeto...
R3	Bom ou não a gente vai pegando o basicão, o geralzão, né, a história da África em si, dos escravos que vieram, a cultura, aí sempre vai jogando para a questão das máscaras...eu sempre pego muito a questão dos contos africanos para trazer para a sala de aula...eu acho muito valioso, mas a história do local acaba se perdendo...
E2	...não tem material didático para a gente, a gente tá inventando, tá criando os próprios materiais didáticos, então assim eu gosto muito de trabalhar com literatura e essa coisa teatral, que tem um poder assim de comunicação muito interessante.
E3	Por exemplo, pra trabalhar recortes, a gente pega os livros distribui para o aluno e aí pede para ele analisar no livro quantas figuras aparecem da cor negra, criança, família, pessoas que estão ali no livro, quantas aparecem na cor negra, dificilmente você vê num livro didático, às vezes, uma figura de uma pessoa negra.
E4	Eu acho que a escola poderia trabalhar mais, de forma mais efetiva. A gente acaba, assim, explorando nas datas, mas não se torna algo assim transversal, né, que a gente possa trabalhar o ano inteiro. A gente entra e sai, mas a gente não foca nisso como deveria, culturalmente. Não se torna habitual falar sobre o assunto e separa épocas do ano em função de datas comemorativas, né, pra poder explorar o assunto, erroneamente, né (risos).

R4	Eu geralmente busco as coisas na internet. O próprio hino da cidade porque ele faz referência, né, grilhões, algoz, então por que isso? De onde vem? Por que que precisava de grilhões? Por que que se precisava disso? Pra ver até que ponto meu aluno ele entende essa questão da escravização, então parto do hino, da internet, entendeu, figuras, aí eu sempre ouço algum relato de que é neto de alguém, aí eu já aproveito isso, o relato oral pra poder trabalhar. É sempre partindo desse ponto pra trabalhar.

A partir dos resultados, notamos como a equipe da Escola Municipal João José de Carvalho precisa, ainda, de formação quanto à aprendizagem sobre a cultura local onde está situada essa instituição e, também, sobre a história dos povos africanos e afro-brasileiros. Apesar disso, percebemos, claramente, a compreensão de alguns desses profissionais ao reconhecerem que lhes falta qualificação para que consigam debater o tema com seus alunos e, ao mesmo tempo, incluí-lo nas tarefas a serem desenvolvidas em sala de aula. No entanto, o ofício de ensinar requer muita consciência e, enquanto a tão necessária capacitação não chega, é dever de cada educador colocar-se como um agente transformador, responsabilizando-se por propiciar aos seus alunos conteúdos que os ajudem a expandir seus conhecimentos, a fim de que consigam apresentar uma postura crítica diante da cultura e da história da sua comunidade.

Dessa forma, a fim de auxiliar todo o grupo nos desafios que fazem parte da nossa realidade, já que ainda não conseguimos incluir as memórias quilombolas da Rasa de maneira sistemática em nossos projetos de ensino, ou seja, de modo a considerar os eventos históricos ocorridos no bairro, associando-os às práticas interdisciplinares, voltadas à aprendizagem da leitura e da escrita, esta pesquisa alia-se às outras discussões, já iniciadas, que propõem um olhar atento e urgente à Educação Escolar Quilombola e, também, aos programas de aprendizagem que fogem de modelos pré-estabelecidos, impostos por uma matriz colonial branca, a fim de garantir uma formação crítica e antirracista dos educandos.

## **7 A INTERVENÇÃO: REFLETINDO SOBRE O SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA A PARTIR DA HISTÓRIA QUILOMBOLA DA COMUNIDADE DA RASA**

Para discutir a realidade sócio-histórica do bairro Rasa junto às crianças das turmas 102 e 104, do 1º ano de escolaridade da E. M. João José de Carvalho, foi realizado um projeto com temática quilombola ao qual foram inseridas sequências didáticas. Em seguida, as propostas de trabalho relacionadas a esse assunto foram incluídas nas demais tarefas desenvolvidas com os alunos no decorrer do ano letivo.

Um projeto consiste na implementação de planejamentos que podem envolver várias áreas de conhecimento, de maneira interdisciplinar, com atividades voltadas para a leitura e para a escrita de textos significativos, que expressam a realidade daqueles que se encontram inseridos no processo de aprendizagem (DUBEUX e SOUZA, 2012).

As sequências didáticas, por sua vez, são ferramentas eficazes que podem auxiliar o professor na organização do trabalho pedagógico que ele se compromete a realizar dentro de sua sala de aula. A esse respeito, Dubeux e Souza (2012) apontam que esse tipo de material

consiste em um procedimento de ensino, em que um conteúdo específico é focalizado em passos ou etapas encadeadas, tornando mais eficiente o processo de aprendizagem. Ao mesmo tempo, a sequência didática permite o estudo de várias áreas de conhecimento, de forma interdisciplinar (DUBEUX e SOUZA, 2012, p. 27).

Nesse tipo de trabalho, o docente é o responsável pelo planejamento e determina, além dos conteúdos a serem contemplados, o melhor momento para a realização de cada uma das atividades que pretende propor, partindo do nível de aprendizagem e necessidade dos seus educandos.

Nessa direção, um potente instrumento para proporcionar o entendimento das crianças sobre como se dá o funcionamento da nossa língua é promover com elas atividades voltadas para o desenvolvimento de habilidades de consciência fonológica, para que percebam as partes sonoras que compõem as palavras, como por exemplo, as aliterações, as sílabas, as rimas e os fonemas.

Sendo assim, o plano de trabalho partiu da contação da história do Brasil,

mas de modo a respeitar o público ouvinte, composto integralmente por crianças. Relatei, então, que os portugueses partiram de seu país, chamado Portugal, e ocuparam as terras do Brasil, território onde encontraram diversos grupos indígenas que já habitavam a região. Com a invasão, muitos deles foram escravizados, alguns morreram e outros conseguiram fugir para o interior do país. Depois de submeter esses povos há muitos anos de exploração, os portugueses decidiram fazer novas viagens e, dessa vez, invadiram o continente africano. Nesse local, sequestraram milhares de pessoas e as colocaram em navios, que partiram para diferentes regiões, inclusive o Brasil. Quando chegaram nesses locais, essas pessoas foram obrigadas a trabalhar como escravas.

Como estratégia para ajudar nas explicações, foram utilizadas imagens ampliadas, apresentando o mapa-múndi e, também, ilustrações relacionadas aos fatos narrados. À medida que as situações eram descritas, os trajetos relatados eram apontados no cartaz para que as crianças pudessem ter uma melhor compreensão. Quando havia informações escritas nos cartazes, após a leitura realizada por mim, alguns alunos eram convidados a pintar palavras consideradas importantes. No material a seguir, por exemplo, foram realçados os seguintes nomes: “portugueses”, “Brasil” e “indígenas”.

Figura 31 - Cartaz A história do Brasil



Fonte: O autor, 2022<sup>22</sup>.

<sup>22</sup> Imagens dos cartazes: <https://www.youtube.com/watch?v=p2Duy>  
<https://br.pinterest.com/pin/293719206927798014/>

No cartaz África, após explicar os fatos ocorridos aos alunos, algumas crianças foram convidadas para que destacassem os nomes “portugueses”, “África”, “africanos” e “Brasil”. Neste período, os alunos encontravam-se no início do processo de compreensão do sistema de escrita alfabética. Apenas uma criança, considerando as duas turmas, já conseguia ler palavras. Deste modo, algumas estratégias foram utilizadas para auxiliar os alunos na localização dos nomes pedidos, nesse caso, fazendo os seguintes questionamentos: *“Brasil começa com que letra?”* *“Onde está escrita a palavra que começa com B? Qual é a última letra dessa palavra?”*

Figura 32 - Cartaz África

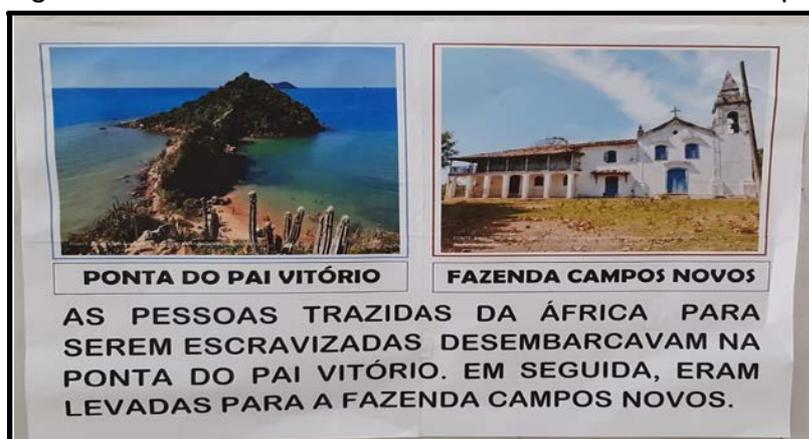


Fonte: O autor, 2022.

Dando continuidade aos fatos históricos, pontuei que as pessoas que foram sequestradas no continente africano e chegaram ao bairro da Rasa vieram, predominantemente, de um país chamado Angola e chegavam nos navios negreiros. Essas embarcações ancoravam nas proximidades da Ponta do Pai Vitório. Dali eram levadas até a Fazenda Campos Novos, onde algumas ficavam para serem

escravizadas, trabalhando nessa propriedade, e as outras eram vendidas. Essa introdução serviu como base para explicar o motivo pelo qual o bairro da Rasa é hoje considerado uma comunidade quilombola, local de resistência, onde moram descendentes dessa população escravizada.

Figura 33 - Cartaz Ponta do Pai Vitório e Fazenda Campos Novos



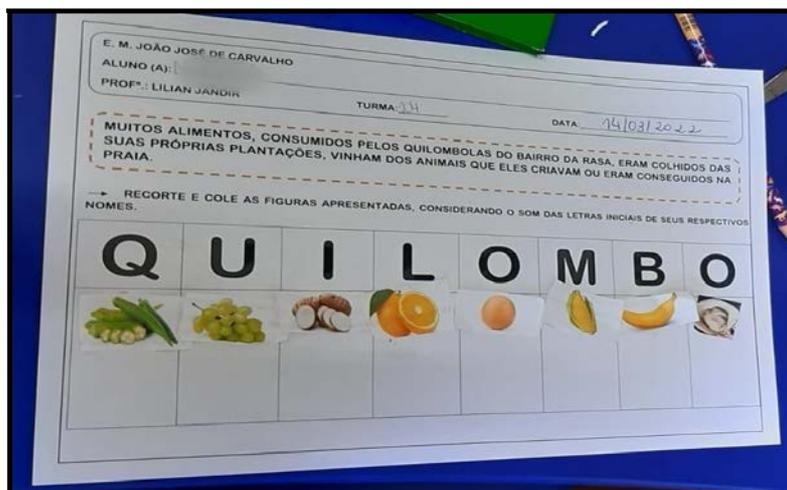
Fonte: O autor, 2022<sup>23</sup>.

A apresentação e discussão dos elementos da história local serviram para fundamentar as propostas de reflexão sobre o sistema de escrita alfabética. Portanto, como apresentado na atividade a seguir, os nomes dos alimentos cultivados nas roças, como eram denominadas as plantações, e consumidos pelos quilombolas, que antigamente tinham o hábito de plantar, caçar ou sair para pescar, ajudaram os alunos a promoverem a associação grafema/ fonema.

Essa tarefa foi realizada da seguinte forma: inicialmente, foi entregue às crianças uma folha estruturada com um quadro, contendo a palavra “Quilombo” com espaços abaixo de cada uma das letras. Elas foram encorajadas a descobrirem o que estava escrito. Além disso, em conjunto, foram estimuladas a nomear todas as letras necessárias à formação dessa palavra e, também, a mencionar a quantidade de sílabas. Em um segundo momento, foi entregue a elas uma ficha, contendo oito figuras, que foram identificadas e, em seguida, recortadas e coladas, de acordo com a letra inicial de seus respectivos nomes; para tanto, consideraram-se as letras necessárias à composição da palavra “Quilombo”. Por fim, os nomes das figuras foram escritos no caderno com meu auxílio.

<sup>23</sup> Imagens dos cartazes: <https://cactusexperiencias.com.br/en/produto/pai-vitorio-https://50anos.incr.gov.br/historia-de-antiga-fazenda-colonial->

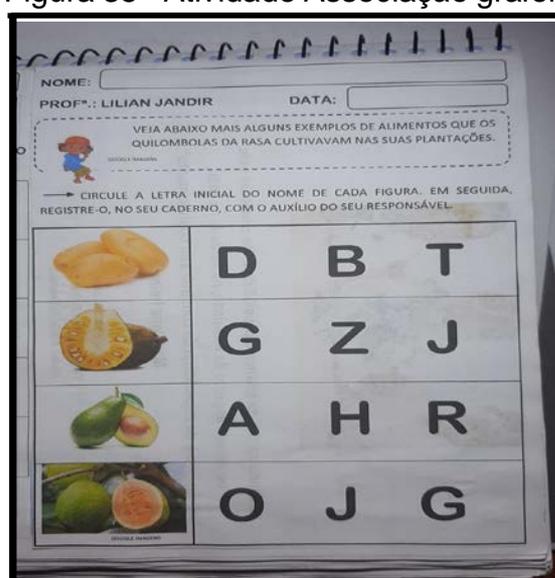
Figura 34 - Atividade com a palavra Quilombo



Fonte: O autor, 2022.

Essa sequência didática foi finalizada com uma atividade proposta para ser realizada em casa com o apoio de um responsável. Ainda utilizando nomes de alimentos cultivados e consumidos pelos quilombolas em suas plantações, as crianças promoveram a associação grafema/fonema, identificando a letra inicial do nome de cada um dos itens apresentados. Posteriormente, registraram as palavras.

Figura 35 - Atividade Associação grafema/fonema



Fonte: O autor, 2022.

A segunda sequência didática partiu da leitura de um pequeno texto, intitulado “O que é quilombo?”, apresentado em cartaz. Após sua leitura, retomei o que havia

sido discutido na aula anterior e pontuei para os alunos, novamente, o significado dessa palavra. Apontei que se tratava de um lugar que abrigava os descendentes das pessoas que haviam sido escravizadas na antiga Fazenda Campos Novos. Nesse espaço escolhido, instalavam-se e, em conjunto, construíam suas casas, de modo a estabelecerem uma vida pautada na colaboração. Dessa forma, a Rasa é reconhecida como área quilombola por, hoje, abrigar muitas dessas famílias. Ao fim da leitura do texto, solicitei a algumas crianças que localizassem palavras importantes no cartaz, como “quilombo”, “quilombola” e “Rasa”.

Nessa etapa do projeto, foram valorizados três moradores quilombolas importantes dentro da comunidade: Dona Eva, moradora com 112 anos, neta de pessoas que foram escravizadas; Dona Uia, sua filha, respeitável liderança quilombola do bairro, que faleceu em 2020, e João Guelo, patrono da escola. Esses três personagens da história local foram apresentados em um cartaz intitulado “Personalidades Quilombolas”, que após a aula, foi fixado no corredor, próximo à sala dos alunos. Após essa conversa, seguimos para a realização de atividades, contemplando a escrita. Os alunos receberam dois quebra-cabeças com as imagens de Dona Eva e de Dona Uia. Logo abaixo das suas imagens, apareciam as letras que compunham seus respectivos nomes. Eles recortaram nos espaços indicados e, na sequência, colaram as peças no caderno, de maneira a formar novamente as figuras desses membros quilombolas; em seguida, registraram as palavras formadas. Os nomes das letras que compunham as palavras foram mencionados em voz alta.

Figura 36 - Quebra-cabeça Dona Eva



Fonte: O autor, 2022<sup>24</sup>.

Esta sequência também foi finalizada com uma atividade enviada como tarefa de casa. Os alunos receberam um caça-palavras, que trazia como referência nomes de animais que eram caçados ou criados pelos quilombolas. O material estruturado oferecia às crianças as imagens com seus respectivos nomes para ajudar na sua localização. Percebemos aqui o trabalho elaborado para análise de competências linguísticas, voltadas para a percepção da orientação da escrita, neste caso específico, destacando que se escreve da esquerda para a direita e a letra inicial e final de cada palavra, que aparecem para associar essas reflexões a um projeto maior: relacionar uma perspectiva ideológica por meio do entendimento de fatos importantes ocorridos na comunidade quilombola da Rasa ao processo de alfabetização.

Figura 37 – Caça-palavras

NOME: \_\_\_\_\_  
 PROF<sup>a</sup>: LILIAN JANDIR DATA: \_\_\_\_\_

OS QUILOMBOLAS TINHAM CRIAÇÕES DE PORCOS E GALINHAS. COSTUMAVAM SAIR PARA CAÇAR TATUS E VEADOS.

→ LOCALIZE, NO CAÇA-PALAVRAS, OS NOMES DOS ANIMAIS DESTACADOS.

			
PORCO	GALINHA	TATU	VEADO

S	X	T	A	T	U	Q
N	O	X	L	Ç	N	E
R	P	O	R	C	O	B
B	C	B	T	U	I	P
V	E	A	D	O	Z	C
G	J	L	Ç	A	O	I
G	A	L	I	N	H	A
E	X	V	B	N	M	P

Fonte: O autor, 2022.

<sup>24</sup> Fonte da imagem: <https://prensadebabel.com.br/dona-eva-de-111-anos-e-a-primeira-idosa-vacinada-em-buzios>

No terceiro dia de realização de atividades voltadas para o projeto, após retomar a discussão do tema proposto, foi o momento da realização de outros planejamentos direcionados para a compreensão do sistema de escrita. Desta maneira, os nomes das pessoas da comunidade foram usados para que as crianças promovessem a correspondência entre suas letras iniciais e as figuras que começassem com o mesmo som. Em seguida, escreveram palavras.

Figura 38 – Atividade para associação grafema/fonema

NOME: \_\_\_\_\_  
 DATA: \_\_\_\_\_ PROF.: LILIAN JANDIR

VEJA ABAIXO OS NOMES DE ALGUMAS PERSONALIDADES  
 QUILMBOLAS DA RASA.

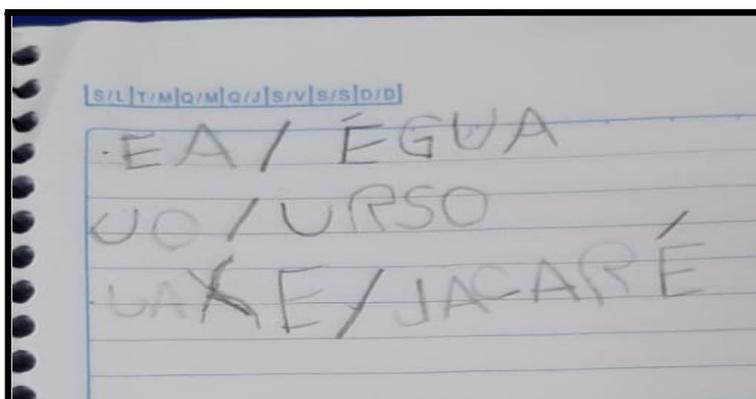
→ PINTE APENAS AS FIGURAS CUJOS NOMES COMECEM COM AS  
 LETRAS INICIAIS DESTACADAS. EM SEGUIDA, ESCREVA-OS NO SEU  
 CADERNO.

 <b>EVA</b>	   GOOGLE IMAGES
 <b>UIA</b>	   GOOGLE IMAGES
 <b>JOÃO GUELO</b>	   GOOGLE IMAGES

Fonte: O autor, 2022.

A seguir, a escrita realizada por um aluno, tentando anotar os nomes das figuras as quais selecionou. À esquerda, seguem suas palavras registradas espontaneamente e, ao lado, a escrita com minha intervenção. É possível perceber que, neste momento, ele encontrava-se no nível de escrita silábico com valor sonoro, já que, para cada uma das sílabas da palavra, utilizava uma de suas letras, percebendo, pelo menos, um dos fonemas que a compunha. Desta forma, ele produziu os seguintes registros: E - A para É - GUA; U - O para UR - SO e JA - K - E para JA-CA-RÉ. É possível observar que, para “JACARÉ”, ele conseguiu perceber e registrar a primeira sílaba, já demonstrando um avanço em direção ao nível de escrita silábico-alfabético.

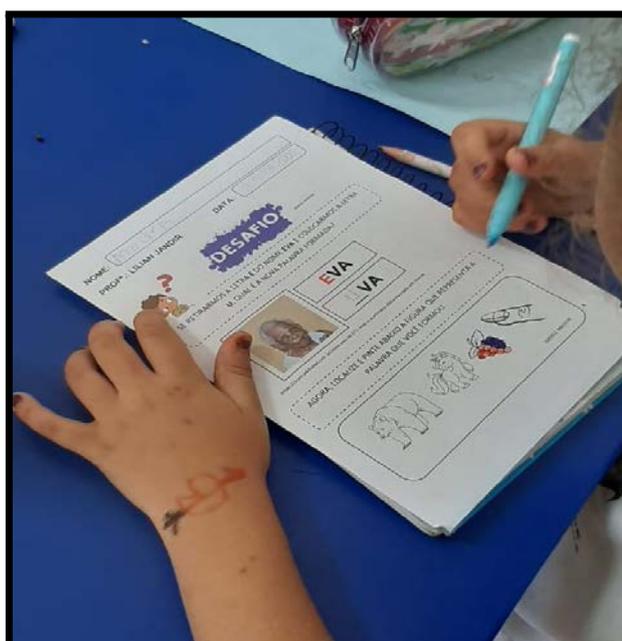
Figura 39– Escrita espontânea/ escrita com intervenção



Fonte: O autor, 2022.

As demais propostas elencadas a seguir foram realizadas com as crianças junto as outras atividades desenvolvidas para contemplar alguns dos objetivos de aprendizagem estipulados para o 1º ano de escolaridade. Por exemplo, em tarefas para repercutir sobre o uso das letras nas palavras a partir dos nomes dos alunos da turma, foi utilizado, também, o nome da Dona Eva. Nesse exercício, foi necessário modificar a letra inicial para descobrir a nova palavra formada e, no caso em questão, para desvendar o desafio, as crianças precisaram perceber que retirando o “E” de EVA e, em seu lugar, colocando a letra “U”, formariam a palavra UVA. Posteriormente, pintaram a figura referente ao nome formado.

Figura 40 – Troca-letras

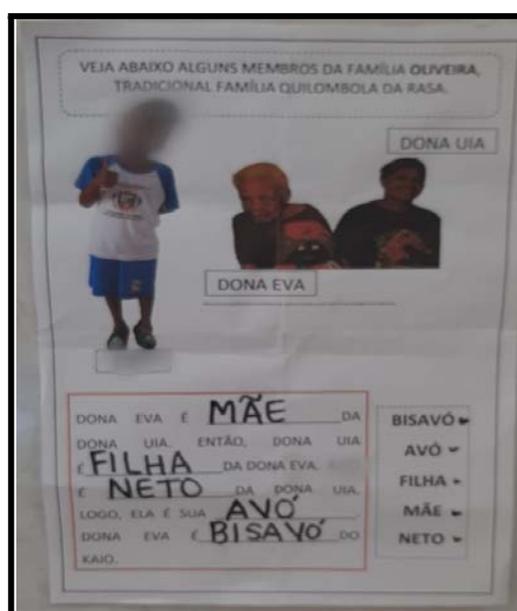


Fonte: O autor, 2022.

Considerando a discussão sobre o tema “Família” levantado na sala de aula, levei em conta o grau de parentesco de um dos alunos com duas das personalidades quilombolas apontadas até então. Tratava-se de um menino, neto da Dona Uia e bisneto da Dona Eva. Assim, foi elaborada uma atividade que pudesse auxiliar as crianças tanto na reflexão sobre o sistema de escrita alfabética quanto na compreensão das relações estabelecidas entre pessoas de um mesmo grupo familiar. Isto posto, foi confeccionado um cartaz com a imagem dessas três pessoas com seus respectivos nomes. Além disso, foi escrito um pequeno texto com lacunas, referindo-se ao vínculo entre elas. Ao seu lado, uma caixa, contendo palavras para serem lidas e registradas nos espaços correspondentes.

A tarefa recebeu o seguinte direcionamento: o cartaz foi colado no quadro e lido por mim. As crianças tiveram acesso ao mesmo material, porém em tamanho menor e, à medida que eu realizava a leitura novamente, mas dessa vez num ritmo pausado, os alunos iam dizendo qual a palavra adequada para cada um dos espaços apresentados. Nesse caso, foi preciso auxiliá-los para que localizassem os nomes necessários e, para tanto, foram orientados a observarem as letras iniciais para descobrirem a palavra correta, considerando que, ainda, não realizavam a leitura com autonomia. Após o meu registro das palavras no cartaz, os alunos fizeram o mesmo nas folhas que tinham recebido.

Figura 41 – Membros de uma família quilombola



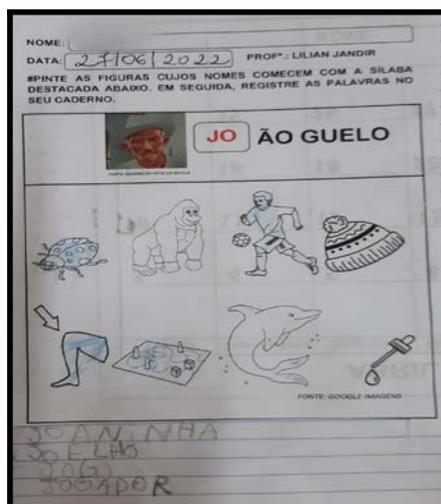
Fonte: O autor, 2022.

Inseridos a esse contexto de alfabetização, para auxiliar os alunos no processo de aprendizagem, era comum, na sala de aula, a utilização de jogos que permitissem uma reflexão mais lúdica sobre o ato de escrever. O bingo dos sons iniciais, por exemplo, é um material que contém cartelas com figuras e seus respectivos nomes escritos, tendo suas sílabas iniciais destacadas na cor preta. Há, ainda, fichas com palavras. Esse material deve ser utilizado da seguinte maneira: cada criança recebe uma cartela, que deverá ser marcada, à medida que tiver no cartão recebido, uma figura que comece com a mesma sílaba da palavra sorteada pela professora. Vence a competição aquele que gritar “Bingo” primeiro, após fazer a marcação. Esse jogo foi elaborado pelo Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL), grupo da Universidade Federal de Pernambuco. Além deste, foram organizados outros materiais para trabalhar, em sala de aula, a consciência fonológica de maneira divertida. Essa coleção foi entregue às escolas, no mesmo período de implementação do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), para que fosse utilizada nas turmas de alfabetização.

Esse bingo é muito potente para ajudar as crianças a perceberem as composições das sílabas e seus respectivos sons. Após essa atividade lúdica, era frequente a realização de propostas de sistematização para que os discentes, individualmente, percebessem palavras que compartilham a mesma sílaba. No planejamento seguinte, o nome do patrono da escola, João Guelo, aparece em uma atividade elaborada na folha de ofício.

As crianças precisaram localizar e pintar, dentre todas as figuras oferecidas, apenas aquelas que comesçassem com “JO”, de João; observaram as seguintes imagens: JOANINHA, GORILA, JOGADOR, TOUCA, JOELHO, JOGO, GOLFINHO e GOTA. Em seguida, elas fizeram os registros dos nomes das figuras pintadas. As palavras, no exemplo abaixo, após a escrita realizada pelo aluno, receberam minha orientação.

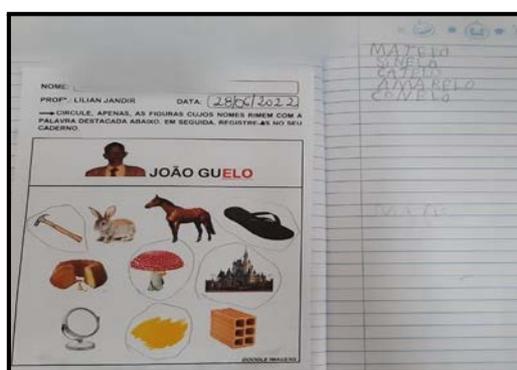
Figura 42– Refletindo sobre a sílaba inicial



Fonte: O autor, 2022.

Outro elemento relevante, que deve ser utilizado para ajudar na compreensão do sistema de escrita, é a percepção das rimas. Sendo assim, a terminação “-elo”, de João Guelo, foi usada para que as crianças percebessem que esta também pode aparecer em outras palavras. No material proposto em sequência, os alunos deveriam localizar e circular as imagens cujos nomes têm a mesma terminação da palavra destacada e, posteriormente, fariam o registro. A escrita realizada pelo aluno abaixo confirma que ele se encontra no nível alfabético, tendo em vista que já identifica a grande maioria dos fonemas que compõem as sílabas das palavras. Mesmo, em alguns momentos, omitindo e trocando algumas letras. Ressalto que ele escreveu MATELO para MARTELO; SINELO para CHINELO; CATELO para CASTELO e CONELO para COGUMELO, demonstrando ainda não conseguir perceber outros sons utilizados na composição da escrita das sílabas complexas.

Figura 43– Nomes de figuras que rimam com João Guelo

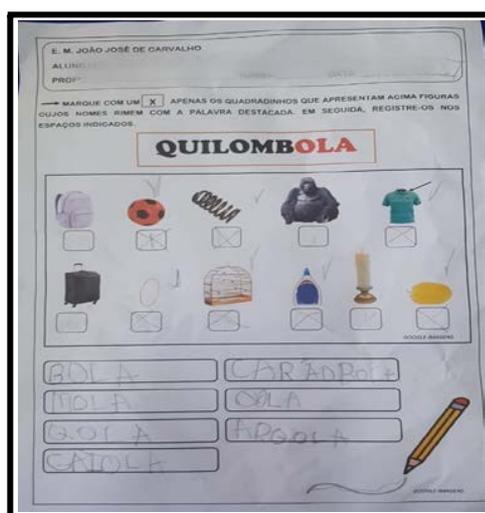


Fonte: O autor, 2022.

O exercício seguinte também trouxe como intenção a captação dos sons

finais pelas crianças. Dessa vez, no entanto, a palavra QUILOMBOLA aparece em destaque. Elas precisariam assinalar, somente, as imagens que seus nomes terminassem como a palavra citada como referência. Consecutivamente, fariam a escrita dos seus respectivos nomes. Destaco que os registros realizados pela aluna apontam para uma escrita alfabética. Posto isto, ressaltam-se nas suas anotações: BOLA; MOLA; QOLA para COLA; GAIOLA; CARÃOBOLA para CARAMBOLA; QOLA para GOLA e ARQOLA para ARGOLA. Podemos perceber a escolha do fone surdo [K] utilizado no lugar do fone sonoro [G], estabelecendo uma oposição surdo/sonoro quando ela registra QOLA e ARQOLA. Notamos, ainda, seu pensamento reflexivo ao perceber a nasalidade e suas múltiplas possibilidades de representação, tendo feito o uso ãO para dar conta, momentaneamente, do seu não conhecimento da forma AM para a escrita da palavra CARAMBOLA.

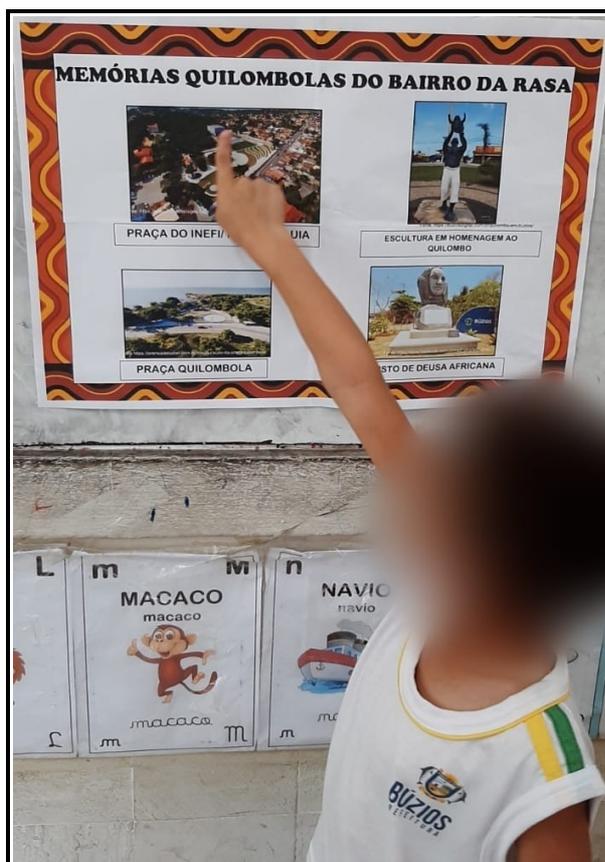
Figura 44 – Nomes de figuras que rimam com quilombola



Fonte: O autor, 2022.

Um cartaz intitulado “Memórias quilombolas do bairro da Rasa” foi apresentado aos alunos. Esse material trouxe as imagens de praças e monumentos que marcam a identidade quilombola do local, dentre os quais se destacam a Praça do INEFI/Tia Uia, a Escultura em Homenagem ao Quilombo, a Praça Quilombola e o Busto de Deusa Africana. Perguntei às crianças se conheciam esses elementos e espaços. Algumas disseram: “Eu já tirei um monte de fotos aí nessa praça!”, “Meu ônibus passa por aí!”

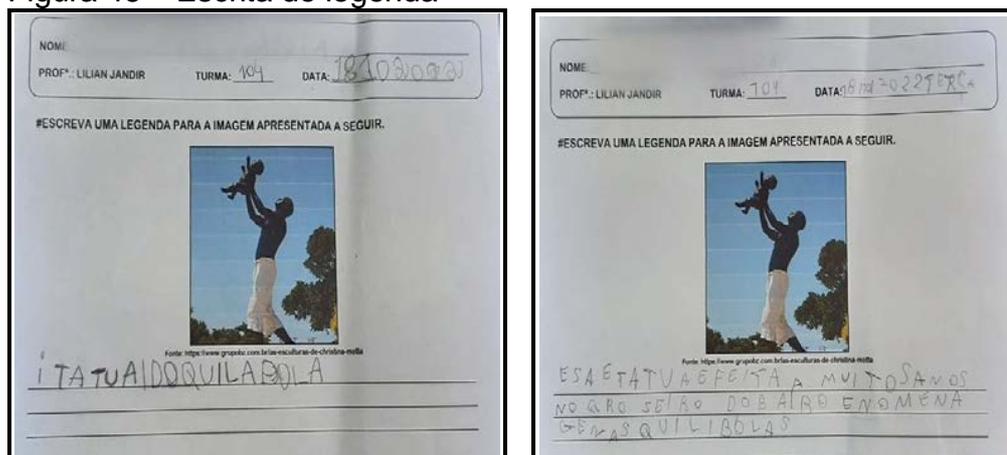
Figura 45– Cartaz Memórias quilombolas



Fonte: O autor, 2022.

Após conversarmos sobre a história e os significados trazidos nessas imagens, realizamos algumas atividades: a primeira delas consistiu na escrita de legenda para a figura da escultura em homenagem à comunidade quilombola, que está localizada na parte central do bairro. Depois de explicar às crianças o significado desse termo, entreguei-lhes uma pequena folha, na qual constava estruturada a tarefa a ser realizada. Veja abaixo os exemplos de dois registros espontâneos realizados pelos alunos:

Figura 46 – Escrita de legenda



(a)

(b)

Legenda (a) e (b) - escrita espontânea, considerando escultura quilombola.  
Fonte: O autor, 2022.

Com base nas produções acima, podemos perceber que as duas crianças já realizam uma escrita alfabética. Na figura (a), o aluno escreveu na legenda: “*Estátua quilombola*” e, na figura (b), a aluna registrou “*Essa estátua é feita há muitos anos no Cruzeiro do bairro em homenagem aos quilombolas.*”

Os alunos também foram convidados a reproduzirem essa mesma escultura com massinha de modelar.

Figura 47 – Escultura com massinha de modelar



Fonte: O autor, 2022.

Um estudo bem detalhado a respeito da leitura de imagens encontra-se na pesquisa de Santaella (2012). Segundo a autora, apesar de esta ser uma atividade

relevante, costuma não receber a atenção devida nos ambientes escolares. As imagens e as figuras, assim como o texto, também podem ser lidas e trazem consigo informações capazes de transmitir conhecimentos, sendo importantes, sobretudo, para aqueles que ainda não conseguem ler nem escrever. Nesse caso, o processo de leitura é visto além da decifração do código escrito.

Nosso cérebro percebe as imagens antes dos textos. Assim, conseguimos memorizar os objetos com mais facilidade que as palavras. Parte daí a necessidade de utilização de elementos concretos para auxiliar indivíduos que estão aprendendo a ler e a escrever. Durante o desenvolvimento do nosso projeto para a aprendizagem sobre a cultura quilombola da comunidade da Rasa, dei prioridade às imagens coloridas, associadas predominantemente à escrita. A intenção principal foi despertar o interesse e a curiosidade das crianças, além de tentar aproximá-las, ao máximo, da nossa realidade. Santaella declara (2012) que

As imagens são recebidas mais rapidamente do que os textos, elas possuem um maior valor de atenção, e sua informação permanece durante mais tempo no cérebro. Somos mais capazes de memorizar descrições de objetos a partir de imagens do que a partir de palavras. Além disso, memorizamos com mais facilidade palavras que designam objetos concretos do que palavras que designam conceitos abstratos (SANTAELLA, 2012, p.109).

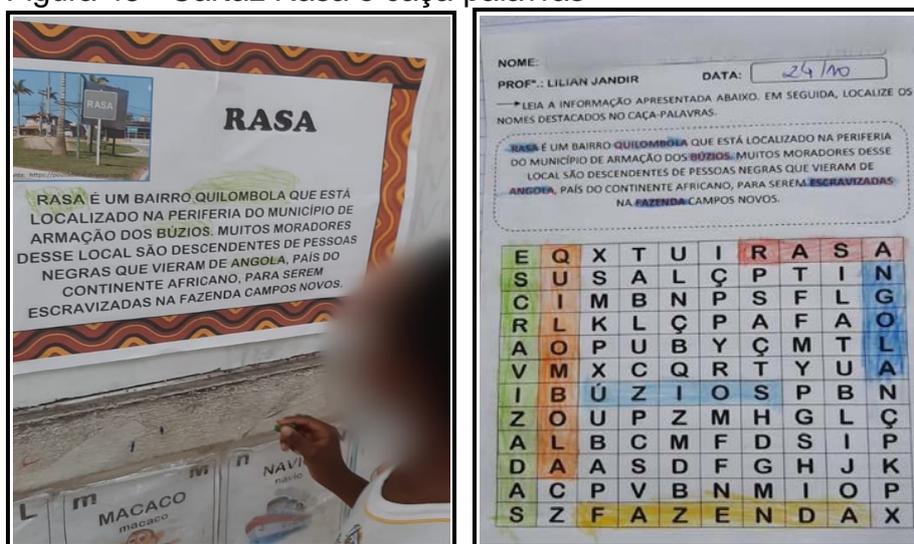
Existem variadas relações que a imagem estabelece com o texto escrito. Isso porque esta nos permite a atribuição de muitos significados e interpretações. Daí a necessidade de uma explicação por meio de um texto verbal. Dentre as possíveis relações que ocorrem, se destacam aqui: as sintáticas, que se referem a posição, ou seja, a combinação entre imagem e texto no plano gráfico; as semânticas, que dizem respeito à troca de significados entre ambos e, por fim, as pragmáticas, que tratam dos efeitos que tanto as imagens quanto os textos podem despertar no receptor.

Nas atividades desenvolvidas com as crianças em aula, as propostas foram elaboradas de modo que as imagens e os elementos escritos vinham sempre no mesmo espaço, a fim de explicá-las. Esse critério foi muito utilizado para auxiliar os alunos que se encontravam bem no início do processo de alfabetização e não conseguiam, ainda, ler e escrever com autonomia. Conversávamos, durante as tarefas desenvolvidas, para que os discentes apresentassem suas opiniões e seus entendimentos a respeito das figuras e imagens que lhes eram apresentadas. Além

disso, foi possível ouvir, no decorrer dos nossos diálogos, as opiniões que manifestavam diante das imagens de alguns dos monumentos históricos do bairro quando mencionavam para os colegas que já os conheciam ou que passavam por perto para chegar à nossa escola, o que demonstra um sentimento de proximidade com esses elementos.

Um pequeno texto com informações sobre o bairro da Rasa foi apresentado no cartaz. Eu e os alunos realizamos sua leitura e algumas palavras importantes, como “Rasa,” “Quilombolas”, “Búzios”, “Angola”, “Escravidadas” e “Fazenda” foram ditadas para localização e pintura pelas crianças. Um caça-palavras, contendo esses mesmos dados, bem como as palavras anteriormente selecionadas, foi enviado para ser resolvido em casa.

Figura 48 - Cartaz Rasa e caça-palavras



(a) (b) - Texto e caça-palavras sobre o bairro Rasa.  
 Fonte: O autor, 2022.

Depois da leitura e da análise do texto, os alunos receberam uma ficha com as letras necessárias para compor o nome do bairro Rasa. Estas deveriam ser recortadas, entretanto, a primeira letra utilizada para formar essa palavra, R, deveria ser pintada. Em seguida, precisariam realizar uma ilustração que representasse o bairro onde está situada nossa escola.

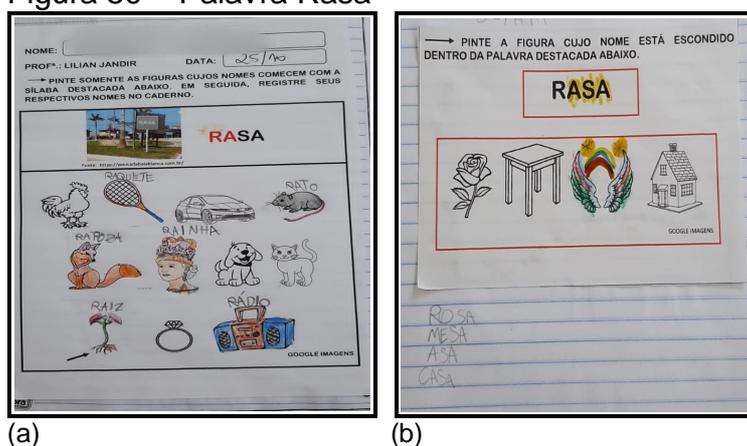
Figura 49 - Ilustração



Fonte: O autor, 2022.

O nome Rasa foi utilizado para refletirmos sobre o sistema de escrita alfabética. Primeiramente, as crianças identificaram, dentre as figuras apresentadas, aquelas cujos nomes iniciavam com a mesma sílaba. Após a pintura dessas imagens, fizeram o registro dessas palavras no caderno. Essa análise constou como atividade de casa. Dessa forma, os alunos realizaram-na com o apoio de algum membro da família. Mais uma proposta de análise consistiu no desenvolvimento da habilidade de perceber que palavras podem aparecer dentro de outras palavras. Sendo assim, a partir do nome Rasa, os meninos e meninas foram encorajados a descobrir qual figura tinha seu nome escrito no interior desse termo. Na sequência, os desenhos tiveram seus nomes escritos no caderno. As figuras 50 (a) e (b) ilustram as atividades feitas pelos alunos.

Figura 50 – Palavra Rasa

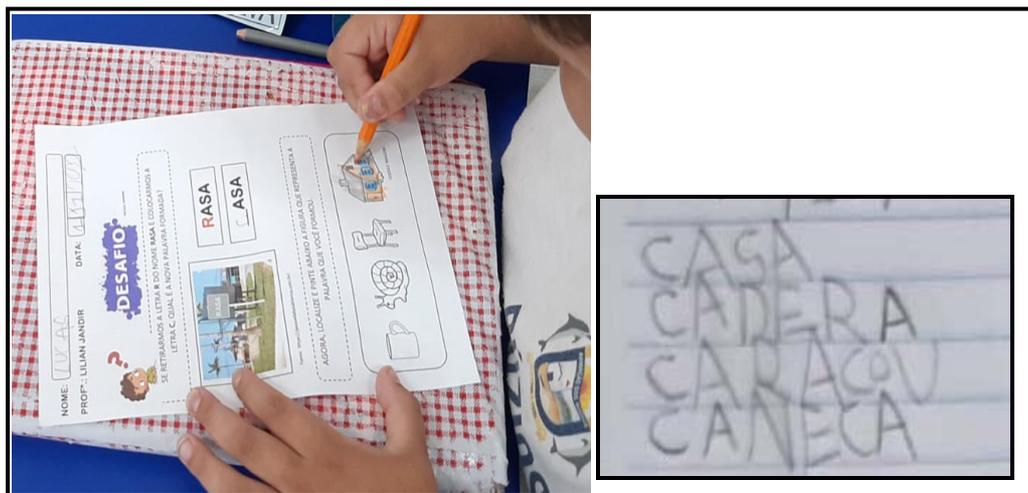


Legenda: (a) e (b) – Análise da sílaba inicial e percepção de palavra a partir do nome Rasa.

Fonte: O autor, 2022.

Foi apresentado aos alunos um desafio, no qual precisariam descobrir uma nova palavra a partir da troca da primeira letra do nome Rasa pela letra C. Em seguida, a imagem que a representa deveria ser localizada, levando em consideração o banco com figuras oferecido na proposta. Todas as imagens tiveram seus nomes escritos no caderno. Abaixo, os registros realizados por uma criança que os realizou da seguinte forma: CASA, CADERA, CARACOU e CANECA, representando os nomes das figuras utilizadas na atividade. Analisando as hipóteses do alfabetizando, observamos a correspondência biunívoca, na qual cada letra com seu som, cada som com sua letra. Na opção da escrita de CADERA em vez de CADEIRA, percebemos o apagamento da vogal “i”, padrão na oralidade. No registro de CARACOU para CARACOL, notamos que aqui ocorre a semivocalização, em que a consoante “l” se torna uma semivogal “u”. Todas essas construções do aluno demonstram suas reflexões diante daquilo que ele pretende escrever, à medida que percebe os sons e busca estratégias para representá-los, mesmo que ainda lhe falte a aprendizagem das restrições que a posição na palavra impõe à distribuição das letras e dos sons.

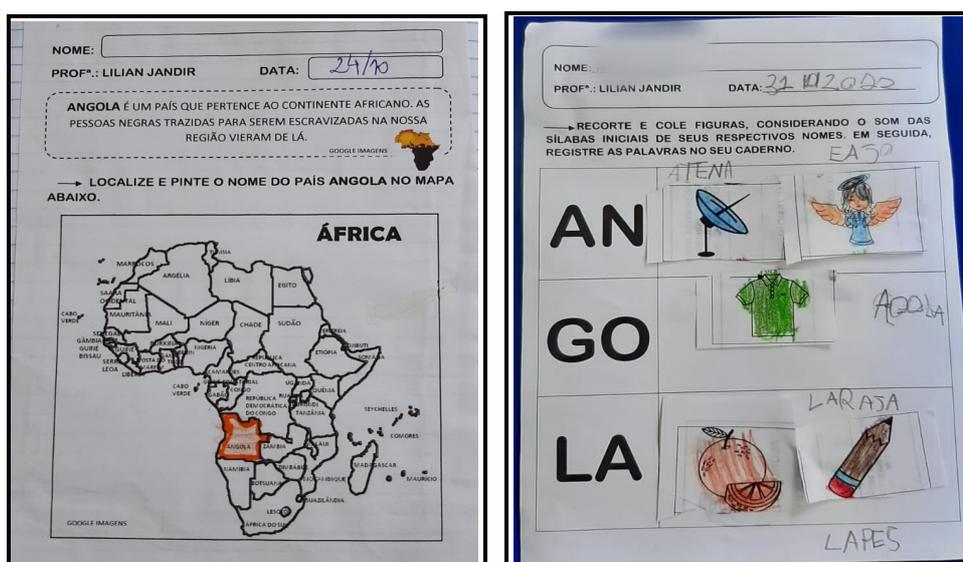
Figura 51 – Análise de palavra e escrita



Fonte: O autor, 2022.

Utilizamos, também, o nome do país Angola, local de onde foram sequestradas milhares de pessoas para serem escravizadas na nossa região. Em um primeiro momento, foi considerado o mapa do continente africano para que as crianças identificassem onde se encontra esse país. Na sequência, as sílabas desse nome foram usadas para que os alunos percebessem seus sons. Para tanto, pintaram, recortaram e colaram figuras, cujos nomes comesçassem com as partes destacadas.

Figura 52 – Palavra Angola



(a)

(b)

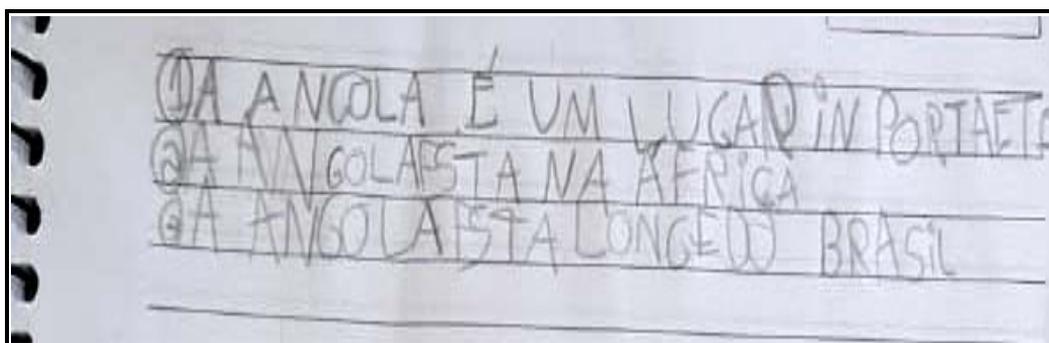
Legenda: (a) e (b) – Mapa do continente africano e análise das sílabas da palavra Angola.

Fonte: O autor, 2022.

Percebemos, na figura (b), que a criança colou as imagens corretamente, relacionando os sons de suas sílabas iniciais às partes da palavra Angola, apresentadas na folha. No entanto, no momento de realização da escrita dos nomes dos desenhos iniciados por AN e GO, não se atentou ao fato dessas primeiras sílabas, necessárias para a escrita das palavras, já aparecerem impressas no material. Dessa forma, seguem os nomes das figuras com as respectivas escritas realizadas pela aluna: ANTENA – ATENA; ANJO – EAJO; GOLA – AGOLA; LARANJA – LARAJA E LÁPIS – LAPES. No caso da escrita do AN, na qual ocorre a nasalidade da vogal precedente, a aluna criou suas próprias estratégias para dar conta do desafio. No que se refere à escrita de LAPES para LÁPIS, destacamos a hipercorreção promovida por ela ao utilizar a letra E ao invés do I.

Foi pedido às crianças que escrevessem frases, utilizando a palavra Angola. Consideraram, para tanto, as discussões que realizamos em sala de aula.

Figura 53 – Escrita de frases



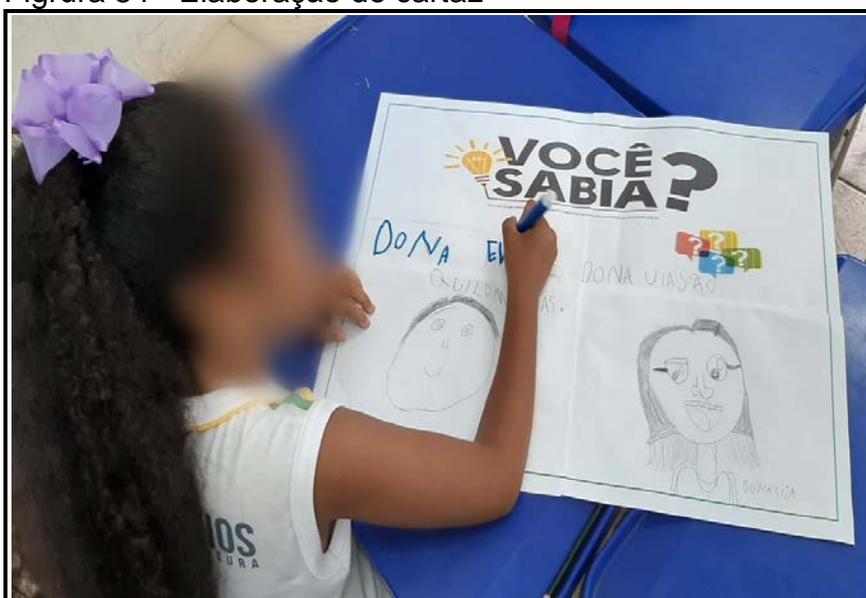
Fonte: O autor, 2022.

De acordo com os registros produzidos sem qualquer intervenção, é possível observar que o aluno escreveu as seguintes frases: “A Angola é um lugar importante”, “A Angola está na África” e, por fim, “A Angola está longe do Brasil.” Notamos nessas construções quão significativos foram os conhecimentos adquiridos por essa criança no final da proposta que lhe foi apresentada. As aprendizagens consolidadas vão muito além da leitura e da escrita: a noção de que a África não é um país, e sim um território maior onde está situado Angola; percepção da distância que separa o Brasil de Angola.

Durante nosso projeto, também realizamos uma atividade em grupo. Após conversarmos e relembrarmos a história quilombola da Rasa, discutida ao longo do ano, foram entregues às crianças, que haviam sido divididas em equipes de 4 ou 5,

cartazes elaborados com a mensagem “Você sabia?”, para que desenhassem e escrevessem o que tínhamos aprendido sobre a comunidade e, sobretudo, a respeito das personalidades quilombolas consideradas nas nossas aulas. Combinei com os alunos que, quando finalizássemos os trabalhos, estes seriam expostos na parede do corredor para que os outros colegas tivessem acesso às informações. As crianças foram as protagonistas nessa proposta de trabalho. As intervenções realizadas aconteceram, apenas, para dar conta das questões ortográficas da escrita.

Figura 54 - Elaboração de cartaz



Fonte: O autor, 2022.

Figura 55 - Exposição de cartazes



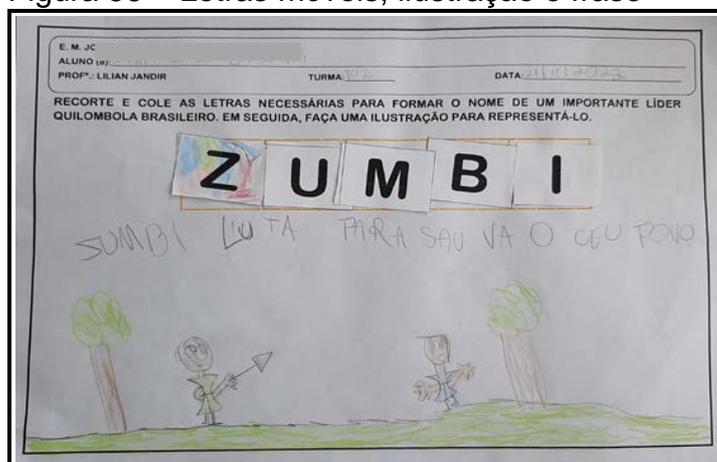
Fonte: O autor, 2022.

## 7.1 Sequência didática a partir do livro “Zumbi, o pequeno guerreiro”, de Kayodê

Na semana da Consciência Negra, levei para a sala de aula a história de Zumbi dos Palmares sob a perspectiva de Kayodê. A fim de explicar aos alunos a origem do dia 20 de novembro, utilizei a visão desse autor, que apresenta Zumbi e Dandara ainda crianças, vivendo livres em um quilombo, local onde todas as pessoas interagiam em harmonia. Quando esse espaço é invadido e atacado por homens brancos, ele decide lutar para defender e proteger seu povo. A partir desse livro, relatei à turma que Zumbi foi o líder do quilombo dos Palmares, situado em Alagoas. Apontei que essa data foi instituída para lembrarmos das lutas e do sofrimento da população negra e, sobretudo, de toda a sua contribuição para a cultura brasileira.

Após a conversa sobre elementos históricos, passamos às atividades para a reflexão sobre o sistema de escrita alfabética, utilizando palavras e trechos exibidos no livro. Entre as propostas apresentadas aos alunos, destacam-se recorte e colagem de letras para formar o nome Zumbi e, na sequência, ilustrações para representá-lo; associação grafema/fonema, pintando figuras cujos nomes começassem com as letras que compõem a palavra Zumbi; escrita de palavras; leitura e interpretação de um trecho da história; caça-palavras; associação grafema/fonema, partindo das letras iniciais de Zumbi e Dandara; rimas, utilizando a terminação –EIRO, do termo Guerreiro; escrita de frases.

Figura 56 – Letras móveis, ilustração e frase



Fonte: O autor, 2022.

Na figura acima, como exemplo, uma das atividades que integraram a sequência didática. Após entregar às crianças as letras do nome Zumbi, embaralhadas, elas tiveram de localizar e pintar a letra inicial. Em seguida, recortá-las e colá-las nos espaços indicados. Elas também foram orientadas a fazer ilustrações e, aquelas que já tinham avançado na compreensão da escrita, precisaram registrar uma frase. No exemplo destacado, a aluna escreveu “Zumbi luta para salvar seu povo.” Ficam evidentes seus progressos na escrita alfabética e a noção que já apresenta do espaçamento que deve existir entre as palavras. No registro do termo “SALVAR”, no entanto, ela escreve “SAU VA”, realizando uma separação que não deveria ocorrer. Trata-se, portanto, da hipersegmentação dessa palavra. Além disso, utiliza “U” ao invés da letra “L”, marcando a semivocalização dessa consoante, e não sinaliza o “R” final, como influência da oralidade na escrita. Observamos, por fim, o uso do “C” no lugar do “S” na palavra “SEU”.

## **7.2 Aula-passeio: visita à Fazenda Campos Novos e à Praça Quilombola**

No município de Armação dos Búzios, para a realização de passeios, é necessário enviar à Secretaria de Educação, com antecedência, um projeto que justifique a liberação de um meio de transporte. Dessa forma, redigi um breve documento, constando as principais informações a respeito da história quilombola do bairro da Rasa, contemplada nas nossas aulas durante todo o ano letivo. Nesse material, apontei a necessidade de um guia para acompanhar-nos à Fazenda Campos Novos e à Praça Quilombola.

As excursões aconteceram apenas no dia treze de dezembro, última semana do ano letivo de 2022. A data inicial prevista era dia seis, mas alguns fatores impossibilitaram nossa saída da escola. Destacam-se aqui as fortes chuvas que atingiram a cidade, sendo necessário o cancelamento das aulas e, além disso, nos dias e horários da participação da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo, a escola não funcionou; portanto, não tivemos aula. Tudo isso atrasou a entrega dos bilhetes aos alunos.

Uma semana antes da nossa aula-passeio, fui à turma 102 para informar às crianças que visitaríamos a Fazenda Campos Novos e a Praça Quilombola. Nesse

mesmo instante, fiz a leitura e expliquei-lhes o pedido de autorização que seria levado para casa e que deveria ser devolvido com a assinatura dos seus respectivos responsáveis. Elas demonstraram alegria e satisfação com a notícia. À turma 104, por conta dos contratempos mencionados anteriormente, o informe somente pode ser entregue um dia antes do passeio.

No bilhete enviado que, além de dar um aviso, solicitava uma permissão para retirar os alunos da escola, fiz questão de destacar aos responsáveis a importância de todos eles participarem da nossa aula ao ar livre, considerando que iríamos a locais que já tínhamos conversado e explorado durante os nossos encontros. Apenas na devolução dos pedidos assinados, percebi que eu não havia sinalizado um espaço para a escrita dos nomes dos estudantes, mas esse episódio não se tornou um empecilho para a realização do nosso evento. Eu os escrevi no canto superior direito para auxiliar-me a organizar os nomes dos participantes.

Figura 57 – Pedido de autorização

E. M. João José de Carvalho  
Armação dos Búzios, \_\_\_\_ de dezembro de 2022.

## AULA-PASSEIO




Fonte: <https://www.testimonio.org.br/pt-br/sitio-de-antiga-fazenda-de-santo-inacio-de-campos-novos/> <https://caelusaperiencias.com.br/circuito-munque-de-pedras/>

Sr. Responsável,

No decorrer deste ano, desenvolvemos um projeto voltado para a valorização das memórias quilombolas da Rasa e do reconhecimento de algumas personalidades do bairro. Chegou o momento de encerrarmos nossas atividades com uma aula-passeio, que será realizada no **dia 13 de dezembro, terça-feira, no horário da aula**. Visitaremos a Fazenda Campos Novos, em Tamoios, e a Praça Quilombola da Rasa, espaços que carregam importantes elementos da história quilombola local que discutimos na escola. **A presença da sua criança é fundamental para que possamos concluir nossos trabalhos com chave de ouro.**

Atenciosamente,  
Prof.ª: Lilian Jandir

( ) **SIM autorizo**      ( ) **NÃO autorizo**

\_\_\_\_\_  
Responsável

Fonte: O autor, 2022.

No dia da tão esperada aula-passeio, o tempo estava instável. No período da tarde, choveu um pouco. Foi-nos disponibilizada uma van para o nosso transporte. Além disso, um motorista, um guia e um inspetor de alunos participaram da excursão. No turno da manhã, 16 crianças compareceram à aula e, à tarde, somente 12. Importante destacar que, na turma 104, 3 crianças não puderam sair da escola porque não levaram as autorizações assinadas.

Quando chegamos à Fazenda Campos Novos, o professor B., nosso guia, contou aos alunos importantes fatores históricos que os ajudaram a entender os acontecimentos vivenciados naquelas terras no passado. Ele declarou que a fazenda foi erguida na parte mais alta do terreno, por ser um local estratégico, e as paredes foram construídas bem grossas para proteção dos ataques contra o roubo do pau-brasil. Relatou, ainda, que esse imóvel possui 332 anos e que grupos indígenas, Tamoios e Tupinambás, trabalharam ali. As crianças puderam entrar na igreja de Santo Inácio de Loyola e, também, em alguns cômodos da casa. Manusearam uma corrente bem grossa, que ainda é mantida no espaço; tiveram acesso ao cemitério, que se encontra na lateral direita da propriedade. Ele relatou o período de escravização vivenciado pelas pessoas negras que trabalharam no cultivo de café e bananas, na produção de carne seca e na retirada de leite. Nosso guia também destacou a existência de escombros que apontam o exato espaço onde se encontravam erguidas 28 senzalas.

Com o grupo de alunos da manhã, além de visitarmos a Praça Quilombola, onde se encontra o Busto de Deusa Africana, conseguimos ir à Praia da Gorda, local que dá acesso ao Mangue de Pedras. Com os alunos da tarde, por outro lado, não descemos da van quando chegamos a esse local.

As crianças ficaram empolgadas com esse encontro ocorrido fora da escola. Demonstraram atenção e curiosidade às informações trazidas pelo guia. Os alunos da tarde mostraram-se mais agitados, sendo necessário, portanto, chamar a atenção, principalmente, de três alunos que também não se comportavam bem durante as aulas dentro da sala.

No retorno à escola, apresentei aos alunos uma atividade de ilustração e escrita, considerando os espaços que tínhamos acabado de visitar. Nosso passeio foi a última atividade relacionada à cultura quilombola do bairro da Rasa que realizamos no ano de 2022.

Figura 58 – Visita à Fazenda Campos Novos



Fonte: O autor, 2022.

Figura 59 – Visita à Praça Quilombola



Fonte: O autor, 2022.

### 7.3 O Caderno Pedagógico: um produto gerado na prática

Quando apenas apontamos o problema, quando expressamos nossa queixa sem foco construtivo na resolução, afastamos a esperança. Dessa maneira, a crítica pode se tornar só uma expressão de profundo cinismo que acaba servindo de apoio para a cultura dominante (hooks, 2021, p. 25).

Este Caderno Pedagógico não tem a pretensão de impor como a temática quilombola deve ser conduzida nos espaços escolares, dentro de classes de alfabetização. Esse projeto tampouco deve ser visto como uma cartilha, a ser seguida do início ao fim, sem contextualização e, o mais importante, sem levar em consideração os sujeitos envolvidos. Pelo contrário, aqui são trazidas algumas sugestões sobre como utilizar a história da comunidade, recuperando o reconhecimento do território e, ao mesmo tempo, contemplando em sala de aula questões para a reflexão sobre a escrita e a leitura que precisam ter presença constante nas turmas de alfabetização. Sua intenção é demonstrar que é possível incorporar, no espaço de ensino-aprendizagem, a realidade na qual os alunos se encontram, associando-a às competências e habilidades indispensáveis aos planejamentos de ensino. A intenção é que as ideias apresentadas aqui sirvam como estímulo e possam auxiliar outros profissionais da educação engajados em desenvolver propostas significativas, que privilegiam a reflexão de fatos sociais relacionados à valorização da raça, da cultura e da história negra no contexto escolar.

Seguindo esses princípios, esse material foi pensado e elaborado para atender as crianças de duas turmas do 1º ano de escolaridade, estudantes da Escola Municipal João José de Carvalho, situada no bairro Rasa, território reconhecidamente quilombola em Armação dos Búzios (RJ). Sua gestação ocorreu em meio à necessidade, a partir da urgência de levar para a sala de aula a história e a cultura da comunidade local que, até então, eram tratadas de maneira superficial dentro desse ambiente escolar. Isso porque o assunto comumente abordado no período da Consciência Negra, sem a devida contextualização e embasamento histórico, não permitia aos alunos pensar significativamente sobre ele. Entre as justificativas para sua ausência no cotidiano escolar, figurava a falta de materiais para desenvolver tal temática.

A inexistência de elementos que pudessem auxiliar na discussão da história quilombola do bairro durante as aulas, assim como de propostas de atividades para serem realizadas com as crianças eram uma realidade. A questão que impulsionou a pesquisa aqui apresentada foi desencadeada por essas ausências. Assim, parti da necessidade de gerar mudança em minha própria prática pedagógica e, de tal movimento, nasceu este material, um produto didático que pode ser utilizado tanto

por mim quanto por outros profissionais que atuam na mesma instituição, almejando, ainda, inspirar a criação de outros materiais pedagógicos.

Na elaboração do Caderno, parti do pressuposto de que influências e opiniões acerca das questões raciais que recebemos quando crianças, com base nas análises de hooks (2021), são determinantes na construção de um posicionamento no futuro. Dessa forma, torna-se imprescindível a existência de um trabalho voltado para a valorização da raça negra já no período da infância. Nesse sentido, nós, professores e professoras, precisamos incluir em nossos planejamentos projetos que fujam a um padrão colonial hegemônico branco, que apenas fazem perpetuar a superioridade e a dominação de uns sobre outros, reforçando, assim, o racismo. A proposta aqui apresentada tem como intuito desenvolver atividades antirracistas, voltadas para o enaltecimento da história, da cultura negra e quilombola da Rasa, contextualizando-as com os processos de alfabetização e de letramentos infantis. Sua intenção é demonstrar que as crianças podem consolidar a aprendizagem da leitura e da escrita, partindo de elementos que tenham, além de significado, um engajamento social. É utilizada, para tanto, uma proposta que leva em consideração elementos da realidade, que fazem parte do local onde está situada nossa escola e que, além disso, trazem como personagens principais indivíduos negros, pertencentes ao território analisado. Privilegia-se a representatividade, que consiste em evidenciar socialmente grupos minoritários, apresentando-os em posição de destaque, legitimando suas histórias que foram, durante tantos anos, silenciadas. Sendo assim, por meio do resgate das memórias locais e, sobretudo, do reconhecimento das três personalidades negras e quilombolas escolhidas por sua relevância no contexto local, Dona Eva, Dona Uia e João Guelo são escolhidos como protagonistas deste Caderno. Partindo desse princípio, conhecimentos sobre a cultura do lugar foram levados para o ambiente escolar e tornaram-se referências situadas no processo ensino-aprendizagem voltado, especificamente, para a reflexão sobre o sistema de escrita alfabética. Assim, busquei colocar em prática a seguinte concepção: “quando tomamos a teoria, as explicações, e as aplicamos concretamente à vida cotidiana, às experiências, ampliamos e aprofundamos a prática da transformação antirracista” (hooks, 2021, p.78 e 79).

Neste Caderno, intitulado “A descoberta da escrita na trilha da História quilombola da Rasa”, o termo “Letramentos” é utilizado no plural por basear-se no conceito elaborado por Brian Street (2014). Esse autor aponta a existência de dois

modelos de letramento, sendo um autônomo e o outro ideológico. O primeiro refere-se àquele muito difundido nos ambientes escolares, no qual os estudantes aprendem a ler e a escrever com foco na interpretação e produção de textos advindos da cultura hegemônica, atendendo às demandas escolares. Por outro lado, o segundo, que é aqui utilizado, pauta-se na compreensão de eventos sociais, de modo a entender os usos e sentidos da escrita nos contextos nos quais os indivíduos se encontram inseridos. Dessa forma, ao partir da análise crítica das memórias quilombolas do bairro Rasa, bem como dos moradores locais, discutidas com as crianças, o Caderno aborda conhecimentos vivenciados por elas, para além do cenário escolar. São aprendizagens sobre a história e sobre a cultura da comunidade que serão levadas para suas vidas.

O plano de alfabetização apresentado, no que concerne à proposição das questões voltadas à reflexão sobre o sistema de escrita alfabética, fundamenta-se nas concepções de Soares (2020) e Morais (2012). De acordo com Soares (2020), a alfabetização consiste na aprendizagem de uma tecnologia e nos mecanismos que são utilizados para a consolidação da escrita e da leitura com propriedade. Essa autora defende, sobretudo, que essa técnica precisa ser ensinada com base em um contexto. Sendo assim, indica a necessidade da utilização de textos como ponto de partida para a elaboração dos planejamentos didáticos. Segundo Morais (2012), a regulamentação e as propriedades da nossa língua devem ser ensinadas às crianças, já que elas não as aprendem sozinhas. Portanto, cabe ao educador ou à educadora oportunizar momentos que favoreçam esse entendimento. A consciência fonológica, conforme afirma esse pesquisador, figura como uma importante aliada para esse fim, pois permite que os alunos pensem sobre o funcionamento da escrita, ao mesmo tempo em que observam os fonemas, as sílabas, as aliterações e as rimas.

Para a composição e organização deste trabalho, foi utilizado o Canva, ferramenta de *design* gráfico. As figuras que o constituem, em sua maioria, estão abrigadas no *Google* Imagens. Optei pela aplicação de cores bem vivas para atrair a atenção das crianças. As bordas exibidas, em algumas das páginas, fazem referência às temáticas africanas e os personagens que ilustram o material são predominantemente negros, a fim de garantir representatividade. A intenção ao utilizar uma grande quantidade de referências pretas é exaltar os traços

característicos da raça negra e auxiliar as crianças no processo de valorização das suas próprias identidades.

O Caderno foi organizado em sete seções, cada uma delas considera uma temática. Tal disposição teve como propósito abordar a história quilombola da Rasa a partir de diferentes perspectivas, tornando-as pontos-chave para nossas discussões no decorrer das aulas. Ressalto, no entanto, que a ordem dessas informações, bem como as atividades que as integram, nem sempre foram realizadas com os alunos na sequência que aparecem descritas. Isso porque a experiência adquirida na execução das propostas junto aos alunos mostrou-me que esse produto poderia ser melhor aprimorado, a fim de favorecer o entendimento daqueles que, no futuro, tivessem interesse em utilizá-lo.

Nas estruturas das seções, são expostas breves explicações para leitura, que vêm acompanhadas de imagens contextualizadas. As letras utilizadas estão predominantemente na forma bastão, já que esse formato de escrita apresenta traços mais retos e definidos, permitindo, assim, um melhor reconhecimento por aqueles que se encontram no início do processo de alfabetização. Este material traz estratégias diversificadas para os registros das respostas dos alunos, que podem ser realizados em suas páginas: recorte e colagem de letras e figuras; pintura de letras e figuras; escrita de palavras e frases; ilustração; caça-palavras; quebra-cabeças; leitura e interpretação textual. Ao final dos blocos, são sugeridas atividades para auxiliar as crianças a pensarem sobre a língua. No subitem intitulado “Refletindo sobre a escrita”, os educandos são estimulados a aprender a escrever por meio de análise e observação das unidades sonoras dos termos. Os sons de letras, sílabas e terminações de palavras, assim como suas representações escritas, são contemplados, sendo esses elementos incorporados a situações reais de usos da língua. Defendo, portanto, que não há necessidade de memorização ou de cópias de modelos pré-estabelecidos.

Na primeira parte, a fim de situar as crianças na temática quilombola, apresento um curto relato sobre a chegada dos portugueses ao Brasil, o primeiro contato que tiveram com os grupos indígenas e, posteriormente, informações sobre o tráfico de pessoas trazidas do continente africano. O significado do termo quilombo, que é atribuído ao bairro Rasa, também aparece descrito. Para auxiliar na compreensão dessas mensagens, foram utilizadas figuras que ajudassem a compor esses acontecimentos históricos, como o mapa-múndi e o mapa da África, que

podem ser explorados nos momentos de leitura e explicação; há também imagens da Fazenda Campos Novos e da Ponta do Pai Vitório, locais que são símbolos da escravidão no território. A fim de promover a aprendizagem da escrita, a palavra “quilombola” foi utilizada para que as crianças pensassem e descobrissem um outro nome que se encontra dentro dela.

Os alimentos de origem quilombola são apresentados na seção seguinte. São destacados alguns exemplos de legumes, frutas e verduras, que faziam parte da dieta desse grupo, sendo, portanto, cultivados em suas plantações. Apontam-se também alguns animais que eram caçados, criados ou pescados no mar. Esses nomes foram utilizados em propostas que permitissem aos alunos pensarem sobre o som inicial das letras, além de escreverem palavras. A orientação da escrita, determinando o início e o fim dos registros de alguns termos, aparece na atividade, para que estes sejam localizados em um caça-palavras. Nessa unidade, os alunos devem utilizar, também, o recorte e a colagem de letras nas respostas às questões.

Na parte reservada às personalidades quilombolas, são evidenciados três importantes membros da comunidade, com um relato sucinto de suas respectivas histórias: Dona Eva, mulher mais antiga do bairro; João Guelo, patrono da nossa escola, e Dona Uia, antiga liderança do território, que faleceu em 2020. É importante frisar que somente três pessoas foram selecionadas para este trabalho, mas há inúmeras outras, dentro do quilombo, que precisam ter suas histórias contadas e, mais do que isso, ser conhecidas pelos alunos e pela equipe escolar. Com o intuito de refletir sobre a escrita, esses nomes próprios foram utilizados em tarefas como trocar uma letra por outra, a fim de descobrir uma nova palavra; quebra-cabeças para recortar e recompor nomes, levando em consideração as imagens dessas pessoas; associação da letra inicial do nome de cada uma delas a algumas figuras, com posterior escrita das palavras. Propus, ainda, a percepção da sílaba inicial do termo “João” e a compreensão da rima por meio das palavras “Guelo” e “quilombola”.

O tema Família também faz parte do material pedagógico. Integrantes dos “Oliveira”, tradicional grupo quilombola da Rasa, foram inseridos para a abordagem do grau de parentesco de um dos alunos com Dona Eva e Dona Uia, pessoas destacadas nos nossos encontros.

O bairro Rasa com informações sobre sua formação, bem como as imagens das memórias quilombolas que o constituem, integra a quinta parte deste Caderno.

Aqui, os alunos terão a oportunidade de escreverem frases e compreenderem o conceito do gênero textual legenda. Consta, também, um caça-palavras para percepção da orientação da escrita. Por meio da análise do termo “Rasa”, são propostas atividades de troca-letras para descoberta de uma nova palavra; reflexão sobre a sílaba inicial “Ra”, observando-a em outros contextos; recorte e colagem de letras móveis para compor essa palavra e ilustração.

Na sexta seção, apresento o mapa do continente africano para a localização do país Angola, território de onde veio, predominantemente, grande parte dos negros que foram escravizados nas regiões da Rasa e proximidades. Na proposta para a análise da escrita, figuras precisam ser recortadas e coladas, considerando-se o som das sílabas que constituem o nome “Angola”. Em seguida, consta a realização da escrita das palavras.

A sétima e última parte traz uma sequência didática sobre Zumbi dos Palmares. Para isso, há uma curta explicação a respeito do Dia da Consciência Negra e, em seguida, atividades contextualizadas com a história do livro “Zumbi, o pequeno guerreiro”, de Kayodê (2009). As questões para reflexão sobre a escrita apresentam recorte e colagem de letras para a formação do termo “Zumbi”; associação grafema-fonema, identificando figuras cujos nomes comecem com cada uma das letras que o constituem, as quais aparecem em destaque; leitura e interpretação de um trecho da história; leitura e caça-palavras para a localização de alguns termos; associação grafema-fonema com base nas letras iniciais das palavras “quilombo”, “Zumbi” e “Dandara”, com posterior registro de palavras; compreensão da rima a partir da terminação do nome “guerreiro”.

Embora este material tenha sido estruturado para ser realizado pelas crianças, as orientações para sua utilização são destinadas diretamente aos educadores e às educadoras que desejarem incluí-lo em seus planejamentos. O vocabulário usado na proposição das questões, que segue os padrões da língua formal escrita pode, de certa forma, impossibilitar o entendimento dos comandos pelas crianças. É preciso o cuidado de explicar o que realmente precisa ser feito, dando o direcionamento na execução das tarefas apresentadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa surgiu com o intuito de unir meu interesse particular pela área da alfabetização à necessidade de realização de propostas que valorizassem a cultura quilombola da comunidade da Rasa, local onde moro e está situada a escola na qual trabalho, há 10 anos. Minha intenção era ensinar crianças a aprenderem a ler e a escrever, ao mesmo tempo em que elas fossem apresentadas à história do bairro, conhecendo fatos que ocorreram nesse território e, também, a vida e as experiências de algumas pessoas mais velhas.

Temos, há exatos 20 anos, a lei 10.639/03, uma importante conquista dos Movimentos Negros brasileiros para garantir que as culturas africanas e afro-brasileiras sejam contempladas dentro das instituições escolares, de modo a evidenciar todas as contribuições dessa expressiva camada da população. No entanto, muitos são os desafios que ainda se impõem à implementação dessa legislação e de programas que consigam potencializar os procedimentos utilizados para um ensino que preze pelo reconhecimento das raízes, das histórias e das memórias da população negra. Não basta termos a lei. As normas e as regras estabelecidas precisam sair do papel para tornarem-se realidade na vida prática, a fim de garantir, dentro das salas de aula, as aprendizagens às quais nossas crianças negras, quilombolas e moradoras de áreas periféricas têm direito. É uma questão de reparação histórica “de majorias minoritizadas”, que serve como um instrumento potente na efetivação de propostas antirracistas dentro das salas de aula, assim afirma Pinheiro (2023, p.135). Nós, educadores e educadoras, somos responsáveis por auxiliar nossos alunos e alunas e, também, os outros profissionais que atuam na unidade escolar, a desenvolverem essa consciência. Coube a mim, enquanto professora de meninos e meninas que se encaixam nesses grupos, desenvolver e executar planejamentos que dessem conta de apresentar e de refletir sobre a realidade de uma pequena parcela das crianças da Rasa, contribuindo para a efetivação de uma aprendizagem carregada de significados.

As entrevistas e as rodas de conversa, realizadas com os funcionários da instituição, mostraram que, grande parte dos profissionais ainda não conhece a história da comunidade da Rasa a ponto de conseguir discuti-la com seus alunos e inseri-la nas propostas a serem desenvolvidas no contexto de sala de aula. Alguns

deles até denunciaram a omissão da própria escola nesse sentido, apontado a falta de apoio e de materiais que os auxiliassem a dar conta desse trabalho. Isso nos mostra como nossos currículos ainda são falhos, no que diz respeito à inserção dos elementos culturais negro-brasileiros, bem como do estudo das contribuições das pessoas pretas no campo do conhecimento, tendo em vista que informações que seguem nessa linha ainda não são legitimadas enquanto ciência, principalmente, quando falamos de materiais voltados para um público infantil. Dessa forma, podemos perceber como os documentos norteadores dos planejamentos e das propostas pedagógicas continuam a privilegiar um currículo pautado nos moldes coloniais, que evidencia como verdadeiro e potente somente o que é produzido por uma cultura eurocentrada, desconsiderando, por completo, os saberes da população negra e, no caso específico da escola João Guelo, de uma comunidade quilombola.

Essa reflexão faz-me lembrar do meu tempo de escola quando, na minha infância e adolescência, estava do outro lado dentro do campo educacional: eu era a aluna e não a professora, como agora. Recordo-me que eu gostava muito de frequentar a biblioteca para pegar livros emprestados ou lê-los nesse espaço mesmo. Entre as histórias de grande interesse, figuravam os contos clássicos e os contos de fadas; gostava das princesas e, também, dos elementos fantásticos que apareciam nos textos. Em sua grande maioria, esses eram os gêneros mais oferecidos, não havendo histórias com personagens pretos sendo enaltecidos. Por mais que eu tente, não consigo me lembrar de ter encontrado algum livro assim. Quando ocorria de pessoas pretas aparecerem, estampavam as páginas dos conteúdos históricos para retratar a escravidão. Na minha época, não havia protagonismo negro dentro das salas de aula.

Em relação aos docentes que tive, nenhum deles problematizou a questão da escravização de pessoas negras. Ninguém! O próprio termo “quilombo”, nas pouquíssimas vezes que o escutei na escola, foi para fazer referência a um espaço de fuga, liderado por Zumbi dos Palmares. Eu cresci ouvindo e acreditando que indivíduos negros eram escravos, e não que foram escravizados. Fui orientada a crer que essa era a condição à qual nossa população estava destinada. Hoje, faço a mim mesma inúmeras perguntas: Por que, já naquela época, não me contaram que os diversos indivíduos pretos foram sequestrados dos seus países de origem, sendo obrigados a trabalhar em terras desconhecidas e não aceitaram tal condição de maneira passiva, lutando incansavelmente pela liberdade? Por que não me

contaram que nós, negros e negras, somos descendentes de reis e rainhas, de príncipes e princesas, que administravam grandes impérios, destruídos pela ganância do colonizador branco, que se preocupava somente com poder e riquezas? Por que não me revelaram os nomes de grandes cientistas, filósofos e outros intelectuais negros que tanto contribuíram para o campo do conhecimento? Por que apenas reproduziram o que estava escrito nos livros didáticos, reforçando uma ótica colonial, que sempre priorizou o poder de brancos sobre negros? Apesar de eu não obter respostas para nenhum desses questionamentos, tenho esforçado-me para oferecer aos meus alunos e alunas, já na infância, materiais que enalteçam e que valorizem a figura de pessoas pretas. A biblioteca da nossa escola não possui diversidade de exemplares para ajudar o corpo docente nos planejamentos e nas discussões das lutas antirracistas nas salas de aula. Por conta disso, eu mesma tenho investido em livros e na elaboração do meu próprio material de trabalho para me auxiliar a aprimorar minha prática pedagógica nesse sentido.

A partir da realização do projeto sobre a cultura quilombola desse bairro, relacionando-a às atividades de alfabetização com meus alunos, pude perceber e confirmar que essa proposta é possível. Elementos que fazem parte da realidade na qual as crianças estão inseridas podem ser utilizados para gerar reflexão dentro da escola. Teoria e prática podem, sim, caminhar juntas para que planejamentos eficientes, que contemplem elementos reais e tão próximos do cotidiano das crianças, sejam realizados dentro do ambiente escolar. O conhecimento dos importantes fatos históricos da comunidade, associados aos planos de aula elaborados para permitir a repercussão sobre o sistema de escrita alfabética, permitiram que as crianças conhecessem o passado do bairro onde está situada nossa instituição e algumas delas residem, ao mesmo tempo em que estavam descobrindo e compreendendo o mundo letrado.

É importante destacar aqui os resultados finais do trabalho realizado com minhas duas turmas, ao final do ano letivo de 2022. A Secretaria Municipal de Educação de Armação dos Búzios trabalha com a proposta de ciclos, nos quais cada um dos componentes curriculares, necessários ao desenvolvimento das aprendizagens dos alunos do 1º, 2º e 3º anos, têm seus objetivos determinados. Dessa forma, os educandos são avaliados considerando seus avanços individuais ao longo desse período. Nas turmas de alfabetização, utilizam-se, também, como critério avaliativo, os níveis para acompanhar a evolução e a compreensão do

sistema alfabético pelas crianças, baseados nas pesquisas desenvolvidas por Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, que aparecem representados no livro “Psicogênese da língua escrita” (1999). Assim, destacam-se aqui: o pré-silábico, quando ocorre a utilização de desenhos, rabiscos, garatujas, letras aleatórias, inclusive misturadas com números, para representar a escrita, ou seja, ainda não há o entendimento de que esta consiste no registro dos elementos sonoros que constituem uma palavra; o nível silábico sem valor sonoro, que é o uso de uma letra arbitrária para fazer referência a cada uma das sílabas; silábico com valor sonoro, que é a utilização de uma das letras pertencentes à sílaba no momento de representá-la; silábico-alfabético, momento em que há certa alternância: ora se assinala a sílaba, ora apenas uma letra para retratá-la e, por fim, alfabético, quando há a correspondência entre as letras e os sons que estas correspondem no momento de escrita das palavras.

Ao final do trabalho realizado, a turma 102 tinha 22 crianças, das quais 18 foram aprovadas. Nesse grupo, 14 estavam alfabéticas e já conseguiam realizar a leitura; 3 encontravam-se no nível silábico-alfabético e 1 no nível silábico com valor sonoro. 4 alunos, que precisariam de mais tempo para consolidar os objetivos de aprendizagem determinados para o ano de escolaridade no qual estavam matriculados, foram reprovados. Estes se encontravam, ainda, nos seguintes níveis de escrita: 2 pré-silábicos, 1 silábico com valor sonoro e 1 silábico sem valor sonoro.

A turma 104, por sua vez, finalizou o ano com 20 alunos inscritos, sendo que apenas 14 foram aprovados. Nesse grupo, 4 crianças estavam silábico-alfabéticas e 10 alfabéticas. 1 aluna ainda não realizava a leitura. Dentre as crianças retidas, 4 permaneceram pré-silábicas, 1 silábica sem valor sonoro e 1 silábica com valor sonoro. Ressalto que um dos alunos da turma parou de frequentar as aulas. Ele apresentava-se na hipótese pré-silábica de escrita.

Neste ano de 2023, percebi uma nova postura da equipe gestora da Escola João José de Carvalho em relação à questão quilombola. Relembro aqui que esse assunto não vinha recebendo a devida atenção nos projetos desenvolvidos dentro desse espaço. De acordo com a organização pedagógica da instituição, todos os professores deveriam incluir em seus planejamentos informações e elementos sobre a história do bairro da Rasa. Tal fato ocorreu porque 16 de março foi instituído como o dia do quilombola dentro do município de Armação dos Búzios. Houve uma movimentação entre os colegas à procura de materiais e tarefas que conseguissem

dar conta da proposta exigida pela escola. No entanto, o que temos, até o momento, sobre a história quilombola local, são pequenos documentários, artigos, dissertações e outros registros que relatam esse assunto, mas ainda não existem atividades elaboradas que consigam associar os fatores históricos às propostas destinadas a auxiliar crianças a aprenderem a ler e a escrever.

A equipe escolar tinha conhecimento sobre a temática da minha pesquisa de Mestrado, na qual eu estava utilizando a cultura quilombola do bairro da Rasa, bem como sua história nos processos de alfabetização das minhas crianças do 1º ano. Dentro da instituição, há outra companheira, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gessiane Ambrósio Nazário, com vasto conhecimento tanto sobre o bairro da Rasa quanto sobre as comunidades vizinhas. Fomos, então, convidadas por uma das diretoras da escola para conversarmos com os colegas sobre o quilombo da Rasa. Como o encontro ocorreria via *Google Meet*, decidimos organizar uma apresentação, na qual a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gessiane ficou incumbida de tratar sobre os fatos históricos e eu sobre como transformá-los em atividades práticas para serem realizadas com os alunos. Nesse dia, compartilhei com o grupo um recorte do estudo que eu estava realizando e algumas das propostas realizadas em aula com as crianças no ano passado. Nossa apresentação recebeu o seguinte título: “História quilombola da Rasa no contexto escolar: desafios e possibilidades”.

Ressalto que o encontro aconteceu às 19h30min da data 14 de março, mas um dia antes, a diretora responsável por sua organização postou um convite no grupo da nossa escola, constando as informações do evento. Este foi estendido à equipe da E. M. Manoel Antônio da Costa e, também, aos diretores do município. Participaram do evento 68 pessoas, dentre as quais constavam professores, diretores, funcionários da Secretaria de Educação, incluindo o secretário. Os materiais apresentados e a explanação que realizamos foram elogiados por algumas pessoas. Acredito que visualizar informações históricas sendo transformadas em atividades práticas ajudou a muitos colegas a perceberem que é algo possível de ser realizado. Além do mais, fiz questão de explicá-los que todas as propostas apresentadas são viáveis de serem incluídas no planejamento, associando-as aos objetivos de aprendizagem que já devem ser contemplados em sala de aula. Apontei que esses elementos não deveriam ser vistos como um trabalho a mais para o professor executar.

No decorrer do mês, outros eventos para o conhecimento e para a

valorização da cultura quilombola ocorreram dentro da escola. Como exemplos, no momento do almoço, uma das refeições servidas foi o peixe com banana, um prato característico do local. Além disso, uma moradora da comunidade, que é uma pescadora quilombola, foi convidada para conversar com as crianças sobre essa prática cultural. No dia da visita, os alunos foram organizados na quadra para ouvi-la. Ela contou-lhes sobre os hábitos que ainda mantém vivos, como a pesca na Praia Gorda e no Mangue de Pedras. Explicou-lhes as técnicas que utiliza e levou alguns instrumentos para mostrá-las. Falou sobre as diferentes espécies de moluscos que podem ser encontrados na praia. Contou sobre as plantações de alimentos e das suas criações de animais, como porcos, galinhas e patos. Inclusive convidou as crianças para visitarem sua pequena fazenda, como ela orgulhosamente nomeou. Durante todo o período de março, fotos com as atividades relacionadas à temática quilombola desenvolvidas com os alunos foram publicadas na rede social da instituição.

Outro fator positivo, em relação à inclusão de elementos históricos da comunidade no cenário escolar, foi a inscrição da nossa escola em um projeto do Ministério da Educação (MEC). O objetivo principal é o resgate da cultura local por meio da culinária quilombola. Entre as propostas de trabalho, constam a revitalização da horta, o envolvimento da comunidade por meio de desafios lançados no *Instagram* da instituição para coletar informações sobre os pratos típicos, a fim de elaborar um livro de receitas. A intenção é selecionar algumas delas, prepará-las com os alunos e fazer uma mostra culinária. Há, também, uma visita programada de todos os alunos ao quilombo de Baía Formosa, bairro vizinho à Rasa, para a aprendizagem sobre o cultivo de alimentos. Para colaborar com esse trabalho, uma das diretoras pediu minha ajuda para a elaboração de um questionário para o levantamento da quantidade de crianças quilombolas matriculadas na escola.

Preciso registrar, no entanto, que, ainda no mês de março, o mural da entrada da escola foi enfeitado com os contornos dos rostos de duas mulheres negras aleatórias. Em frente, uma mesa foi ornamentada com pequenas bonecas e vasos de barro, todos pintados com cores vivas. Nesse caso, não foram utilizados elementos específicos, que serviriam para caracterizar o grupo quilombola da Rasa, mas sim componentes arbitrários, que acabam por generalizar e reforçar a ideia de que todos os grupos são iguais.

Quando penso sobre minhas experiências como ascendente quilombola e meu próprio fazer pedagógico, entendo minha responsabilidade enquanto professora alfabetizadora, que atua no ensino da leitura e da escrita para/com crianças que residem em uma área periférica, constituída por muitos descendentes de indivíduos que foram escravizados, sendo uma grande parcela dessa população composta por pessoas negras. Não havia, até o momento, atividades para alfabetizar, considerando os elementos históricos e culturais da comunidade quilombola da Rasa. Todas foram produzidas por mim, partindo primeiramente da leitura de informações contidas nas pesquisas já realizadas sobre o bairro e, também, nos relatos que coletei junto aos moradores locais, relacionando esses conteúdos aos objetivos de aprendizagem estipulados para as turmas de 1º ano de escolaridade. As atividades produzidas deram origem a um Caderno Pedagógico, elaborado como produto final desta pesquisa. Esse material pode contribuir para auxiliar a proposta pedagógica de outros profissionais na área da educação, que atuam nessas comunidades, repensando e colocando em prática novas maneiras de alfabetizar e, além disso, pode estimulá-los a produzirem seus próprios recursos para utilizarem em sala com seus alunos.

## REFERÊNCIAS

ACCIOLI, N. T. *José Gonçalves da Silva à Nação Brasileira: o tráfico ilegal de escravos no antigo Cabo Frio*. Niterói: FUNARJ/Imprensa Oficial, 2012.

ALMEIDA, M. de. *Devir quilomba: antirracismo, afeto e política nas práticas de mulheres quilombolas*. São Paulo: Elefante: 2022.

ANDRÉ, M. E. A. *Etnografia da prática escolar*. São Paulo: Papirus; 1995.

ANZALDÚA, G. *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*. Revista Estudos Feministas, v.8, nº 1, 2000. Documento eletrônico. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>> Acesso em 30 mar. 2023.

ARROYO, M. G. *Políticas educacionais, igualdade e diferenças*. RBPAE – v.27, n.1, p. 83-94, jan./abr. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em 14 jan. 2022.

\_\_\_\_\_. Resolução nº 8, DE 20 de novembro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Resolução CNE/CEB 8/2012. Diário Oficial da União, Brasília, 21 de novembro de 2012, Seção 1, p. 26. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica>>. Acesso em 14 jan. 2022.

\_\_\_\_\_. Lei Federal nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm)>. Acesso em 14 jan. 2022.

\_\_\_\_\_. Lei Federal nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm)>. Acesso em 14 jan. 2022.

CARDOSO, A. R. *Construção da identidade e território: o caso da comunidade quilombola de Barrinha em São Francisco de Itabapoana/RJ*, Campos dos Goytacazes, 2009. 62p. Monografia (Licenciatura em Geografia), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense. Documento eletrônico. Disponível em <<http://bd.centro.iff.edu.br/jspui/handle/123456789/354>> Acesso em 30 mar. 2023.

CAVALLEIRO, E.(org). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro: 2001.

DENZIN, L. N.; LINCOLN, Y.S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, L. N.; LINCOLN, Y.S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DUBEUX, M. H. S; SOUZA, I. P. D. Organização do trabalho pedagógico por sequências didáticas. In: *Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: planejando a alfabetização; integrando diferentes áreas do conhecimento: projetos didáticos e sequências didáticas: ano 01, unidade 06/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional*. Brasília: MEC, SEB, 2012, p. 27-37.

DUBEUX, M. H. S; TELES, R. Organização do trabalho pedagógico por projetos didáticos. In: *Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: planejando a alfabetização; integrando diferentes áreas do conhecimento: projetos didáticos e sequências didáticas: ano 01, unidade 06/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional*. Brasília: MEC, SEB, 2012, p. 12-26.

FERREIRO E. e TEBEROSKY. A. *Psicogênese da língua escrita*. Tradução Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FRANÇA, R. *O pequeno príncipe preto*; ilustração Juliana Barbosa Pereira. -1. ed. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2020.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_ e MACEDO, D. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. [1.ed. 1987], 8 ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2021a.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. 77 ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, [1.ed. 1968], 2021b.

GOMES, N. L. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GONZÁLES, L. *Mulher negra, essa quilombola*. (1981) Documento eletrônico. Disponível em <<https://livros01.livrosgratis.com.br/cp129431.pdf>> Acesso em 28 abr. 2023.

hooks, bell. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*. São Paulo: Elefante, 2021.

KAYODÊ. *Zumbi, o pequeno guerreiro*. São Paulo: Quilombhoje, 2009.

LUDKE, M., ANDRÉ, M.E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. Rio de Janeiro: E.P.U., 1986.

MINAYO, M. C. de S. Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. de S. (org.) *Pesquisa Social – Teoria, método, criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1993.

MOITA LOPES, L. P. D. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. D. *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006a. p.85-107.

\_\_\_\_\_. Da aplicação de linguística à linguística aplicada indisciplinar. In: PEREIRA R.C; ROCA. P. (Org.). *Linguística aplicada: um caminho em diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 11-24.

\_\_\_\_\_. Uma Linguística Aplicada Mestiça e Ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, L. P. D. *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006b. p.13-44.

MORAIS, A. G. D. *Sistema de escrita alfabética*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

NASCIMENTO, A. *Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.

PARDO, S. F. *A autoetnografia em pesquisas em Linguística Aplicada: reflexões do sujeito pesquisador/pesquisado*. Horizontes de Linguística Aplicada, n.2, 20.

PEREIRA, A. Quem não pode atalhar, arroteia! In Nascimento, Alexandre do. Pereira, Amauri. Oliveira, Luiz Fernandes de. Silva, Selma M. da. (Orgs.). *Histórias, Culturas e Territórios Negros na Educação- Reflexões docentes para uma reeducação das relações étnico-raciais*. Rio de Janeiro: Faperj, 2008.

PINHEIRO, B, C. S. *Como ser um educador antirracista*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

POLLAK, M. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol. 2, Nº 3, 1989, P. 3-15.

QUIPEA. Cartografia do Quipea: quilombo Rasa. Disponível em <<https://online.fliphtml5.com/zliat/tzxl/#p=7>>. Acesso em 22/01/2022.

ROSA, S. *Zum zum zumbiiiiiiii*: história de Zumbi do Palmares para crianças. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

SANTAELLA, L. *Leitura de imagens*. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SANTOS, A. B. *Colonização, quilombos: modos e significações*. Brasília, INCT/UnB, 2015.

SANTOS, A. B. *Somos da terra*. Piseagrama, Belo Horizonte, número 12, página 44 - 51, 2018.

SILVA, J. B. da. *O papel dos mediadores na (re)construção da identidade étnica de duas comunidades quilombolas do Norte Fluminense: Barrinha e Machadinha*. Campos dos Goytacazes, 2009. 124p. Dissertação (Pós-graduação em Sociologia Política), Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro-UENF. Documento eletrônico. Disponível em <<https://livros01.livrosgratis.com.br/cp129431.pdf>> Acesso em 30 mar. 2023.

SILVA, R. A. de A. Currículo e práticas docentes: o encontro na educação escolar quilombola. In: SILVA, Givânia Maria da Silva (Org.) *Educação quilombola: territorialidades, saberes e as lutas por direitos*. São Paulo: Jandaíra, 2021. p. 92 – 99.

SIQUEIRA, A. L. M. T. *Os processos de recuperação e reconstrução de memória histórica na Guatemala: Um recorte a partir das memórias das resistências*. 2015. 193 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades. Universidade de São Paulo, SP, 2015.

SOARES, M. *A reinvenção da alfabetização*. In.: *Presença pedagógica*, v.9, nº. 52, jul/ ago 2003.

\_\_\_\_\_. *Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*. São Paulo: Contexto, 2020a.

\_\_\_\_\_. *Alfabetização e letramento*. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2020b.

SOUZA, E. F. de. Repercussões do discurso pedagógico sobre relações raciais nos PCNs. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.) *Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001. p.39 – 63.

STREET, B. *Letramentos sociais: abordagens críticas no desenvolvimento, na etnografia e na educação*, tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TRIPP, D. *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica*. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, 2005.< <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3>>. Acesso em 9 nov. 2022.

# A DESCOBERTA DA ESCRITA

*Na trilha da História quilombola da  
Rasa*

**Letramentos e  
Alfabetização**

Lilian Jandir

Fonte: <https://es.dreamstime.com/composici%C3%B3n-del-continente-africano>  
Fonte: <http://abadacapoeirabuzios.blogspot.com/2010/04/quilombo-da-rasa-buzios-rj.html>



**1º**  
Ano

Fonte: <http://br.freepik.com/fotos-vetores-gratis/menina-mulher>

# SUMÁRIO

## **APRESENTAÇÃO** ..... 4

### **PRIMEIRA PARTE: Um pouco de História**

Chegada dos portugueses ao Brasil.....	5
Chegada de grupos africanos à Rasa.....	6
Memórias da escravidão.....	7
O quilombo da Rasa.....	8

### **Refletindo sobre a escrita**

Palavra dentro de palavra.....	9
--------------------------------	---

### **SEGUNDA PARTE: Alimentação quilombola**

Alimentos de origem animal e vegetal.....	10
---	----

### **Refletindo sobre a escrita**

Associação grafema/fonema: letras da palavra Quilombo.....	10
Caça-palavras .....	11
Associação grafema/fonema: letra inicial; escrita de palavras.....	12
Associação grafema/fonema: recorte e colagem de letra inicial; escrita de palavras.....	13

### **TERCEIRA PARTE: Personalidades quilombolas da Rasa**

Dona Eva, Dona Uia e João Guelo.....	14
Eva Maria da Conceição Oliveira.....	15
Carivaldina Oliveira da Costa.....	16
João José de Carvalho.....	17

### **Refletindo sobre a escrita**

Troca-letas.....	18
Quebra-cabeças: Eva e Uia.....	19
Associação grafema/fonema: letra inicial.....	20
Sílaba inicial -JO, de João Guelo.....	21
Rima: -ELO, de João Guelo.....	22
Rima: -OLA, de quilombola.....	23

## **QUARTA PARTE: Família quilombola**

Membros da família Oliveira.....	24
----------------------------------	----

## **QUINTA PARTE: Conhecendo o bairro Rasa**

Informações sobre a Rasa.....	25
Memórias quilombolas.....	26

### **Refletindo sobre a escrita**

Análise de imagem: Praça do INEFI/Tia Uia.....	27
Produção escrita: legenda.....	28
Caça-palavras.....	29
Troca-letras.....	30
Sílaba -RA, de Rasa.....	31
Palavra dentro de palavra.....	32
Letras móveis para o nome Rasa.....	33

## **SEXTA PARTE: País Angola**

Mapa do continente africano .....	34
-----------------------------------	----

### **Refletindo sobre a escrita**

Sílabas da palavra Angola.....	35
--------------------------------	----

## **SÉTIMA PARTE: Sequência didática "Zumbi, o pequeno guerreiro", de Kayodê**

Zumbi dos Palmares/ Dia da Consciência Negra.....	36
---	----

### **Refletindo sobre a escrita**

Letras móveis para o nome Zumbi.....	37
Associação grafema/fonema.....	38
Leitura e interpretação.....	39
Leitura e caça-palavras.....	40
Associação grafema/fonema: letra Q.....	41
Associação grafema/fonema: letras D e Z.....	42
Rima: -EIRO, de guerreiro.....	43

<b>REFERÊNCIAS</b> .....	44
--------------------------	----

# APRESENTAÇÃO

Caro estudante,

Este Caderno Pedagógico foi elaborado especialmente para você que faz parte de turmas do 1º ano do Ensino Fundamental e que vai começar uma viagem pelo maravilhoso mundo da leitura e da escrita.

Para que essa jornada seja prazerosa e significativa tanto para você quanto para mim, este material traz alguns elementos que fazem parte da história quilombola da Rasa, local onde está situada nossa Escola Municipal João José de Carvalho e, também, nomes de alguns importantes membros dessa comunidade.

Isso mesmo! Vamos aprender as letras, as sílabas e perceberemos os sons, brincando com as palavras. Vamos refletir juntos sobre a escrita até que você seja capaz de ler e escrever com autonomia. No entanto, faremos tudo isso se inteirando, ao mesmo tempo, de relevantes fatos históricos que aconteceram bem pertinho da gente e que nos ajudam a entender como o bairro da Rasa, no município de Armação dos Búzios/RJ, foi formado. Além disso, conheceremos como os moradores quilombolas contribuíram para a configuração desse território.

Vamos lá? Começemos, então, nossa viagem!

Professora Lilian Jandir

5

OBSERVE A IMAGEM E O MAPA APRESENTADOS. EM SEGUIDA, LEIA A INFORMAÇÃO COM O AUXÍLIO DA SUA PROFESSORA.



Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=p2Duy\\_kZgHI](https://www.youtube.com/watch?v=p2Duy_kZgHI)

QUANDO OS PORTUGUESES CHEGARAM AO BRASIL, ENCONTRARAM VÁRIOS GRUPOS INDÍGENAS.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/293719206927798014/>

6

OBSERVE O CONTORNO DO MAPA DO CONTINENTE AFRICANO E LEIA A INFORMAÇÃO COM O AUXÍLIO DA SUA PROFESSORA.



FONTE: <https://br.pinterest.com/pin/394909461082187000/>

OS PORTUGUESES INVADIRAM A ÁFRICA, APRISIONARAM E ESCRAVIZARAM OS AFRICANOS. MUITOS DELES FORAM TRAZIDOS, À FORÇA, PARA O BRASIL.

7

VEJA OS LUGARES RETRATADOS ABAIXO QUE GUARDAM IMPORTANTES FATOS OCORRIDOS NO PASSADO.



**PRAIA RASA, PRÓXIMA À  
PONTA DO PAI VITÓRIO**

Fonte: <https://cactusexperiencias.com.br/en/produto/pai-vitorio-2/>



**FAZENDA CAMPOS NOVOS**

Fonte: <https://50anos.incra.gov.br/historia-de-antiga-fazenda-colonial->

AS PESSOAS TRAZIDAS DA ÁFRICA PARA SEREM ESCRAVIZADAS DESEMBARCAVAM NA PRAIA RASA, NAS PROXIMIDADES DA PONTA DO PAI VITÓRIO. EM SEGUIDA, ERAM LEVADAS PARA A FAZENDA CAMPOS NOVOS.

# O QUILOMBO DA RASA

O BAIRRO RASA É CONSIDERADO UM QUILOMBO POR ABRIGAR MUITAS FAMÍLIAS DESCENDENTES DE PESSOAS QUE FORAM ESCRAVIZADAS NA FAZENDA CAMPOS NOVOS. ESSE GRUPO É RECONHECIDO COMO QUILOMBOLA.



DESCUBRA O NOME DA FIGURA QUE ESTÁ DENTRO DA PALAVRA ABAIXO. PINTE-A E, EM SEGUIDA, REGISTRE SEU NOME.

# QUILOMBOLA



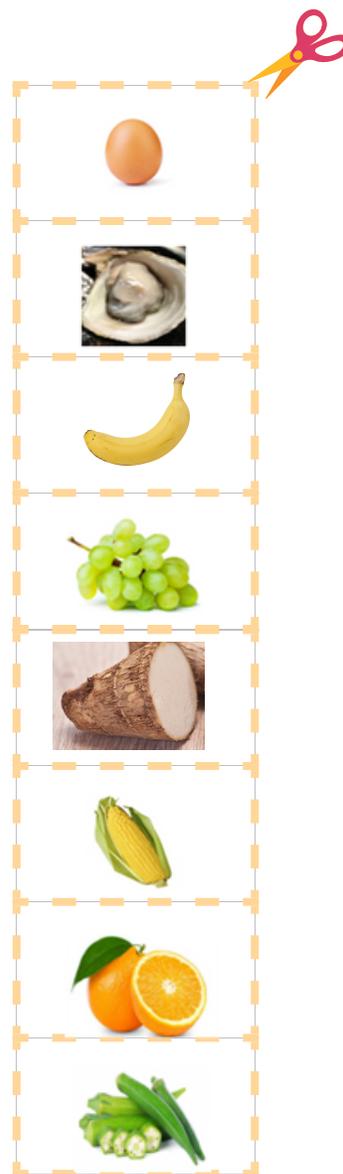
Fonte: Google Imagens

10

MUITOS ALIMENTOS, CONSUMIDOS PELOS QUILOMBOLAS DO BAIRRO RASA, ERAM COLHIDOS DAS SUAS PRÓPRIAS PLANTAÇÕES, VINHAM DOS ANIMAIS QUE ELES CRIAVAM OU ERAM CONSEGUIDOS NA PRAIA.

RECORTE E COLE AS FIGURAS APRESENTADAS, CONSIDERANDO O SOM DAS LETRAS INICIAIS DE SEUS RESPECTIVOS NOMES.

<b>Q</b>	
<b>U</b>	
<b>I</b>	
<b>L</b>	
<b>O</b>	
<b>M</b>	
<b>B</b>	
<b>O</b>	



Fonte: Google Imagens

11

OS QUILOMBOLAS TINHAM CRIAÇÕES DE PORCOS E GALINHAS.  
COSTUMAVAM SAIR PARA CAÇAR TATUS E VEADOS.

LOCALIZE, NO CAÇA-PALAVRAS, OS NOMES DESTACADOS ABAIXO.



**PORCO**



**GALINHA**



**TATU**



**VEADO**

Fonte: Google Imagens

X	P	C	T	A	T	U
J	L	K	X	L	Ç	NE
R	P	O	R	C	O	B
L	Ç	B	T	L	M	B
V	E	A	D	O	Z	C
M	O	I	C	G	J	K
G	A	L	I	N	H	A
B	L	Y	B	N	M	P

12

ABAIXO, APARECEM MAIS ALGUNS EXEMPLOS DE ALIMENTOS QUE OS QUILOMBOLAS DA RASA CULTIVAVAM NAS SUAS PLANTAÇÕES.

CIRCULE A LETRA INICIAL DOS NOMES DE CADA UMA DAS FIGURAS APRESENTADAS. EM SEGUIDA, REGISTRE-OS, NO SEU CADERNO, COM O AUXÍLIO DO SEU RESPONSÁVEL.

	<b>D</b>	<b>B</b>	<b>T</b>
	<b>G</b>	<b>Z</b>	<b>J</b>
	<b>A</b>	<b>H</b>	<b>R</b>
	<b>O</b>	<b>J</b>	<b>G</b>

Fonte: Google Imagens

13

OS QUILOMBOLAS DA RASA COSTUMAVAM PLANTAR SEUS ALIMENTOS E, TAMBÉM, PESCÁ-LOS NO MAR.

RECORTE E COLE AS LETRAS INICIAIS DOS NOMES DAS FIGURAS. EM SEGUIDA, PEÇA AJUDA PARA ESCREVÊ-LOS.

FIGURA	LETRA INICIAL	NOME
		
		
		
		
		

Fonte: Google Imagens



S

F

A

C

P

# PERSONALIDADES QUILOMBOLAS DA RASA



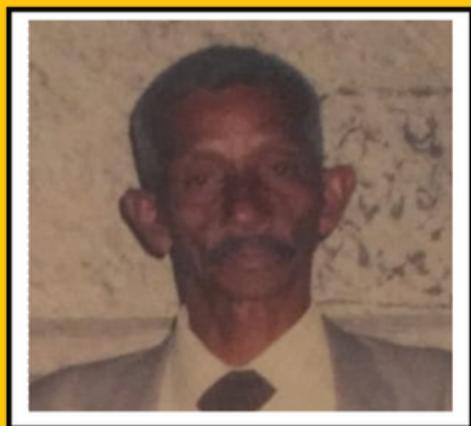
Fonte: <https://prensadebabel.com.br/dona-eva->

**DONA EVA**



Fonte: <https://prensadebabel.com.br/buzios>

**DONA UIA**



Fonte: Imagem cedida por Rosana Gonçalves

**JOÃO GUELO**



Fonte: <https://carlinhosbuzios.wordpress.com/2010/12/01/censo-2010>

## **EVA MARIA DA CONCEIÇÃO OLIVEIRA**

DONA EVA É O MEMBRO QUILOMBOLA MAIS ANTIGO DA COMUNIDADE DA RASA. ELA TEM 112 ANOS E, ASSIM COMO SEUS PAIS, LEONEL E ANTONINA, NASCEU NA FAZENDA CAMPOS NOVOS. SEUS AVÓS FORAM ESCRAVIZADOS NESSE LOCAL.



Fonte: <https://prensadebabel.com.br/>

## **CARIVALDINA OLIVEIRA DA COSTA**

CARINHOSAMENTE CHAMADA DE TIA UIA, ELA ERA FILHA DA DONA EVA E A LÍDER QUILOMBOLA DA RASA. LUTOU PELOS DIREITOS DA COMUNIDADE, COMO O ACESSO À TERRA, A VALORIZAÇÃO DA HISTÓRIA E DA CULTURA DO LUGAR. FALECEU EM 2020, VÍTIMA DA COVID-19.

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Tia\\_Uia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tia_Uia) (Adaptado)



Fonte: Arquivo de Rosana Gonçalves

## **JOÃO JOSÉ DE CARVALHO**

JOÃO GUELO, COMO ERA CONHECIDO, ESTEVE ENVOLVIDO COM QUESTÕES POLÍTICAS DO SEU TEMPO, CHEGANDO A SER ELEITO VEREADOR QUANDO BÚZIOS AINDA PERTENCIA AO TERRITÓRIO DE CABO FRIO. ELE AJUDAVA OS MORADORES E ERA MUITO QUERIDO NA COMUNIDADE. CONTRIBUIU PARA O ASFALTAMENTO DE RUAS E PARA A CHEGADA DA ENERGIA ELÉTRICA NA RASA. FALECEU EM 2001.



## DESAFIO

SE RETIRARMOS A LETRA **E** DO NOME EVA E COLOCARMOS A LETRA **U**, QUAL É A NOVA PALAVRA FORMADA?

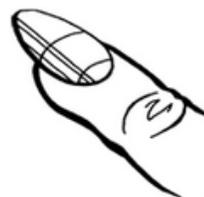


**EVA**

**\_VA**

Fonte: <https://prensadebabel.com.br/dona-eva-de-111-anos-e-a-primeira-idosa-vacinada-em-buzios>

AGORA, LOCALIZE E PINTE ABAIXO A FIGURA QUE REPRESENTA A PALAVRA QUE VOCÊ FORMOU.



# QUEBRA-CABEÇAS

RECORTE E COLE AS IMAGENS APRESENTADAS A SEGUIR NO SEU CADERNO. DEPOIS, FAÇA O REGISTRO DAS PALAVRAS.



Fonte: <https://prensadebabel.com.br/dona-eva->



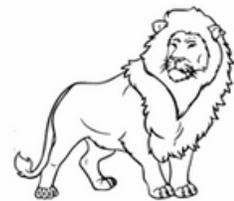
Fonte: <https://kn.org.br/oa/2020/10/20/koinonia-lamenta-a-partida-de-mais-uma-guerreira-quiombola/>

ABAIXO, APARECEM AS IMAGENS E OS NOMES DE ALGUMAS PERSONALIDADES QUILOMBOLAS DA RASA.

PINTE, APENAS, AS FIGURAS CUJOS NOMES COMEÇEM COM AS LETRAS INICIAIS DESTACADAS. EM SEGUIDA, ESCREVA-OS NO SEU CADERNO.



**EVA**



Google Imagens



**UIA**



Google Imagens



**JOÃO GUELO**



Google Imagens

21

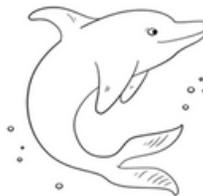
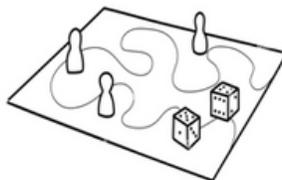
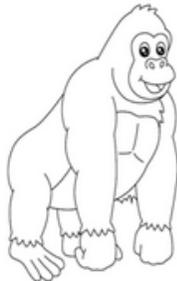
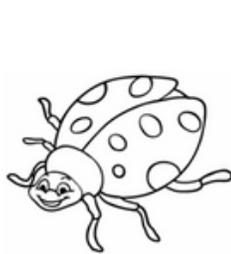
PINTE AS FIGURAS CUJOS NOMES COMECEM COM A SÍLABA DESTACADA ABAIXO. EM SEGUIDA, REGISTRE AS PALAVRAS NO SEU CADERNO.



**JO**

ÃO GUELO

Fonte: Quadro pintado no pátio da escola.



Google Imagens

22

CIRCULE, APENAS, AS FIGURAS CUJOS NOMES RIMEM COM A PALAVRA DESTACADA ABAIXO. EM SEGUIDA, REGISTRE-OS NO SEU CADERNO.



JOÃO GUELO

Fonte: Imagem cedida por Rosana Gonçalves.



Google Imagens

23

MARQUE COM UM  APENAS OS QUADRADINHOS QUE APRESENTAM ACIMA FIGURAS CUJOS NOMES RIMEM COM A PALAVRA DESTACADA. EM SEGUIDA, REGISTRE-OS NOS ESPAÇOS INDICADOS.

# QUILOMBOLA

Google Imagens



















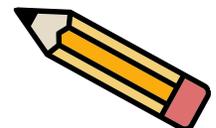










VEJA ABAIXO ALGUNS MEMBROS DOS "OLIVEIRA", TRADICIONAL FAMÍLIA QUILOMBOLA DA RASA.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

**DONA EVA**

**DONA UIA**



Fontes: <http://novacartografiasocial.com.br/memorias-saberes-e-projetos>  
<https://br.pinterest.com/braz2766/meninos/>

**K.**

DONA EVA É \_\_\_\_\_ DA  
 DONA UIA. ENTÃO, DONA UIA  
 É \_\_\_\_\_ DA DONA EVA.  
 K. É \_\_\_\_\_ DA DONA UIA.  
 LOGO, ELA É SUA \_\_\_\_\_.  
 DONA EVA É \_\_\_\_\_ DO K.

**BISAVÓ**

**AVÓ**

**FILHA**

**MÃE**

**NETO**



Fonte: <https://pousadabaiablanca.com.br/>

## RASA

RASA É UM BAIRRO QUILOMBOLA QUE ESTÁ LOCALIZADO NA PERIFERIA DO MUNICÍPIO DE ARMAÇÃO DOS BÚZIOS. MUITOS MORADORES DESSE LOCAL SÃO DESCENDENTES DE PESSOAS NEGRAS QUE VIERAM PREDOMINANTEMENTE DE ANGOLA, PAÍS DO CONTINENTE AFRICANO, PARA SEREM ESCRAVIZADAS NA FAZENDA CAMPOS NOVOS.

# MEMÓRIAS QUILOMBOLAS DO BAIRRO RASA



Fonte: <https://www.folhadoslagos.com>

**PRAÇA DO INEFITIA UIA**



Fonte: <https://www.folhadoslagos.com>

**ESCULTURA EM HOMENAGEM  
AO QUILOMBO**



Fonte: <https://prensadebabel.com.br/inauguracao-da-pracaquilombola>

**PRAÇA QUILOMBOLA**



Fonte: <https://www.facebook.com/JornalFolhadebuzios>

**BUSTO DE DEUSA  
AFRICANA**

OBSERVE A IMAGEM. EM SEGUIDA, MARQUE COM UM  OS QUADRADINHOS COM AS RESPOSTAS CORRETAS.



27  
OS



Fonte: <http://blogadodoslagos.blogspot.com/2016/10/buzios>

O NOME DA PRAÇA É:

PRAÇA QUILOMBOLA

PRAÇA DO INEFI/ TIA UIA

PRAÇA DONA EVA

ESSA PRAÇA ESTÁ LOCALIZADA EM QUAL BAIRRO?

GERIBÁ

MANGUINHOS

RASA

ESCREVA ABAIXO O QUE VOCÊ COSTUMA FAZER NESSE LOCAL.

---



---



---

A LEGENDA É UMA PEQUENA INFORMAÇÃO QUE ESCRIVEMOS PARA EXPLICAR FOTOGRAFIAS E IMAGENS.



Fonte: <https://pt.dreamstime.com/ilustra%C3%A7%C3%A3o-stock>

VAMOS LÁ! AGORA É SUA VEZ! ESCREVA UMA LEGENDA PARA A IMAGEM APRESENTADA A SEGUIR.



Fonte: <https://www.grupobz.com.br/as-esculturas-de-christina-motta>

---

---

---

29

LEIA A INFORMAÇÃO APRESENTADA ABAIXO. EM SEGUIDA, LOCALIZE OS NOMES DESTACADOS NO CAÇA-PALAVRAS.

**RASA** É UM BAIRRO **QUILOMBOLA** QUE ESTÁ LOCALIZADO NA PERIFERIA DO MUNICÍPIO DE ARMAÇÃO DOS **BÚZIOS**. MUITOS MORADORES DESSE LOCAL SÃO DESCENDENTES DE PESSOAS NEGRAS QUE VIERAM PREDOMINANTEMENTE DE **ANGOLA**, PAÍS DO CONTINENTE AFRICANO, PARA SEREM **ESCRAVIZADAS** NA **FAZENDA CAMPOS NOVOS**.

E	Q	X	E	R	Y	U	R	A	S	A
S	U	A	S	D	F	G	H	J	K	N
C	I	C	V	B	N	M	L	Ç	P	G
R	L	Q	E	R	T	Y	U	I	P	O
A	O	Z	X	C	V	B	N	M	L	L
V	M	A	S	D	F	G	H	K	O	A
I	B	Ú	Z	I	O	S	P	U	Y	O
Z	O	Z	X	C	F	D	S	G	H	J
A	L	O	T	Y	J	P	Z	D	F	H
D	A	W	R	T	K	L	Ç	G	F	N
A	Ç	J	M	G	V	D	R	T	P	E
S	Y	F	A	Z	E	N	D	A	J	V



## DESAFIO

SE RETIRARMOS A LETRA **R** DO NOME RASA E COLOCARMOS A LETRA **C**, QUAL É A NOVA PALAVRA FORMADA?



**R**RASA

**\_**ASA

Fonte: <https://pousadabaiaiblanca.com.br/>

AGORA, LOCALIZE E PINTE ABAIXO A FIGURA QUE REPRESENTA A PALAVRA QUE VOCÊ FORMOU.



Google Imagens

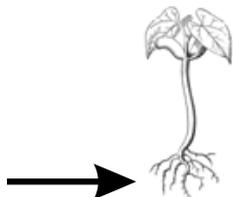
PINTE SOMENTE AS FIGURAS CUJOS NOMES COMECEM COM A SÍLABA DESTACADA ABAIXO. EM SEGUIDA, REGISTRE SEUS RESPECTIVOS NOMES NO CADERNO.



**RA**

**SA**

Fonte: <https://pousadabaiaiblanca.com.br/>

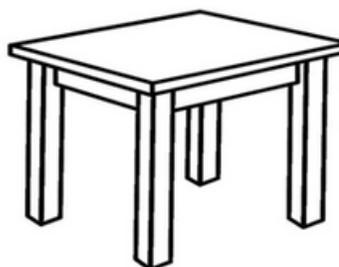
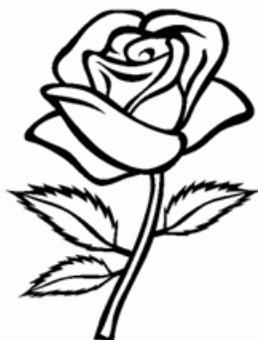


Google Imagens

32

PINTE A FIGURA CUJO NOME ESTÁ ESCONDIDO DENTRO DA PALAVRA DESTACADA ABAIXO. REGISTRE O NOME DESSA IMAGEM NO ESPAÇO INDICADO.

# RASA



Google Imagens

33

RECORTE E COLE AS LETRAS DESTACADAS ABAIXO PARA FORMAR O NOME DO LUGAR ONDE ESTÁ LOCALIZADA A ESCOLA ONDE VOCÊ ESTUDA. DEPOIS, FAÇA UM DESENHO BEM BONITO PARA REPRESENTAR ESSE LUGAR.

## MINHA ESCOLA ESTÁ LOCALIZADA NO BAIRRO

--	--	--	--



A

A

R

S

34

ANGOLA É UM PAÍS QUE PERTENCE AO CONTINENTE AFRICANO. MUITAS PESSOAS NEGRAS TRAZIDAS PARA SEREM ESCRAVIZADAS NA NOSSA REGIÃO VIERAM DE LÁ.

LOCALIZE E PINTE O NOME DO PAÍS ANGOLA NO MAPA ABAIXO.

## ÁFRICA



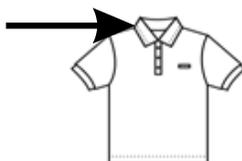
Google Imagens

RECORTE E COLE FIGURAS, CONSIDERANDO O SOM DAS SÍLABAS INICIAIS DE SEUS RESPECTIVOS NOMES. EM SEGUIDA, REGISTRE AS PALAVRAS NO SEU CADERNO.

**AN**

**GO**

**LA**





# Zumbi dos Palmares

Consciência Negra

FONTE: <https://sotaquesbrasilportugal.wordpress.com/2020/11/20/zumbi-dos-palmares/>

## CONSCIÊNCIA NEGRA

20 DE NOVEMBRO CELEBRAMOS A CONSCIÊNCIA NEGRA, DATA ESCOLHIDA POR MARCAR O DIA DA PRISÃO E DO ASSASSINATO DE ZUMBI, LÍDER DO QUILOMBO DOS PALMARES, LOCALIZADO EM ALAGOAS. É TAMBÉM O MOMENTO DE RELEMBRARMOS AS LUTAS E O SOFRIMENTO DA POPULAÇÃO NEGRA, ALÉM DE TODA A SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A CULTURA BRASILEIRA.

37



RECORTE E COLE AS LETRAS NECESSÁRIAS PARA FORMAR O NOME DE UM IMPORTANTE LÍDER QUILOMBOLA BRASILEIRO. EM SEGUIDA, FAÇA UMA ILUSTRAÇÃO PARA REPRESENTÁ-LO.

--	--	--	--	--

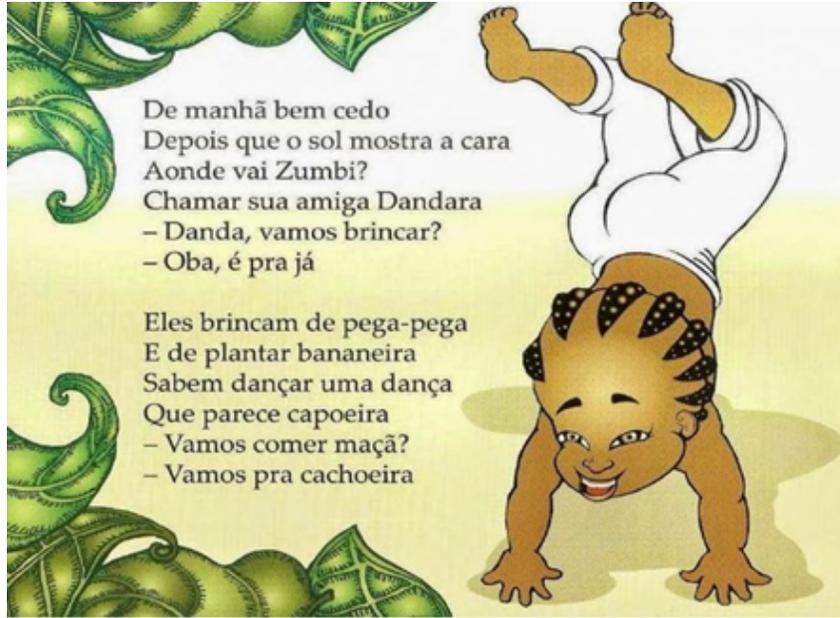


U	B	Z	I	M
---	---	---	---	---

PINTE AS FIGURAS CUJOS NOMES COMECEM COM CADA UMA DAS LETRAS QUE APARECEM EM DESTAQUE. DEPOIS, FAÇA O REGISTRO DE **TODAS** AS PALAVRAS NO SEU CADERNO.

Z			
U			
M			
B			
I			

LEIA O TRECHO DA HISTÓRIA "ZUMBI, O PEQUENO GUERREIRO", DE KAYODÊ, COM A AJUDA DO SEU RESPONSÁVEL. EM SEGUIDA, REGISTRE AS RESPOSTAS PEDIDAS.



Trecho do livro Zumbi, o pequeno guerreiro, de Kayodê.

NOMES DE DUAS PESSOAS:



NOMES DE DUAS BRINCADEIRAS:



NOME DE UMA FRUTA:

LOCALIZE, NO CAÇA-PALAVRAS, OS NOMES DESTACADOS ABAIXO.



**ZUMBI** É UM **MENINO**  
 QUE ADORA BRINCAR  
 E NO ALTO DO MORRO  
 O **QUILOMBO** É O SEU LAR  
 LÁ TEM **BICHOS** E AS PALMEIRAS  
 PROS ADULTOS TEM TRABALHO  
 PRAS **CRIANÇAS**, BRINCADEIRAS

O QUILOMBO DE ZUMBI  
 FICA LONGE DA **CIDADE**  
 TEM NEGRO, BRANCO E ÍNDIO  
 E TODOS TÊM **LIBERDADE**

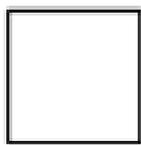
Trecho do livro Zumbi, o pequeno guerreiro, de Kayodê.

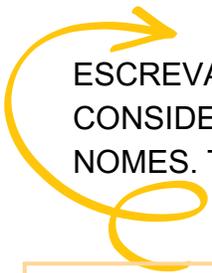
L	I	B	E	R	D	A	D	E
Ç	Q	U	I	L	O	M	B	O
X	C	I	D	A	D	E	P	Z
M	A	O	Q	B	Y	L	J	U
C	R	I	A	N	Ç	A	S	M
M	E	N	I	N	O	A	Ç	B
P	Z	B	I	C	H	O	S	I

ZUMBI FOI LÍDER DO **QUILOMBO** DOS PALMARES, LOCALIZADO EM ALAGOAS.

CIRCULE SOMENTE AS FIGURAS CUJOS NOMES COMECEM COM A MESMA LETRA EM DESTAQUE NA PALAVRA APRESENTADA. EM SEGUIDA, REGISTRE OS NOMES DE TODAS AS IMAGENS NO SEU CADERNO.

# QUILOMBO





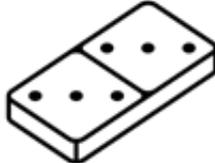
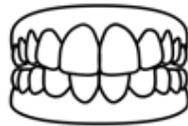
ESCREVA OS NOMES DAS IMAGENS NA TABELA ABAIXO, CONSIDERANDO O SOM DAS LETRAS INICIAIS DE SEUS RESPECTIVOS NOMES. TENHA ATENÇÃO ÀS PALAVRAS DESTACADAS.

**D**ANDARA



**Z**UMBI

Fonte: Livro Zumbi, o pequeno guerreiro, de Kayodê.



Google Imagens

D	Z

ZUMBI DOS PALMARES FOI UM GRANDE **GUERREIRO**, POIS LUTOU PARA QUE SEU POVO PUDESSE VIVER LIVRE DA ESCRAVIDÃO.

RISQUE AS FIGURAS CUJOS NOMES RIMEM COM A PALAVRA DESTACADA. EM SEGUIDA, REGISTRE-OS NO SEU CADERNO.

# GUERREIRO



# REFERÊNCIAS

QUIPEA. *Cartografia do Quipea: quilombo Rasa*. Disponível em <https://online.fliphtml5.com/zliat/tzxl/#p=7>. Acesso em 22/01/2022.

KAYODÊ. *Zumbi, o pequeno guerreiro*. São Paulo: Quilombhoje, 2009.

Este projeto foi editado utilizando a ferramenta Canva.



**APÊNDICE B** – Projeto apresentado à Secretaria de Educação de Armação dos Búzios para autorização de aula-passeio



**BÚZIOS**  
PREFEITURA

**PREFEITURA MUNICIPAL DE ARMAÇÃO DOS BÚZIOS**  
**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA**  
**ESCOLA MUNICIPAL JOÃO JOSÉ DE CARVALHO**

Prof.<sup>a</sup> Lilian Alves Jandir

## **PROJETO**

**Minha comunidade tem história: alfabetização de crianças a partir da cultura quilombola do bairro da Rasa**

Armação dos Búzios  
2022

*(Educadores) “Precisam utilizar o universo cultural de seus alunos como ponto de partida, fazendo com que eles sejam capazes de reconhecer-se [sic] como possuidores de uma identidade cultural específica e importante” (FREIRE, 1987 [2021], p. 149).*

Figura - Escultura em homenagem ao quilombo – bairro Rasa



Fonte: <https://buziosdigital.com.br/quilombo-em-buzios/>

## 1 INTRODUÇÃO

A lei 10.639/03 determina que a história e a cultura africana e afro-brasileira sejam discutidas dentro dos ambientes escolares para evidenciar sua importância para o país. De acordo com essa regulamentação, essas informações devem ser contempladas em unidades públicas e particulares, nos níveis Fundamental e Médio, em todo o território nacional. Assim, questões relacionadas à vida, à história e às contribuições dos negros africanos para a formação do que hoje se configura cultura brasileira precisam estar inseridas no currículo e, dessa forma, ser refletidas e incluídas nas propostas de atividades escolares, de modo interdisciplinar, principalmente no que diz respeito aos componentes de Educação Artística, Literatura e História. Toda a luta dessa população, outrora escravizada, deve ser acrescentada nos materiais de estudo de tal forma que fiquem expostas sua importância na formação da identidade nacional, bem como sua colaboração nos campos social, político e econômico do país.

O bairro da Rasa, situado na parte periférica do município de Armação dos Búzios, é uma área reconhecidamente quilombola por abrigar descendentes de pessoas que vieram do continente africano para serem escravizadas na antiga Fazenda Campos Novos e em outras propriedades da região. Hoje, muitos dos parentes dessas pessoas ainda habitam esse território. Destaca-se que esse local de resistência tem importantes elementos que mantêm viva essa identidade: a escultura em homenagem ao quilombo, fixada no Cruzeiro; a Praça do INEFI, que atualmente traz o nome Tia Uia, como homenagem póstuma a essa importante representante comunitária; a Praça Quilombola, construída na entrada da Praia da Gorda, bem como o Busto de Deusa Africana, que se encontra erguido nesse mesmo espaço. Cabe a escola, enquanto ambiente de interação e aprendizagem, contribuir de maneira eficiente para que a história do bairro, assim como os saberes das pessoas mais antigas onde está situada, sejam discutidos e valorizados.

Este projeto tem como proposta utilizar elementos da cultura da Rasa, bem como as memórias de alguns dos moradores mais velhos, de modo a evidenciar e permitir que as crianças conheçam suas histórias. Dentre as personalidades quilombolas, encontram-se Dona Eva, membro mais antigo do bairro com 112 anos e neta de pessoas que foram escravizadas na Fazenda Campos Novos; Dona Uia, sua filha e líder quilombola, que faleceu vítima da covid-19 em 2020, e João Guelo, patrono da escola, falecido em 2001.

Dessa maneira, todas essas informações serão necessárias para que as crianças aprendam sobre a história onde está situada a escola em que estudam e muitas delas residem, ao mesmo tempo em que refletem sobre o sistema de escrita alfabética, com atividades voltadas para a aprendizagem da leitura e da escrita. Trata-se, portanto, da utilização de ferramentas potentes capazes de auxiliar no processo de alfabetização de crianças em um contexto plenamente significativo.

## **2 JUSTIFICATIVA**

A motivação para a realização deste projeto é implementar de maneira considerável a lei 10.639/03 nas turmas 102 e 104 da E. M. João José de Carvalho. Para tanto, utilizam-se elementos da história local, que se referem à origem do bairro da Rasa, formado por descendentes de pessoas que vieram do continente africano. Apesar de bem novas, as crianças podem conhecer e repercutir sobre os

acontecimentos do bairro para, assim, aprender a admirar a cultura da qual fazem parte.

### **3 OBJETIVOS**

#### **3.1 OBJETIVOS GERAIS**

- ✓ Desenvolver um projeto que valorize tanto a história quilombola do bairro da Rasa quanto a importância de moradores antigos, relacionando-as às aprendizagens de alfabetização de crianças da E. M. João José de Carvalho.

#### **3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- ✓ Conhecer os elementos que marcam a história da comunidade, bem como fatos da vida de pessoas importantes para o bairro como Dona Eva, Dona Uia e João Guelo;
- ✓ Refletir sobre o sistema de escrita alfabética, utilizando elementos da história local e os nomes de membros da comunidade da Rasa.

### **4 PÚBLICO ATENDIDO**

O projeto visa atender 42 alunos do 1º ano da E. M. João José de Carvalho, pertencentes às turmas 102 e 104 dos turnos manhã e tarde, respectivamente. As crianças apresentam idades que variam entre 6 e 7 anos. Algumas são moradoras do bairro da Rasa, enquanto outras residem nas proximidades.

### **5 CRONOGRAMA**

O projeto teve início do mês de março e está sendo desenvolvido no decorrer do ano letivo de 2022. As atividades são realizadas dentro da escola, mas para complementar as discussões e propostas de leitura, escrita e ilustrações implementadas será necessária a realização de uma aula-passeio, com visita guiada à Praça Quilombola e à Fazenda Campos Novos, espaços que as crianças ainda não frequentaram.

### 5.1 PROPOSTAS DE DATAS/TURNOS PARA A AULA-PASSEIO

- ✓ OPÇÃO 1: 25/11/2022 – turnos manhã e tarde
- ✓ OPÇÃO 2: 09/12/2022 – turnos manhã e tarde

No dia escolhido para a aula-passeio, será necessário que a Secretaria de Educação disponibilize um ônibus para que o grupo chegue à Praça quilombola e à Fazenda Campos Novos. Além disso, é importante a presença de um guia para conversar com os alunos sobre a relevância histórica que esses espaços representam, no sentido de valorizar e reconhecer a cultura quilombola local.

### REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo e MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. [1.ed. 1987]. 77 ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2021. 256p.

#### Legislação

Lei Federal nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.

## ANEXO A – Termo de autorização institucional

TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

PESQUISA: Alfabetização e letramento de crianças quilombolas em pauta: repensando o contexto escolar em Armação dos Búzios

Responsável: Lilian Alves Jandir

Eu, Andréa Batista de Araújo, responsável pela Instituição E.M. João José de Carvalho, declaro que fui informado (a) dos objetivos da pesquisa acima, e concordo em autorizar a execução da mesma nesta instituição. Caso necessário, podemos revogar esta autorização, a qualquer momento, se comprovadas atividades que causem algum prejuízo a esta instituição ou ao sigilo da participação dos integrantes desta instituição. Declaro, ainda, que não recebemos qualquer tipo de remuneração por esta autorização, bem como os participantes também não o receberão. E asseguramos que possuímos a infraestrutura necessária para o realização/desenvolvimento da pesquisa.

A pesquisa só terá início nesta instituição após apresentação do **Parecer de Aprovação por um Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos**.

Rio de Janeiro, 08 de agosto de 2022

Andréa Batista de Araújo,  
Diretora Geral  
Mat. 2671

Andréa  
Responsável pela Instituição (assinatura e carimbo legível)

Se desejar qualquer informação adicional sobre este estudo, envie uma mensagem:  
Lilian Alves Jandir, [lilianjandir@outlook.com](mailto:lilianjandir@outlook.com), (22) 9971-40437

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: [etica@uerj.br](mailto:etica@uerj.br) - Telefone: (021) 2334-2180. O CEP COEP é responsável por garantir a proteção dos participantes de pesquisa e funciona as segundas, quartas e sextas-feiras, das 10h às 12h e 14h às 16h.

**ANEXO B – Termo destinado aos profissionais da escola****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada “Alfabetização e letramento de crianças quilombolas em pauta: repensando o contexto escolar em Armação dos Búzios”, conduzida por Lilian Alves Jandir. Este estudo tem como objetivo principal analisar os processos de aquisição da leitura e da escrita de crianças do 1º ano do Ensino Fundamental I, destacando como os elementos da cultura local podem contribuir significativamente para essas aprendizagens. O referido estudo será realizado na Escola Municipal João José de Carvalho, localizada na comunidade quilombola da Rasa, no município de Armação dos Búzios, RJ.

Você foi selecionado (a) por ser um (a) profissional do (a) escola. Por isso, pode contribuir de maneira significativa para este estudo, colaborando com informações sobre o modo como a história local é refletida dentro dessa instituição. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

A pesquisa a ser desenvolvida apresenta riscos mínimos aos participantes, dentre os quais se destacam: timidez para responder aos questionamentos, receio de ser reconhecido ou a ocorrência da quebra de sigilo. Destaca-se, entretanto, que apenas a pesquisadora terá acesso às informações descritas. Além disso, todos os procedimentos éticos serão providenciados durante a realização do estudo para a proteção dos indivíduos envolvidos.

Sua participação na pesquisa não é remunerada nem implicará em nenhum gasto para os participantes.

Seu envolvimento neste estudo consistirá em responder a perguntas acerca da sua vida profissional; sua formação acadêmica; seu conhecimento a respeito do passado da comunidade; o entendimento acerca das legislações e dos documentos em torno das propostas de ensino para crianças de comunidades quilombolas e, também, sobre o modo como a memória quilombola é tratada dentro do ambiente escolar. A entrevista será realizada pela própria pesquisadora no ambiente decidido em comum acordo com o (a) participante, tendo, aproximadamente, 1 hora de duração. É relevante destacar que esta será gravada para posterior transcrição.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação.

A pesquisadora responsável se compromete a tornar públicos, nos meios acadêmicos e científicos, os resultados obtidos de forma consolidada.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua e a outra da pesquisadora responsável/coordenadora da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional da pesquisadora responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Contatos da pesquisadora responsável: Lilian Alves Jandir, professora, tel. (22) 997140437, e-mail: [lilianjandir@outlook.com](mailto:lilianjandir@outlook.com) - E. M. João José de Carvalho, Estrada da Marina, s/nº, Rasa, Armação dos Búzios, RJ, tel. (22)2623-8778.

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com a pesquisadora responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: [etica@uerj.br](mailto:etica@uerj.br) - Telefone: (021) 2334-2180. O CEP COEP é responsável por garantir a proteção dos participantes de pesquisa e funciona às segundas, quartas e sextas-feiras, de 10h às 12h e 14h às 16h.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Rio de Janeiro, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

Nome do (a) participante: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Nome do (a) pesquisador: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

**ANEXO C – Termo destinado aos moradores da comunidade****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada “Alfabetização e letramento de crianças quilombolas em pauta: repensando o contexto escolar em Armação dos Búzios”, conduzida por Lilian Alves Jandir. Este estudo tem como objetivo principal analisar os processos de aquisição da leitura e da escrita de crianças do 1º ano do Ensino Fundamental I, destacando como os elementos da cultura local podem contribuir significativamente para essas aprendizagens. O referido estudo será realizado na Escola Municipal João José de Carvalho, localizada na comunidade quilombola da Rasa, no município de Armação dos Búzios, RJ.

Você foi selecionado (a) por ser um (a) morador (a) do bairro e, também, por ser quilombola. Por isso, pode contribuir de maneira significativa para este estudo, colaborando com informações sobre a história local. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

A pesquisa a ser desenvolvida apresenta riscos mínimos aos participantes, dentre os quais se destacam: timidez para responder aos questionamentos, receio de ser reconhecido ou a ocorrência da quebra de sigilo. Destaca-se, entretanto, que apenas a pesquisadora terá acesso às informações descritas. Além disso, todos os procedimentos éticos serão providenciados durante a realização do estudo para a proteção dos indivíduos envolvidos.

Sua participação na pesquisa não é remunerada nem implicará em nenhum gasto para você.

Seu envolvimento neste estudo consistirá em responder a perguntas relacionadas à história da comunidade, à formação do bairro, à vida nessa área quilombola do município, bem como ao território e à cultura local. A entrevista será realizada pela própria pesquisadora no ambiente decidido em comum acordo com o (a) participante, tendo, aproximadamente, 1 hora de duração. É relevante destacar que esta será gravada para posterior transcrição.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação.

A pesquisadora responsável se compromete a tornar públicos, nos meios acadêmicos e científicos, os resultados obtidos de forma consolidada.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua e a outra da pesquisadora responsável/coordenadora da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional da pesquisadora responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Contatos da pesquisadora responsável: Lilian Alves Jandir, professora, tel. (22) 997140437, e-mail: [lilianjandir@outlook.com](mailto:lilianjandir@outlook.com) - E. M. João José de Carvalho, Estrada da Marina, s/nº, Rasa, Armação dos Búzios, RJ, tel. (22)2623-8778.

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com a pesquisadora responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: [etica@uerj.br](mailto:etica@uerj.br) - Telefone: (021) 2334-2180. O CEP COEP é responsável por garantir a proteção dos participantes de pesquisa e funciona às segundas, quartas e sextas-feiras, de 10h às 12h e 14h às 16h.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Rio de Janeiro, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

Nome do (a) participante: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Nome do (a) pesquisador: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

**ANEXO D – Termo destinado aos responsáveis dos alunos****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

O menor sob sua responsabilidade está sendo convidado (a) participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada “Alfabetização e letramento de crianças quilombolas em pauta: repensando o contexto escolar em Armação dos Búzios”, conduzida por Lilian Alves Jandir. Este estudo tem como objetivo principal analisar os processos de aquisição da leitura e da escrita de alunos do 1º ano do Ensino Fundamental I, pertencentes a uma escola pública, localizada na comunidade quilombola da Rasa, destacando como os elementos da cultura local podem contribuir significativamente para essas aprendizagens.

Ele/Ela foi selecionado (a) por pertencer a uma das turmas, 102 ou 104, da E. M. João José de Carvalho. A participação não é obrigatória. A qualquer momento, ele/ela poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. A recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

A pesquisa a ser desenvolvida apresenta riscos mínimos aos participantes. Serão realizados desenhos, atividades de escrita e discursos pelos alunos no decorrer do projeto. Destaca-se que esses materiais não serão identificados. Apenas a pesquisadora terá acesso a essas informações. Todos os procedimentos éticos serão providenciados durante a realização do estudo para a proteção dos participantes, minimizando, desta forma, o risco de sua exposição.

A participação na pesquisa não é remunerada nem implicará em gastos para os participantes.

O envolvimento neste estudo consistirá no desenvolvimento das competências de leitura e de escrita dos alunos, considerando fatos da história quilombola do bairro da Rasa e será realizado durante as aulas de Língua Portuguesa, Geografia e História. Pretende-se apresentar elementos da cultura local, bem como a memória dos moradores mais antigos, que serão incluídos nas atividades de escrita, leitura e ilustração, de modo a auxiliar na reflexão do sistema de escrita alfabética e nos seus usos para atender às demandas sociais.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa não serão expostos em nível individual, visando assegurar o sigilo de participação.

O pesquisador responsável se compromete a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação dos indivíduos participantes.

Caso você autorize o menor sob sua responsabilidade a participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua e a outra da pesquisadora responsável/coordenadora da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional da pesquisadora responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto, agora ou a qualquer momento.

Contatos da pesquisadora responsável: Lilian Alves Jandir, professora, tel. (22) 997140437, E. M. João José de Carvalho, Estrada da Marina, s/nº, Rasa, Armação dos Búzios, RJ, tel. (22)2623-8778.

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com a pesquisadora responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: [etica@uerj.br](mailto:etica@uerj.br) - Telefone: (021) 2334-2180. O CEP COEP é responsável por garantir a proteção dos participantes de pesquisa e funciona às segundas, quartas e sextas-feiras, de 10h às 12h e 14h às 16h.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação do menor sob minha responsabilidade nesta pesquisa e autorizo sua participação.

Rio de Janeiro, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

Nome do participante menor: \_\_\_\_\_

Nome do (a) Responsável: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Nome do (a) pesquisador: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_